

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

Entre o planejado e o vivido: um estudo de caso sobre o residencial Ana Terra na cidade de Pelotas/RS

Alice da Conceição Teixeira

Pelotas, 2023.

Alice da Conceição Teixeira

**Entre o planejado e o vivido: um estudo de caso sobre o residencial Ana
Terra na cidade de Pelotas/RS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de conhecimento: História da Arquitetura e Urbanismo.

Linha de pesquisa: Teoria, História, Patrimônio e Crítica.

Orientadora: Louise Prado Alfonso
Coorientadora: Ana Lúcia Costa de Oliveira

Pelotas, 2023.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T266e Teixeira, Alice da Conceição

Entre o planejado e o vivido : um estudo de caso sobre o Residencial Ana Terra na cidade de Pelotas/RS / Alice da Conceição Teixeira ; Louise Prado Alfonso, orientadora ; Ana Lúcia Costa de Oliveira, coorientadora. – Pelotas, 2023.

154 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Interdisciplinaridade na arquitetura. 2. Residencial Ana Terra. 3. Ascensão social. 4. Campo de possibilidades. 5. Individualismo. I. Alfonso, Louise Prado, orient. II. Oliveira, Ana Lúcia Costa de, coorient. III. Título.

CDD : 720

Alice da Conceição Teixeira

Entre o planejado e o vivido: um estudo de caso sobre o residencial Ana Terra na cidade de Pelotas/RS

Data da defesa: 21/08/2023.

Banca examinadora:

.....
Profa. Dra. Louise Prado Alfonso (Orientadora)

.....
Profa. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira (Coorientadora)

.....
Profa. Dra. Adriana Portella

.....
Prof. Dr. Eduardo Rocha

.....
Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth

Dedico este trabalho à minha mãe, Adriana da Conceição, e a Wendel Gibbon, por todo auxílio e parceria ao longo deste projeto.

Agradecimentos

Agradeço aos interlocutores e interlocutoras desta pesquisa, que me apresentaram suas residências e compartilharam comigo um pouco de seus cotidianos, de suas histórias e também de suas memórias. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

À orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Louise Prado Alfonso, por acreditar nesta proposta, por todo conhecimento compartilhado, por todo incentivo, carinho e amizade ao longo desta trajetória – minha dupla no universo da Arquitetura e Urbanismo. À Profa. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira, coorientadora desta dissertação, por aceitar este desafio e me ensinar tanto, com tanta dedicação e entusiasmo, partilhando sua longa experiência profissional, seus livros e sua paixão pela Arquitetura.

Aos integrantes da banca, Profa. Dra. Flávia Rieth, Profa. Dra. Adriana Portella e Prof. Dr. Eduardo Rocha, por disponibilizarem tempo e conhecimentos para contribuir com este trabalho.

Aos colegas do Margens: Grupos em Processos de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas, em especial, Ingrid Santana, Marceli Santos, Nina Acácio, Martha Rodrigues, Gabriela Pecantet e João Mansur, por acolherem este projeto desde sempre, por toda a amizade e pelas sempre gentis palavras de incentivo e confiança.

Às amigas e arquitetas Melina Monks e Franciele Fraga, por tudo que me ensinaram e por todo auxílio desde o início desta pesquisa. Este trabalho não seria o mesmo sem vocês.

Aos meus colegas de mestrado, por todas as partilhas entre Arquitetura, Antropologia e Arqueologia, em especial, Larissa, José Alberto e Matheus.

À minha família, por todo apoio ao longo da minha trajetória acadêmica, em especial à minha mãe, que nunca mediu esforços para que eu realizasse os meus sonhos, e à minha irmã Luiza Rosa, fotógrafa oficial de todas as minhas pesquisas e apoiadora inestimável dos meus projetos.

Às minhas amigas e amigos, por todo incentivo e carinho ao longo deste percurso, por compreenderem tantas ausências e torcerem tanto por mim, em especial à Nathália Maio, Marielle Gautério e Diego de Hungria.

A Wendel Gibbon, por toda ajuda, parceria e incentivo ao longo desta jornada, por todas as palavras de carinho, paciência e torcida.

A todos aqueles e aquelas que eu tenha esquecido de mencionar aqui, mas que de uma forma ou outra contribuíram para a construção deste trabalho.

Um modo útil de pensar sobre o tema, quanto à habitação, é refletir sobre os vários significados da palavra acomodação. Ela fala da necessidade que temos de encontrar acomodação no sentido de um lugar para viver, e acomodação pode abranger muitos lugares desse tipo, de casas que possuímos a formas temporárias alugadas, como acomodações estudantis. Em segundo lugar, ela também envolve um processo de acomodação no sentido de uma apropriação da casa por seus habitantes. Menos óbvio é que este segundo significado seja recíproco. Ele pode implicar as mudanças que fazemos para adaptar uma casa às nossas necessidades, mas também a necessidade de mudar a nós mesmos para nos adaptarmos à acomodação. Em terceiro, o termo acomodação expressa um sentido de propensão, de acordo benigno, de compromisso no interesse do outro, muitas vezes o único espírito em que a acomodação é alcançada. Ao considerarmos nossa relação com o lar por meio do termo acomodação, não encaramos a casa como uma coisa, mas como um processo. Ser acomodatício e ser acomodado é algo em que estamos constantemente engajados. (MILLER, 2013).

Resumo

TEIXEIRA, Alice da Conceição. **Entre o planejado e o vivido:** um estudo de caso sobre o residencial Ana Terra na cidade de Pelotas/RS. Orientadora: Louise Prado Alfonso. 2023. Dissertação 159p. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

A Arquitetura representa um importante meio de análise social. Proponho aqui uma análise multidisciplinar sobre o Residencial Ana Terra – Pelotas/RS. O condomínio foi construído entre 1984 e 1985, contando com oito blocos e diferentes plantas. É importante entender se essas construções atendem as necessidades e pluralidades das famílias que ali vivem para sabermos se estamos, ou não, produzindo uma arquitetura efetiva, que melhora a vida das pessoas e atende as demandas de habitantes. É através do diálogo entre áreas que proponho pensar o residencial, a partir de conceitos como: ascensão social, campos de possibilidades e individualismo. O objetivo desta pesquisa é compreender o que estava sendo planejado na hora da construção do residencial e o que está sendo experienciado, vivido e transformado por moradoras e moradores. Será que as pessoas seguem o plano de necessidades? O que motiva transformações, liberdade econômica ou necessidade? Fez-se necessária uma revisão bibliográfica que perpassou por diferentes áreas do conhecimento científico. O trabalho ainda contou com a realização de entrevistas, relatos enviados por interlocutoras e interlocutores, saída de campo e levantamento de material na Bibliotheca Pública Pelotense e na Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana. Isso resultou em um ensaio etnográfico do residencial que considerou desde a elaboração do projeto do condomínio até o habitar na atualidade. Sem diferenças, não existe interação, e são as reconfigurações dos espaços e os elementos construídos que constituem essa interação, construindo simbolismos de hierarquização, individualização e diferenciação. Ao morar nesse condomínio, a pessoa acessa mais do que uma casa própria, mas também garagens e áreas coletivas de lazer, como piscina, salão de festas e *playground*. A realização deste trabalho permitiu observar e demonstrar que nem sempre os espaços são utilizados como foram planejados por arquitetas e arquitetos e que o residencial é ocupado por grupos com rendas econômicas distintas. Não menos importante é a constatação de que a arquitetura alimenta o campo de possibilidades de habitantes na busca por ascensão, além de materializar os mecanismos de diferenciação, individualização e segregação.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade na Arquitetura. Residencial Ana Terra. Ascensão Social. Campo de possibilidades. Individualismo.

Abstract

TEIXEIRA, Alice da Conceição. Between the Planned and the Lived: A Case Study on the Ana Terra Residential Complex in Pelotas, RS. Advisor: Louise Prado Alfonso. 2023. Dissertation. 159p. (Master's in Architecture and Urbanism) - Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

Architecture represents an important means of social analysis. I propose here a multidisciplinary analysis of Residencial Ana Terra - Pelotas/RS. The condominium was built between 1984 and 1985, has eight different blocks and floor plans. It is important to understand that these constructions meet the needs and pluralities of the families that live there, so that we can know whether or not we are producing effective architecture that improves people's lives and meets the demands of its inhabitants. It is through dialogue between areas that I propose to think about Residential, based on concepts such as: social ascension, fields of possibilities and individualism. The objective of this research is to understand what was being planned at the time of construction of the residential and what was/is being experienced, lived and transformed by the residents. Will people follow the needs plan? What motivates transformations, economic freedom or necessity? A bibliographic review was necessary, covering different areas of scientific knowledge. The work also involved conducting interviews, reports sent by interlocutors, field trips and surveying material at the Pelotense Public Library and at the Municipal Secretariat for City Management and Urban Mobility. Which resulted in an ethnographic essay of the Residential that considers the process, which involves everything from the development of the condominium project to living in the present day. Without differences there is no interaction, the reconfiguration of spaces and the elements that will be built specifically for this interaction, build symbolisms of hierarchization, individualization and differentiation. By living in this condominium, the person has access to more than one's own house, but also garages and collective leisure areas, such as a swimming pool, ballroom and playground. Carrying out this work allowed me to observe and demonstrate that spaces are not always used as planned by the architect and that the residential is occupied by groups with different economic incomes. No less important is the finding that Architecture feeds the inhabitants' field of possibilities and their search for ascension, it also materializes the mechanisms of differentiation, individualization and segregation.

Keywords: Interdisciplinarity in Architecture. Residential Ana Terra. Social Ascension. Field of possibilities. Individualism.

Lista de Figuras

Figura 1	O estado do Rio Grande do Sul.	22
Figura 2	A cidade de Pelotas.	23
Figura 3	Localização do Residencial Ana Terra.	23
Figura 4	Mapa urbano de Pelotas.	24
Figura 5	Saída de campo no Ana Terra.	26
Figura 6	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra I..	26
Figura 7	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra II.	27
Figura 8	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra III.	27
Figura 9	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra IV.	28
Figura 10	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra V.	28
Figura 11	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra VI.	29
Figura 12	Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra VII.	29
Figura 13	Anúncio publicitário I.	41
Figura 14	Anúncio publicitário II.	42
Figura 15	Anúncio publicitário III.	43
Figura 16	Anúncio publicitário IV.	44
Figura 17	Foto I da casa da interlocutora F.	74
Figura 18	Foto II da casa da interlocutora F.	74
Figura 19	Foto III da casa da interlocutora F.	75
Figura 20	Foto IV da casa da interlocutora F.	75
Figura 21	Fachada do Residencial Ana Terra.	83
Figura 22	Garagens no Residencial Ana Terra.	95

Figura 23 Cobrança mensal do condomínio.....	102
Figura 24 Colagem Residencial Ana Terra.....	110

Lista de Siglas

BNH	Banco Nacional da Habitação
COHAB	Companhia de Habitação Popular
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEEUR	Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos
IFSul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PROGRAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Antecedentes	1
Introdução	9
2.1 Caminhos metodológicos	18
Capítulo 3: Residencial Ana Terra	22
3.1 Residencial Ana Terra: o planejado	30
3.2 Residencial Ana Terra: o vendido	38
Capítulo 4: Residencial Ana Terra – o vivido	47
Capítulo 5: A partir das cozinhas – algumas reflexões sobre o Ana Terra	
104	
Considerações finais	118
Referências.....	126
Apêndices.....	134
Anexos.....	137

Antecedentes

Cara leitora e caro leitor, antes de seguirem nesta leitura, quero me apresentar mais detalhadamente, julgando ser importante contar o que me trouxe até aqui, como cheguei ao tema. Eu sou Alice, hoje mestra em Arquitetura e Urbanismo, mas uma não arquiteta. Com isso, talvez, você esteja se perguntando o que tantas vezes me perguntei ao longo desta jornada: afinal, o que é que eu estou fazendo aqui?

Bom, para explicar isso, faço um recuo, voltando aos tempos de minha primeira graduação, em Arqueologia. No meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei e escrevi sobre as trabalhadoras da indústria pesqueira em São José do Norte, município onde nasci e ainda moro. Uma das coisas que estudei e analisei naquele trabalho foi a arquitetura, destacando a ausência de janelas nas salas de tarefa¹, a distância dos banheiros, os postos de vigia, enfim, eu observava que determinados elementos arquitetônicos condicionavam a forma de trabalho daquelas mulheres, aliados a questões históricas relacionadas a temas como trabalho, gênero, questões ambientais e afins. Para mim, não havia como construir uma história das trabalhadoras da indústria de peixe sem abarcar diferentes áreas do conhecimento.

Inicialmente, eu tinha pensado em escrever o projeto de mestrado concomitantemente ao trabalho de conclusão de curso, mas isso acabou não acontecendo. Concluí minha graduação em Arqueologia numa semana e, na outra, fui chamada para o curso de licenciatura em História, mesmo que o desejo de seguir para o mestrado ainda estivesse presente. Uma semana após as aulas do curso de História terem começado, a pandemia de covid-19 havia chegado ao Brasil. Com isso, as aulas estavam suspensas.

Foi naquele momento que eu comecei a participar das reuniões do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processo de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas e do Projeto de Extensão Mapeando a Noite: o universo travesti, ambos coordenados pela Profa. Dra. Louise Prado Alfonso e vinculados ao Grupo de Estudos Etnográficos e Urbanos (GEEUR). As reuniões dos projetos estavam acontecendo de forma remota, também em função da pandemia.

¹ A sala de tarefa é onde as tarefeiras (mulheres que trabalham com o peixe por tarefa) executam as suas atividades. Um exemplo de tarefa é limpar uma banheira de camarão.

Foi dentro dos projetos, das produções coletivas, e em pleno isolamento social, que meu projeto de mestrado foi construído. Primeiramente, minha ideia era estudar cozinhas em geral; depois, delimitei o estudo a cozinhas na cidade de Pelotas. Minhas pesquisas foram nesse sentido até o momento da qualificação, quando apresentei uma série de cozinhas que surgiram em minhas ações junto aos projetos citados ao longo do ano de 2020, quando me dedicava à escrita da proposta para a seleção do mestrado, e durante o ano de 2021, meu primeiro ano como aluna do PROGRAU.

Como compreendo que reside na interdisciplinaridade a possibilidade de construir uma análise muito mais ampla e contextualizada, o trabalho que desenvolvi estava pautado em diversas áreas do conhecimento. Arquitetura, Antropologia, História e Arqueologia caminharam simultaneamente nesta proposta, que se tornou educativa. O trabalho que vocês lerão a seguir não é mais a proposta inicial, mas partiu dela, pois, como é de se esperar, o trabalho cresceu, ganhou corpo teórico e também sofreu recortes.

Ainda, preciso salientar que minha escolha inicial de trabalhar com a cozinha como tema central desta pesquisa não foi por acaso. Na época da graduação, eu já trabalhava com a venda informal de chocolates artesanais e, no meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei sobre as tarefeiras, mulheres que davam vida às fábricas de peixe no município de São José do Norte, como mencionado acima. Foi naquele período que comecei a pesquisar e estudar sobre gênero. Aquelas mulheres, em geral com rendas precárias, deixavam suas filhas e seus filhos em casa para enfrentar o mundo do trabalho fora do lar, em condições insalubres, como demonstrei ao longo do trabalho ao analisar as plantas baixas das fábricas.

Saffioti (2009, p. 1) aponta que “o gênero é socialmente construído, desde que se considere o substrato material – corpo – sobre o qual a sociedade atua”, e, nesse sentido, o corpo feminino é historicamente subalternizado na sociedade patriarcal na qual estamos inseridas. Além da questão de gênero, questões de raça e classe também estão presentes nas cozinhas e fábricas brasileiras. Assim, é a partir do controle e manipulação dos corpos femininos, em especial os corpos femininos das negras, que eu compreendo a consolidação da ideia da mulher como aquela que serve, que cuida, que limpa.

Ainda em março de 2020, quando a pandemia estava apenas começando e as aulas, suspensas, eu decidi que iria fazer doces para vender. Seguindo os protocolos de distanciamento, as pessoas pegariam os doces na porta da minha casa. Eu estaria ocupada e gerando uma renda, afinal, estava desempregada. O trabalho informal não dialoga com a burocracia e, no outro dia, eu já estava cozinhando e anunciando os produtos. Em um mês, porém, já estava exausta, pois, quando não estava produzindo e vendendo, estava higienizando a cozinha, nas filas do mercado ou lavando o que vinha do mercado. Era um trabalho sem fim. Eu não tinha tempo para mais nada, só vivia na cozinha. E foi naquele momento que comecei a construir uma proposta inicial: aquele trabalho exaustivo não era só meu, e eu queria entender quem se responsabilizava pela cozinha das pessoas e de que forma isso influenciava seus cotidianos. Além disso, durante a pandemia, os cômodos da casa foram alterados, e a cozinha acompanhou esse movimento: para uns, funcionou como escritório; para outros, como sala de aula e assim por diante, de acordo com a necessidade de cada indivíduo.

Acontecimentos do cotidiano foram inquietantes e me fizeram olhar para a cozinha, mas isso não torna este trabalho simples ou insignificante. Quando observamos o dia a dia, estamos olhando para o que realmente constitui a vida das pessoas. Além disso, eu sou mulher e quem de nós nunca ouviu: “Já sabe cozinhar, está pronta para casar?” De onde vem essa construção de que a mulher é a responsável pela manutenção do lar? Como ela se mantém até hoje?

Eu busquei me aproximar das pessoas e compreender a forma como elas se relacionam com a cozinha. Na Antropologia, o processo de observação é extremamente relevante, no entanto, isso ampliou ainda mais a minha proposta e a minha ideia individual de cozinha. Por intermédio de algumas interlocutoras e de alguns interlocutores, percebi que a cozinha, como espaço, vai além de sua funcionalidade, abrigando agentes humanos e não humanos, e, principalmente na pandemia, reconfigurando-se de acordo com a necessidade de moradoras e moradores. Tim Ingold (2012, p. 35) reconhece ainda que, em um ambiente como a cozinha, as coisas têm agência e extrapolam o controle humano:

Na cozinha, as coisas são misturadas em combinações variadas, gerando nesse processo novos materiais que serão por sua vez misturados a outros ingredientes num processo de transformação sem

fim. Para cozinhar, devemos abrir recipientes e retirar seus conteúdos. Temos que destampar coisas. Em face das proclividades anárquicas de seus materiais, o cozinheiro ou cozinheira tem que se esforçar para manter alguma aparência de controle sobre o que se passa.

Ingold (2012) reconhece não só a presença, mas a agência das coisas dentro da cozinha. De forma geral, num primeiro momento, quando pensamos em cozinha, imaginamos um lugar associado à manutenção da casa. Porém, a importância dele vai além da higienização, armazenamento, preparo e consumo de alimentos. Para compreender esse espaço e suas constantes adaptações, fez-se necessário ouvir narrativas variadas, dialogar e estabelecer aproximações com aquelas e aqueles que legitimam esses cômodos.

Observar, acessar, conhecer tantas casas e cozinhas foi muito importante para a construção desta proposta. Nesse sentido, busquei construir um perfil de investigadora/pesquisadora que realmente alcançasse as pessoas e abordasse diferentes áreas, em especial Antropologia e Arquitetura, na busca pela construção de um ambiente amplo de pesquisa. Com isso, as coletas de dados online configuraram numa excelente forma de acessar “o outro”, considerando é claro que não era possível, naquele momento, realizar encontros presenciais com interlocutoras e interlocutores, em virtude da pandemia.

Eu não sabia por quanto tempo esse cenário persistiria, de modo que, na qualificação, analisei de forma mais profunda os dados levantados até aquele momento, revisão de referências bibliográficas, o levantamento de plantas baixas de residências e o prosseguimento da pesquisa de campo, buscando ouvir ainda mais pessoas e visitar cozinhas. Entretanto, considerando que, se não fosse possível ou seguro, eu seguiria com a pesquisa de forma online, entendendo que “o ponto de partida é que um engajamento on-line será diferente para cada população com que você trabalhe e, é claro, em diferentes níveis (para abranger todos os indivíduos com quem você trabalhe).” (MILLER, 2020).

Partindo da arquitetura, pretendia estudar as plantas baixas das residências e as representações de interlocutoras e interlocutores sobre esses ambientes, analisando a setorização dos espaços e fluxos através de três zonas principais de análise, correspondendo ao espaço íntimo, ao espaço social e ao espaço de serviço. Esperava, com isso, compreender como gênero, raça e classe perpassavam as residências analisadas e entender quais eram os

caminhos de moradoras e moradores, crianças, trabalhadoras domésticas e visitas nessas residências, buscando verificar como se reproduzem os papéis sociais dentro do ambiente privado. Pois,

a concepção espacial (o pensar) parte do entendimento da composição como distribuição, tendo a setorização e o zoneamento das funções, bem como o fluxograma das circulações e articulações, diagramas geradores da organização dos espaços. As plantas são geradas, fortemente caracterizadas pelo fator funcional, mas apoiadas a posteriori pela disposição formal e plástica de volumes. (NASCIMENTO, 2011, p. 3).

O espaço, portanto, deve ser analisado não somente como uma construção material. Pois, igualmente, “o espaço é construído e constrói-se pelos seus sujeitos e suas realidades” (NASCIMENTO, 2011, p. 4). Desse modo, “o projeto e a obra resultam das relações entre objetos, conteúdos e sujeitos, ou aquilo que lhe dá forma e que, ao final, incorpora-se ao espaço/cidade” (NASCIMENTO, 2011, p. 5).

Estudar os processos de setorização da casa também me permitiria compreender as consequências da mudança setorial que aconteceu na cozinha, quando esta passou a ser inserida na casa, diminuindo o fluxo de empregadas dentro das residências, por exemplo. Historicamente, do tempo da escravidão até os dias de hoje, esse fluxo diminuiu e passou de mulheres negras para mulheres brancas, quando passou a ser feito pelas “donas de casa”. Ademais, a mudança do modo econômico instalado, de um sistema de escravidão para empregados assalariados, acarretou, cada vez mais, diminuição do emprego de trabalhadoras domésticas, em razão dos custos e do modo de vida moderno. Na arquitetura, o cômodo que serve para preparar as refeições foi diminuindo e deslocando-se de uma área separada da casa para uma área incluída na zona de serviço, até essa área ser incorporada ao setor social (espaços *gourmet*).

Considerando as interlocutoras e interlocutores e o aporte bibliográfico consultado, ficou evidente a necessidade de estabelecer limites para esta pesquisa. Optei, então, por trabalhar com o município de Pelotas/RS, tendo o início da pandemia covid-19 como o marco temporal inicial. Ao longo do trabalho, analisei algumas plantas históricas e considere também as plantas baixas representadas/elaboradas pelas interlocutoras e interlocutores, que já tinham colaborado com o trabalho anteriormente, através de relatos ou entrevistas.

A pandemia talvez tenha sido um evento que escancarou que forma e função são submissas às necessidades humanas, inclusive as emergentes. A falta de espaços destinados ao trabalho, que anteriormente era realizado fora de casa e passou a ser realizado no interior das residências, colocou muitas pessoas em apuros. Durante aulas e eventos online, uma série de situações podiam acontecer (e aconteceram): conhecemos os animais domésticos uns dos outros; um parente por vez ou outra cruzou nossas câmeras etc. O nosso espaço privado invadiu as salas de reuniões, as salas de aula e afins. A casa tornou-se mais pública durante aquele período.

A cozinha também é uma construção social, composta por agentes materiais e imateriais, sendo preciso evidenciar a importância da imaterialidade para esse espaço e, não menos importante, a necessidade de arquitetas e arquitetos reconhecerem não somente a agência humana, mas ainda a não humana dentro dessas áreas da casa.

Toda esta trajetória como estudante de arquitetura me fez questionar arquitetas e arquitetos, por exemplo, sobre se práticas religiosas de clientes seriam uma questão para esses profissionais. A orientadora deste trabalho certa vez relatou ter contratado uma arquiteta para projetar sua cozinha, e uma de suas demandas era um local para acender uma vela, em uma altura acima da cabeça. A arquiteta não atendeu a esse pedido e, ainda, sugeriu que a cliente acendesse a vela em outro cômodo da casa.

Este trabalho é uma proposta, uma tentativa de colaboração com a Arquitetura, sobretudo apontando caminhos para que esta área seja mais humana, mais acessível, mais aberta ao diálogo, à interdisciplinaridade e ao novo. Pensar, analisar, questionar um fato histórico, um grupo, uma obra, uma situação etc., a partir da interdisciplinaridade, não é algo simples. Além da amplitude de informações, referências e afins é preciso tempo. A pesquisa entre áreas é muito mais trabalhosa e abrangente.

Por isso, defendo sua qualidade e necessidade. Sim, precisamos desses trabalhos, precisamos sair das nossas salas e das áreas tanto de conhecimento quanto de conforto. As técnicas e especificidades de cada área nos conferem certo comodismo, mas é entre as áreas que as análises se ampliam. Percebi também as diversas contribuições que a forma de olhar para o urbano, o espaço

e para o construído que a Arquitetura pode trazer para áreas como a Antropologia e a Arqueologia, por exemplo.

Ao longo deste trabalho, aprendi muito, percorrendo caminhos que nunca antes tinha percorrido na Arqueologia, na Antropologia ou na História, por isso, reconheço a contribuição da Arquitetura para esta análise e para a minha formação como pesquisadora. Hoje eu sei que estou aqui porque precisava aprender sobre Arquitetura, ampliar os meus horizontes de pesquisa e tentei, sempre que possível, deixar um pouquinho do meu conhecimento na busca por retribuir o que aprendi. Toda esta trajetória contribuiu para minha formação como mestra em Arquitetura, de modo que não deveria ficar de fora desta dissertação.

Assim foi meu trajeto para chegar a um residencial específico na cidade de Pelotas – o Residencial Ana Terra. A partir deste estudo de caso multidisciplinar, objetivo entender o que eu já vinha observando nas cozinhas: a relação entre o que é planejado e o que é vivido; mas, agora, dentro desse residencial. O estudo de caso busca estabelecer uma análise do que é pensado, proposto e muitas vezes condicionado pelos arquitetos e arquitetas e o que é experienciado, vivido e, como observaremos ao longo da análise, transformado por moradores e moradoras, tanto no espaço privado quanto no espaço comum, onde as mudanças e melhorias partem do coletivo.

Convido vocês a seguirem comigo nesta leitura multidisciplinar, em uma linguagem que buscará envolver a todas e todos e, mais do que isso, seja compreensível/acessível para todas e todos, em especial moradoras e moradores do Residencial Ana Terra e demais leitoras e leitores.

Não é minha pretensão aqui apresentar uma linguagem específica da Arquitetura, pois ela não é familiar *nem mesmo a mim*, mas isso não simplifica ou inferioriza as discussões aqui propostas. O que pretendo é construir um discurso que seja compreendido por pessoas de dentro e de fora da academia. A linguagem também é parte da interdisciplinaridade.

Busquei evidenciar neste capítulo o fato de que nem todas as pessoas têm acesso à Arquitetura. Além disso, diversas são as formas de habitar, o morar é heterogêneo, e a forma de se relacionar e vivenciar espaços específicos da casa, como a cozinha, também é. Agora, quero contar para vocês sobre a minha visita ao Residencial Ana Terra. Vamos observar ao longo deste trabalho como,

Antecedentes

mesmo num local projetado por uma arquiteta, onde as residências são similares, as moradias são heterogêneas.

Introdução

A proposição desta pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, inserida na linha de pesquisa em Teoria, História, Patrimônio e Crítica, surge no âmbito da interdisciplinaridade. Como arqueóloga, pesquisadora na área da Antropologia e discente no curso de licenciatura em História, isto é, ambientada nas Ciências Humanas, percebo, nas Ciências Sociais Aplicadas, em especial na Arquitetura, um importante meio de análise socioespacial.

Segundo Alfonso (2012, p. 38) “uma das principais características do método científico cartesiano é a fragmentação da realidade a ser estudada”, assim, construir esta análise a partir de diferentes áreas do conhecimento busca contornar essa fragmentação e colabora para a ampliação do estudo, tornando-o mais completo e abrangente. É no diálogo entre áreas que este trabalho problematiza, de forma mais ampla, o que é planejado e o que é vivido dentro do Residencial Ana Terra em Pelotas/RS. O condomínio foi construído entre 1984 e 1985 e tem oito blocos. O primeiro fica no platô e é identificado pelo número 904, os blocos seguintes correspondem, respectivamente, à seguinte ordem de identificação: A, B, C, D, E, F e G.

Este estudo ainda constitui uma proposta etnográfica. Nesse sentido, a etnografia que estou construindo aqui está sendo escrita na primeira pessoa do singular, uma vez que a autora “não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: ‘nós’”. (OLIVEIRA, 1996, p. 27.). Assim, sou uma observadora participante deste processo, e essa forma de escrita é parte do método etnográfico. Compreendo, ainda, que o método etnográfico, tão característico da Antropologia, “abre [espaço] para compreensão do fenômeno urbano, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e das formas de sociabilidade nas grandes cidades contemporâneas”. (MAGNANI, 2002, p. 11).

A construção desta proposta começou em meio à pandemia de covid-19, quando eu ainda nem havia ingressado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU. A proposta foi crescendo, mudando, e, em vez de se concentrar em várias casas e cozinhas, passou a abordar um único

residencial, visto que era inviável uma análise muito abrangente naquele momento.

No âmbito das referências bibliográficas e influências teóricas, destaco que a interdisciplinaridade, que sempre acompanhou minha trajetória como pesquisadora e estudante, está presente neste trabalho. Para construir esta proposta, envolvi Arqueologia, História, Antropologia e Arquitetura. Aqui, assumo um lugar de fala marcado pela primeira pessoa do singular, colocando-me ativamente neste texto.

O antropólogo, sociólogo e filósofo Edgar Morin (2013, p. 23), diz que “nós sabemos há mais de meio século que nem a observação microfísica nem a observação cosmo-física podem ser dissociadas de seu observador.” O autor reconhece ainda que “os maiores progressos das ciências contemporâneas são obtidos quando o observador é reintegrado à observação.” (MORIN, 2013, p. 23). Essas considerações auxiliam a justificar minha observação participante e meu posicionamento no texto a partir da primeira pessoa do singular.

No entanto, não defendo que este texto seja uma construção individual. Ao longo de todo o trabalho, as falas das interlocutoras e interlocutores desta produção estão presentes, destacando a participação que tiveram nesta construção, por meio de suas histórias, percepções, memórias e vivências dentro e fora do residencial. Assim, no decorrer do texto, as falas de interlocutoras e interlocutores estão destacadas em *itálico*, com o objetivo de salientar que não são considerações minhas, mas sim narrativas que constroem ativamente este trabalho.

O estudo do projeto do Residencial Ana Terra, seus apartamentos e transformações, bem como uma série de áreas de lazer que foram sendo construídas ao longo do tempo, corroboradas com as narrativas de moradoras e moradores, permitirão, como sugere Pereira (2021, p. 17) “evidenciar relações sociais implícitas que são representadas na arquitetura”. Bill Bryson (2011, p. 18), diz que “a maior parte da história é realmente isso: as massas humanas fazendo suas atividades comuns”. Portanto, considero de extrema importância estudar e compreender essas atividades comuns, pois o cotidiano, a vida íntima, pode contribuir na compreensão do público e, conseqüentemente, colaborar para (re)pensar o elemento humano na arquitetura.

A historiadora Michelle Perrot (2009c, p. 7) afirma que

À soleira do privado, o historiador – qual um burguês vitoriano – hesitou durante muito tempo, por pudor, incompetência e respeito pelo sistema de valores que fazia do homem público o herói e o ator da única história que merece ser contada: a grande história dos Estados, das economias e das sociedades. Para que ele finalmente entrasse, foi preciso que, por uma inversão da ordem das coisas, o privado deixasse de ser uma zona maldita, proibida e obscura: o local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida, enfim reconhecido, visitado e legitimado. O privado: uma experiência do nosso tempo.

A autora reconhece ainda que “as maneiras de comer, de se lavar, de amar – e, portanto, de morar – se modificam de acordo com uma autoconsciência que passa pela intimidade dos corpos.” (PERROT, 2009c, p. 8). Para Perrot (2009c, p. 11), “a pesquisa da vida privada coloca problemas difíceis”, como a quantidade de estudos, a fragmentação de dados e a necessidade de sintetizar essas sequências fragmentadas, mas também o cuidado com o que centra o olhar. No caso das cidades, a autora destaca que o foco é a burguesia, e a necessidade de olhar além desse grupo. Ainda nesse debate, Michelle Perrot (2009c, p. 11) defende que “a história da vida privada requer abordagens particulares”, sendo exatamente isso que busco neste trabalho, a partir de diversas áreas do conhecimento: construir uma abordagem particular para analisar, pensar e interpretar o Residencial Ana Terra, buscando elaborar um estudo que colabore com a arquitetura em projetos futuros.

Em *A arquitetura feminina: o cotidiano e os ambientes residenciais nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS*, a arquiteta Franciele Pereira (2021, p. 19) reconhece que

A história da cidade é marcada pela dominação de figuras masculinas no cenário social e público, através de quase exclusiva participação dos homens de uma elite branca em cargos ou posições de importância política, econômica, religiosa, social etc. O patrimônio cultural, bem como a historiografia da cidade, é usualmente referido a essas figuras masculinas.

Por conta disso, reconheço como é relevante, dentro do cenário pelotense, marcado de forma massiva por homens brancos e com elevado poder econômico, estudar um residencial que carrega o nome de uma mulher e que foi projetado por uma mulher. A arquiteta portuguesa Lia Antunes (2015, p. 3) afirma que:

A arquitetura é uma disciplina que exige ser entendida num contexto, isto é, dentro do contexto social, político e cultural da sua produção e no contexto da sua representação, interpretação e consumo, através de diferentes abordagens académicas, instituições e grupos de interesses.

Com isso, precisamos considerar onde está inserido o Residencial Ana Terra, qual é o seu público, as possibilidades que o condomínio oferece a seus moradores, a que faixa econômica ele atende, bem como o avanço das lutas feministas e a presença das mulheres como profissionais de arquitetura, pois

As mulheres têm estado envolvidas com o desenho e forma do espaço de várias maneiras, enquanto praticantes, teóricas, consumistas, historiadoras e objetos de representação. Todavia, a arquitetura tem sido dominada pelos princípios e regras masculinos, e a mulher tem sido relegada ao seu papel biológico de mãe e constrangida à domesticidade, à casa e ao mundo privado; até há poucas décadas atrás, por exemplo, não lhes era permitida a integração no mundo académico. (ANTUNES, 2015, p. 3).

Além das questões de gênero implícitas na arquitetura, e dentro das residências, precisamos considerar a importância da moradia. Para Perrot (2009, p. 299), “cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre.” Para o antropólogo Daniel Miller (2013, p. 128):

Se quisermos considerar questões de poder numa escala mais íntima, devemos cruzar as soleiras das portas e entrar, olhar além das fachadas, para os processos de decoração interna. Aqui vamos encontrar outro campo de disputa. Porém, o dentro e o fora da casa não chegam a ser domínios inteiramente separados. Os dois estão profundamente ligados.

E para acessar as relações íntimas e de poder, o cotidiano de moradoras e moradores do Residencial Ana Terra, vamos atravessar as soleiras, ainda que não fisicamente, ao longo das entrevistas, das trocas de fotos e da visita que fiz ao condomínio. Todas essas estratégias de campo permitiram acessar o condomínio, os agentes desta pesquisa e o entorno deles. Só assim, podemos compreender o que é planejado e o que é vivido naquele espaço, bem como as

transformações que ocorrem ao longo do tempo e as estratégias de resistência, já que

A casa, como forma de objetificação nos suga para um remoinho de interesses de poder e educacionais que muitas vezes nos fazem sentir comparativamente impotentes. Porém, reconhecer essas forças – governos, pressões de pares, assimetrias de poder de gênero e de classe – não significa que agora vejamos as pessoas como suas vítimas passivas. Testemunhamos todo tipo de respostas criativas a esses violentos ataques, com frequência expressas em objetos materiais, abarrotando espaços de ornamentos pessoais ou simplesmente ignorando o conselho administrativo local ao derrubar uma parede interna. (MILLER, 2013, p. 162).

Essas estratégias de resistência serão observadas de diversas formas no residencial estudado, seja na ocupação, na disposição dos móveis, nas reformas, nas mudanças, ou na configuração de novos espaços. É preciso considerar que essas ações são uma forma de comunicação entre moradores e demais órgãos, sejam governamentais ou instituições privadas – construtoras, engenheiros e arquitetos.

É preciso considerar ainda que “o interior de cada apartamento oferece uma racionalidade que por muito tempo não será igualada. Compreende obrigatoriamente um espaço público de representação, um espaço privado para a intimidade e espaços de rejeição.” (GUERRAND, 2009, p. 307). Essa racionalidade foi tão impactante nas construções, que reproduzimos até hoje esses espaços funcionais nas nossas residências. Um apartamento construído atualmente vai conter as mesmas peças e a mesma setorização do Residencial Ana Terra, com exclusão apenas da dependência de empregada.

Analisar uma residência não é fácil, ainda que o projeto arquitetônico auxilie esse processo. Ao observar os agentes de cada espaço, percebemos dinâmicas únicas. Nesse sentido, ao longo das entrevistas com interlocutoras e interlocutores, pudemos observar uma série de resistências às imposições do projeto. Muitos moradores burlam aquilo que foi projetado para o condomínio, criando, com reformas e ampliações, novos espaços e novas formas de habitar. Isso também é observado através da mobília, demonstrando que não só a possibilidade econômica faz surgir diferentes formas de morar, mas também a necessidade, como exemplificado pelo uso de beliches na sala e extensões da cozinha no box da garagem. Quem define o plano de necessidades de alguém?

E com base em qual realidade e necessidade? Afinal, o que é necessário e o que não é necessário?

O arqueólogo Andrés Zarankin (2001, p. 1) reconhece que

Uma das características do mundo moderno é a concentração da vida social em grandes cidades. Estas paisagens artificiais criadas pelo homem estão substituindo de forma radical os espaços outorgados pela natureza. A arquitetura, como elemento desse mundo novo, ocupa um lugar essencial na vida das pessoas. Como habitantes das grandes urbes, conscientemente ou não, encontramos quase que a vida inteira circulando dentro dos prédios. No interior deles é que nascemos, crescemos, comemos, reproduzimo-nos, descansamos, obtemos proteção, morremos, e até somos enterrados. Esses fatos fazem com que viver em um meio completamente artificial acabe por se tornar algo natural para nós.

Dentro dessa naturalidade a qual estamos acostumados, os espaços e as coisas agem sobre nós de forma muitas vezes despercebida. O zoneamento da residência, os móveis, tudo na casa diz muito, condiciona, informa, sugere, mas, através da arquitetura, atua de forma sutil. “A capacidade de controlar o espaço é uma condição para o funcionamento do poder” (ZARANKIN, 2001, p. 3), e a arquitetura faz isso através das construções físicas, agindo como um dispositivo material de poder que vai do visível ao invisível.

A arquitetura comunica de forma não verbal, e, ao considerarmos isso, Zarankin (2001) afirma que os prédios podem ser lidos. Ainda nesse sentido, o autor destaca que “os prédios são objetos sociais, e como tais estão carregados de valores e sentidos próprios de cada sociedade. No entanto, não são um simples reflexo passivo desta, pelo contrário, são participantes ativos na formação das pessoas.” (ZARANKIN, 2001, p. 41).

Acredito que a relevância deste trabalho se dá por dois motivos: o primeiro é colaborar para uma autorreflexão por parte da arquitetura no que diz respeito ao planejamento de moradias; o segundo é uma aproximação entre áreas, em especial Antropologia e Arquitetura. A interdisciplinaridade possibilita uma compreensão ampliada das realidades dos objetos de estudo, e essa aproximação enriqueceu o trabalho, ampliando minha visão como pesquisadora, e espero que auxilie arquitetas e arquitetos a aprofundarem o olhar sobre a ocupação. Assim, como para a malha urbana, os projetos devem considerar o que aponta Pereira (2021, p. 24):

É cada vez mais evidente a necessidade do olhar crítico sobre a malha urbana historicizada para enxergá-la em suas diversas faces: a cultural, a histórica, a sentimental, e tantas outras inumeráveis. Esse olhar atento propicia entendermos seus aspectos materiais e físicos com maior profundidade, percebendo que esses são também produtos de relações sociais ao longo do tempo.

A justificativa para a elaboração deste trabalho está diretamente ligada ao seu título: o que é planejado e o que é vivido em um residencial? É importante entender se essas construções atendem às necessidades e às pluralidades das famílias que ali vivem para sabermos se estamos ou não produzindo uma arquitetura efetiva, que melhora a vida das pessoas e atende às suas demandas.

O objetivo geral é compreender o que estava sendo planejado na hora da construção do residencial e o que está sendo experienciado, vivido e transformado no habitar desse empreendimento. Os habitantes seguem o plano de necessidades, os espaços setorizados permanecem ou são reconfigurados? O que possibilita essas transformações, uma maior liberdade econômica ou a necessidade? O objetivo de compreender essas transformações se dá na busca por colaborar com uma arquitetura mais engajada com as pessoas, mais atenta às diversas formas de morar e às necessidades plurais de grupos tão diversos que, por vezes, encontram-se em um mesmo condomínio. Entre os objetivos específicos desta pesquisa, eu destaco:

- a) Identificar no projeto arquitetônico do condomínio Ana Terra, em Pelotas, e na narrativa de sua arquiteta, a maneira de vivenciar o espaço proposta a moradoras e moradores.
- b) Identificar as diferentes formas de morar das pessoas moradoras e as transformações que elas vão realizando ao longo do tempo, reconhecendo se elas ocorrem por viabilidade econômica ou por necessidade.
- c) Compreender como o residencial foi vendido, para que público foi pensado e como foi se reconfigurando ao longo dos anos.
- d) Propor reflexões pautadas na interdisciplinaridade, com o intuito de contribuir com uma arquitetura mais social/humana, que se aproxime das pessoas, das suas realidades e necessidades.
- e) Evidenciar a importância dos trabalhos que relacionem diferentes áreas do conhecimento.

- f) Analisar a relação entre moradoras e moradores e suas cozinhas, além da possibilidade de ascensão social dentro do residencial.

O trabalho parte da hipótese de que uma mesma residência não sana as necessidades de todas as famílias. Nesse sentido, embora o residencial possua diversos modelos de apartamentos, cuja diferença evidente se dá no número variado de dormitórios e na presença, ou não, da dependência completa de empregada, a estrutura é bastante similar. Ao longo do trabalho, demonstro como isso pode não funcionar igualmente e de forma efetiva para todas as pessoas.

Assim, este trabalho é uma tentativa de demonstrar que o método etnográfico pode ser uma importante ferramenta para a compreensão mais densa de contextos diversos, contribuindo para o olhar da arquitetura sobre o habitar. Segundo Morin (2013, p. 35-36), “o que ensina a aprender é o método. Eu não trago o método, eu parto em busca do método.” Neste trabalho, parto em busca de um método multidisciplinar para realizar a análise, buscando encontrar alternativas que melhorem a qualidade de vida das pessoas, assim como as relações entre profissionais de arquitetura e clientes. Mas não se engane, as perguntas me importam muito mais do que as respostas, pois, ainda nas palavras de Morin (2013, p. 39): “minha convicção guarda uma incerteza infinita.”

Gostaria, ainda dentro deste capítulo, que aborde o vivido dentro do Residencial Ana Terra, de reconhecer o importante trabalho que a Profa. Dra. Nirce Saffer Medvedovski vem realizando em seus estudos pautados do método de avaliação pós-ocupação,

que pretende a partir da avaliação de fatores técnicos, funcionais, econômicos, estéticos e comportamentais do ambiente em uso, e tendo em vista tanto a opinião dos técnicos, projetistas e clientes, como também dos usuários, diagnosticar aspectos positivos e negativos, definindo, para este último caso, recomendações que minimizem, ou até corrijam, os problemas detectados e realimentem o ciclo do processo de produção e uso de ambientes semelhantes, buscando otimizar o desenvolvimento de projetos futuros. (ORNSTEIN, 1992 *apud* COSWIG; ANAPOLSKI; MEDVEDOVSKI, 2009, p. 875).

Embora o método aqui proposto esteja pautado em uma análise etnográfica, muitas das técnicas utilizadas em ambos os métodos são as mesmas, como as visitas técnicas, os levantamentos fotográficos, o uso de

entrevistas e a aplicação de questionários. É claro que não dou evidência central aqui aos fatores técnicos, uma vez que não é o foco da minha formação, mas faço as mesmas observações de Gilberto Velho (1989, p. 92), em seu estudo sobre o Residencial Estrela, situado no bairro de Copacabana, em que o autor destaca:

[...] a importância de um trabalho interdisciplinar. A quantidade e complexidade dos problemas que surgem nas entrevistas coloca, claramente, que apenas um especialista ou um tipo de abordagem não poderão de forma alguma aproveitar, conseqüentemente, todos os dados.

Assim como Velho, reconheço-me como uma especialista que, embora não esgote o tema, contribui para ele. Eu busco construir uma análise interdisciplinar que perpassa por diversas áreas, e essa análise, diferente da avaliação pós-ocupação, não considera somente esse período, mas leva em conta a escolha do local de moradia, o planejamento do residencial, as diferenças, possibilidades, o que o residencial integra, como é vendido, como é comunicado ao público até o processo de ocupação. A análise, portanto, abrange as diferentes formas de habitar, as transformações, as reformas, as mudanças, os espaços que vão sendo ressignificados e os que vão sendo construídos, o que evidencia uma heterogeneidade imensa nas formas de morar. Michel Agier (2012, p. 825) diz que: “Enquanto antropólogo você se pergunta: qual é o processo de invenção desse espaço?” E é isso que busco aqui.

Para tanto, o trabalho foi dividido em capítulos, que seguem os Antecedentes e esta Introdução. O Capítulo 3: Residencial Ana Terra apresenta o condomínio, sua localização e características. O Item 3.1 refere-se ao planejado e aborda o projeto do residencial, contendo uma entrevista com a arquiteta do projeto. O item 3.2 é destinado ao vendido. Nele, analiso quatro anúncios comerciais do Ana Terra, com o intuito de observar como era vendido o residencial e para quem era vendido.

O Capítulo 4: Residencial Ana Terra – o vivido conta com seis entrevistas de pessoas que moram ou já moraram no residencial. Com base nessas narrativas, analiso como é de fato habitar esse residencial, as possibilidades e as experiências de quem cotidianamente constrói aquele espaço. O Capítulo 5: A partir das cozinhas – algumas reflexões sobre o Ana Terra reflete sobre as

construções modernistas, as deficiências da construção frente às necessidades de moradoras e moradores e as transformações que vão ocorrendo no residencial em função disso e da tentativa de constante modernização. Por fim, trago as Considerações finais.

2.1 Caminhos metodológicos

Tendo em vista a temática do trabalho e a escolha por uma abordagem multidisciplinar, foi necessária a revisão bibliográfica de diferentes áreas e autores. Em defesa dessa multidisciplinaridade, destaco a abordagem de Alfonso (2012), e, na justificativa pela escolha da escrita em primeira pessoa, recorro a Oliveira (1996) e Morin (2013). No campo da Antropologia, saliento o aporte bibliográfico de Magnani (2002), Ingold (2012), Peirano (2004), Miller (2013) e Velho (1989). Em relação à História e à Arquitetura, saliento o suporte de Zarankin (2001), Bryson (2011), Gicovate (2020), Certeau e Giard (2013), Guerrand (2009), Antunes (2015), Perrot (2009a, 2009b, 2009c e 2009d) e Pereira (2021).

O primeiro passo na construção deste trabalho foi um brusco recorte devido à pluralidade de material levantado e ao contexto pandêmico, tendo sido necessário redirecionar a pesquisa. A escolha por trabalhar com um residencial justifica-se pela pluralidade de residências inseridas em um contexto semelhante. Nesse sentido, o Ana Terra é um residencial que muitas pessoas do meu círculo de amizade e de grupos de pesquisa conheciam na cidade de Pelotas, o que facilitou a indicação para entrevistas e, por consequência, o acesso às residências. Além disso, a coorientadora deste trabalho mora lá e conhece a arquiteta do projeto, sendo uma rede bastante acessível.

Depois de definir o residencial, comecei a realizar as entrevistas; ao total, foram sete pessoas entrevistadas. A primeira delas foi a arquiteta do projeto, entrevista que aconteceu de forma remota, através de uma videochamada. Em seguida, comecei a buscar as moradoras e os moradores do condomínio, pessoas conhecidas indicavam e passavam o contato de indivíduos que poderiam ser entrevistados, depois, eram estes que me indicavam outros habitantes e assim por diante.

As entrevistas, com apenas uma exceção, foram realizadas virtualmente. A entrevista presencial possibilitou também visitar o condomínio, observar o movimento, os aspectos do terreno além, é claro, de fotografar o espaço. Essa visita foi realizada antes da última entrevista online.

Durante todo o processo, o aporte bibliográfico deste trabalho foi sendo selecionado e revisitado. Eu pedi fotos de residências a moradores e moradoras, mas destaco que recebi pouco retorno. Além disso, realizei buscas na internet sobre o período em que o residencial foi construído e vendido, sem êxito. Naquele momento, então, recorri à Biblioteca Pública Pelotense para uma pesquisa nos arquivos do jornal *Diário Popular*. Felizmente, dessa vez, obtive sucesso! No decorrer deste trabalho, analisarei essas propagandas comerciais.

Dentro desta metodologia, a oralidade é essencial, tendo sido através das narrativas dos habitantes do Ana Terra que pude conhecer o residencial. Sobre a oralidade, Certeau e Giard (2013, p. 336) reconhecem que ela

[...] constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber.

Neste trabalho, as narrativas daquelas e daqueles que diariamente vivenciam o residencial têm um papel de destaque, pois, sem suas impressões, histórias e memórias, esta pesquisa não seria possível. É por isso que as falas das interlocutoras e interlocutores que serão abordadas neste trabalho, como já destacado anteriormente, estarão em itálico, demonstrando que as palavras não são da autora, mas constituem de forma direta este trabalho. Ao destacar as falas dessas pessoas, demonstro que elas constroem este estudo de forma ativa, em conjunto comigo, por isso, elas estão presentes no texto de forma diferente do que está escrito por mim e do que constitui o aporte de referencial teórico e bibliográfico do trabalho.

Para acessar as casas e os cotidianos das moradoras e moradores do Residencial Ana Terra eu precisei recorrer ao que chamei de rede de relações. Nessa rede, pessoas do meu grupo de pesquisa e orientação indicaram pessoas, moradoras e moradores e a arquiteta do projeto, todos mediadores agentes sobre o Residencial Ana Terra, para que eu pudesse iniciar as entrevistas. A

partir dessas pessoas que aceitaram realizar uma entrevista, eu pedi novas indicações que poderiam contribuir com o trabalho, construindo assim a minha própria rede de agência, que colabora diretamente para a construção deste trabalho. O quadro a seguir informa a quantidade, data, duração e formato das entrevistas.

Nome	Data	Duração	Formato
C.	18/07/22	30:54	Remoto
T.	11/08/22	22:33	Remoto
S.	23/08/22	26:58	Remoto
F.	29/08/22	20:00	Remoto
L.	06/09/22	23:40	Remoto
O.	14/09/22	28:31	Presencial
A.	03/01/23	56:35	Remoto

Quadro 1 – Quantidade, data, duração e formato das entrevistas com moradores do residencial Ana Terra

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Todas as pessoas entrevistadas permitiram a gravação das conversas, e foi isso que possibilitou o uso dos relatos no trabalho.

Percorrer o residencial e o seu entorno possibilitou não só fotografias, mas também compreender características geográficas como a inclinação do terreno, essencial para que eu pudesse entender a questão das enchentes, por exemplo. Outro ponto positivo foi observar os apartamentos fechados, o fluxo de pessoas, bem como os box de garagem e o que eles guardam. Esse contato direto foi algo que me aproximou de interlocutoras e interlocutores e de suas realidades cotidianas.

Cada uma dessas informações, sejam narrativas, dados coletados, fotografias realizadas e visita de campo, contribuiu para a elaboração deste trabalho, permitindo uma análise aprofundada e efetiva do objeto de estudo e de seus habitantes. Tudo isso foi acessado e pensado com o intuito de contribuir com o processo de compreensão do habitar, que começa no planejar.

Michel Agier (2015, p. 492) afirma que “a ocupação urbana é um agir político cujo objeto é um direito humano e, ao mesmo tempo, um direito à cidade”. Todos nós ocupamos a cidade, moramos nela, no entanto, habitar é “impor aos fatos sua presença e seu reconhecimento.” (AGIER, 2015, p. 492).

Por isso, este trabalho partiu do método etnográfico, pautado no que Oliveira (1996) define como “olhar, ouvir e escrever”, pois, segundo o autor, “esses ‘atos cognitivos’ [...] assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir o nosso saber.” (OLIVEIRA, 1996, p. 15). Foi a partir dessa compreensão que aproximar etnografia e arquitetura passou a ser a proposta metodológica da pesquisa.

É importante salientar ainda que “não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento.” (MAGNANI, 2002, p. 17). A Antropologia parte do encontro entre a teoria e a prática, e, nesse sentido, Peirano (2004, p. 337) salienta ainda que

En antropología, la investigación depende, entre otras cosas, de la biografía del investigador, de las opciones teóricas de la disciplina en determinado momento, del contexto histórico más amplio y, no menos, de las imprevistas situaciones que se configuran en el cotidiano del lugar de investigación.

Este trabalho conta também com uma colagem de autoria de Gabriela Pecantet, que será apresentada no capítulo 5. Atualmente, Gabriela é doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Pelotas e minha colega no grupo de pesquisa Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS (GEEUR/UFPel).

Para Passetti (2007, p. 11), as colagens representam “formas de quebrar a unidade em pedaços e recompô-la em novos arranjos nas ciências humanas e na filosofia [...] e inauguram uma nova direção do pensamento.” Nesse sentido, o intuito de trazer essa colagem foi de ilustrar visualmente os diferentes grupos que habitam o Residencial Ana Terra, bem como seus diferentes espaços e suas reconfigurações, evidenciando assim, em uma única figura, as diferentes formas e necessidades de morar que perpassam o local.

Este estudo visa compreender quem são os habitantes do Ana Terra e quais são as suas formas de habitar, de acordo com o espaço que ocupam. No capítulo a seguir conto a vocês um pouco do que antecedeu esta pesquisa, recapitulação bem importante para demonstrar meu caminho até este texto final e o meu processo como pesquisadora.

Capítulo 3: Residencial Ana Terra

Entre todas as artes, a arquitetura é aquela em que é menos possível se excluir a ideia de racionalidade. Uma construção tem de satisfazer critérios pragmáticos e construtivos, que circunscrevem, se não determinam, o campo em que opera a imaginação do arquiteto. Portanto, a medida segundo a qual se pode considerar a arquitetura racional depende menos da presença ou ausência de critérios “racionais” do que da importância atribuída a esses critérios no processo total de desenho arquitetônico e em determinadas ideologias. O “racional” na arquitetura nunca existe isoladamente. Não se trata de uma categoria da história da arte como o neoclassicismo. Trata-se de um dos aspectos de um complexo sistema que só pode ser expresso segundo uma série de oposições mais ou menos homólogas: razão/emoção; ordem/desordem; necessidade/liberdade; universal/particular, e assim por diante (COLQUHOUN, 2004, p. 67-68).

Pelotas é um município da região sul do estado do Rio Grande do Sul, conhecida como a cidade do charque, que recebeu o título de Capital Nacional do Doce. Na narrativa local, a cidade apresenta-se como a Princesa do Sul, e o destaque de sua produção doceira se dá pelos doces portugueses. Nessa tentativa de embranquecer a sua história, Pelotas invisibiliza principalmente as doceiras negras do município. Em meio a essa narrativa burguesa, de um passado de glórias e de prosperidade econômica, ainda hoje representado nas charqueadas, a cidade é palco de conflitos e disputas sociais. As imagens a seguir auxiliam na compreensão da localização da cidade no estado.



Figura 1 – O estado do Rio Grande do Sul.

Fonte: <https://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapas-rs.htm> (2023).



Figura 2 – A cidade de Pelotas.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Pelotas> (2023).

No centro da cidade, está localizado o Residencial Ana Terra, situado na Rua Praça 20 de Setembro. Na figura abaixo, podemos observar a exata localização do Residencial.

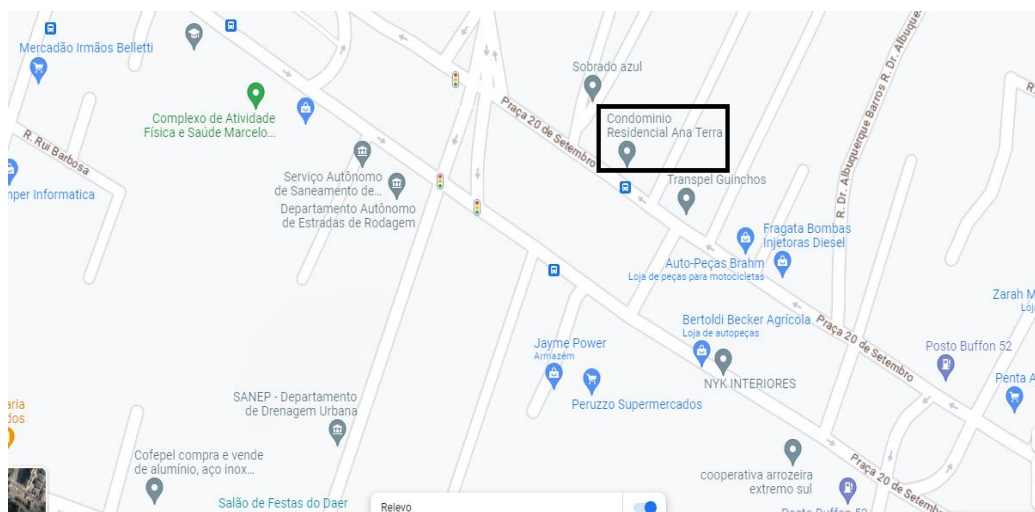


Figura 3 – Localização do Residencial Ana Terra.

Fonte: <https://www.google.com/maps/@-31.7641231,-52.3563474,18z/> (2023).

No entanto, é preciso destacar que, em Pelotas, o centro está entre os bairros Fragata e Simões Lopes, considerados bairros periféricos. E não menos importante é o fato de que o Residencial Ana Terra está às margens do Canal Santa Bárbara. Logo, a localização do residencial refere-se ao bairro Centro,

mas está diretamente ligada às periferias da cidade. A figura a seguir possibilita a visualização dos bairros da cidade.

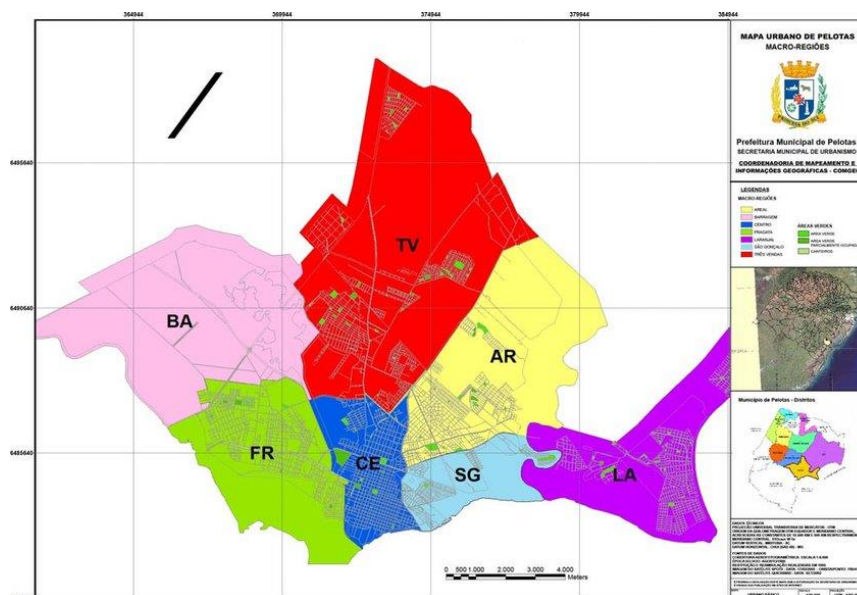


Figura 4 – Mapa urbano de Pelotas.

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-urbano-de-Pelotas-Macrorregioes_fig1_327603445 (2023).

O Ana Terra tem oito blocos, sendo o bloco do Platô (904); o A, o B e o C, antes da piscina; e o D, o E, o F e o G, que ficam após a piscina. No entanto, em termos de planta, o bloco do Platô e o bloco D são iguais, com apartamentos de três quartos e dependência de empregada. Os blocos A, E e F, também são iguais, com apartamentos de um e de dois dormitórios. Já o C e G contam com dois quartos mais a dependência de empregada. Por fim, o bloco B tem três quartos, sendo o único que conta com suíte e também com a dependência de empregada.

O condomínio ocupa um terreno em desnível, que vai inclinando em direção ao fundo, e é por conta disso que – como veremos adiante – nas enchentes, alguns blocos são atingidos pelas águas, e outros não. No entanto, quando optei por estudar esse residencial, e mesmo quando dei início às entrevistas remotas, eu não conhecia o Ana Terra. Evidentemente que ir até o condomínio estava no meu cronograma de trabalho, mas por conta do contexto de pandemia e por eu morar em outra cidade, isso não foi feito no primeiro momento do trabalho.

Em determinada entrevista, uma interlocutora disse: “tu tem que vir no Ana Terra para entender o Ana Terra”, para mim, não existe verdade maior. Como vamos compreender o que não conhecemos? Outro interlocutor disse que eu precisava ir até o condomínio para ver como era tranquilo e, depois de já ter realizado algumas entrevistas, eu finalmente consegui ir até o Ana Terra.

Foi muito interessante ter ido depois de conhecer o condomínio por outros olhos. Eu já sabia como seria a fachada, que o primeiro bloco era o do platô, que as garagens estavam à esquerda e depois no terreno lateral. Eu sabia que a piscina era cercada, mas o que tudo isso quer dizer? Quer dizer que as narrativas, as histórias, as memórias das pessoas estão diretamente ligadas àquele espaço e que não são menos importantes na construção deste trabalho por serem mais ou menos científicas.

Visitar o Ana Terra foi revisitar as entrevistas que já haviam sido realizadas até aquele momento e, ao mesmo tempo, compreendê-las de forma muito mais intensa. Ao passear pelo condomínio e ver que ele vai literalmente descendo, tendo uma inclinação, eu entendi por que a parte dos fundos, após a piscina, enche de água, e a parte da frente não, isso durante as duas enchentes que aconteceram. Compreendi também sua localização, e isso explica o porquê de os jovens gostarem de ficar na frente do condomínio, que é bem movimentada.

Vi o quanto realmente o condomínio é tranquilo, limpo, bem pintado, bem conservado, observei também os vários apartamentos fechados, muitos com placas de venda ou aluguel. Observei, embora tenha ido em um dia de semana, que o condomínio não conta com um grande movimento. Enfim, o que eu ouvi nas entrevistas sobre os espaços coletivos do condomínio foi fiel ao que observei. O síndico permitiu que eu fotografasse o local, e isso enriqueceu muito o trabalho. Aqui tem um registro do dia em que percorri o Ana Terra:



Figura 5 – Saída de campo no Ana Terra.
Fonte: arquivo da autora (2022).

As imagens a seguir são referentes ao projeto do Residencial Ana Terra, também contribuindo para o conhecimento do residencial.

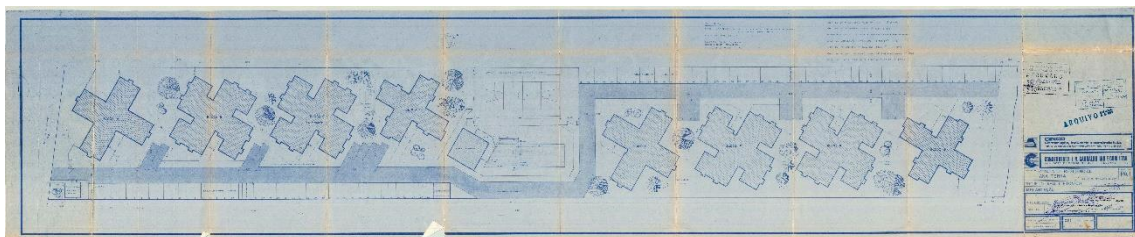


Figura 6 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra I.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

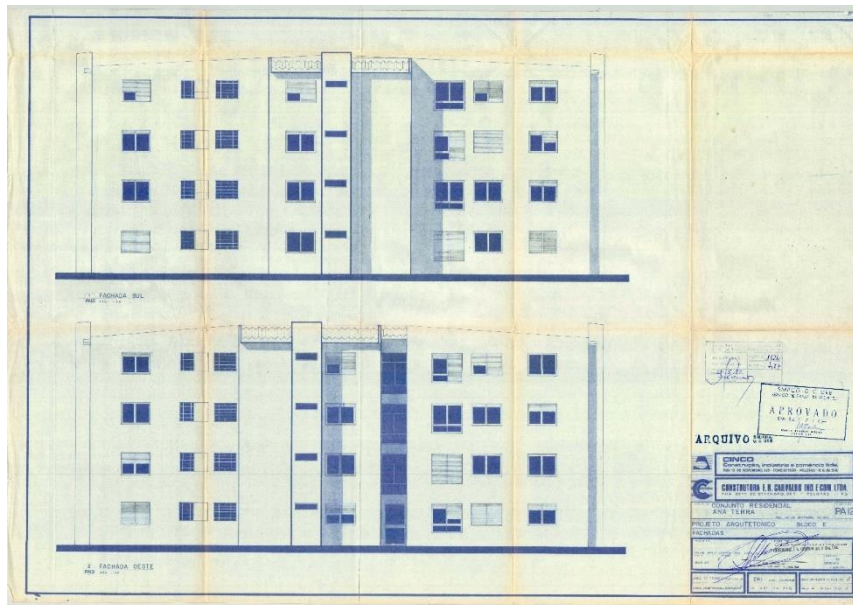


Figura 7 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra II.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

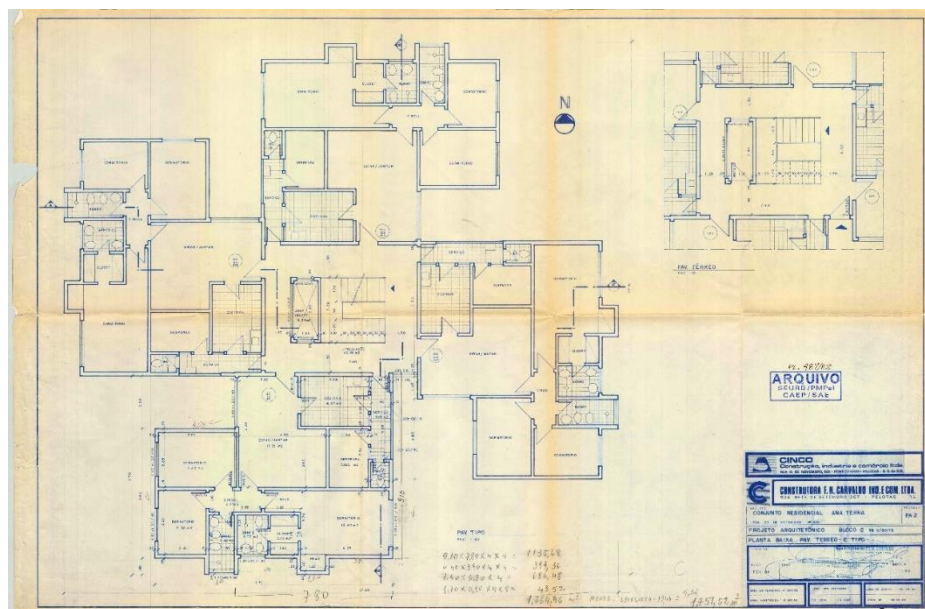


Figura 8 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra III.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

A Figura 8 representa a planta do bloco B, que conta com três dormitórios, sendo um deles suíte, além de dependência de empregada e entrada de serviço.

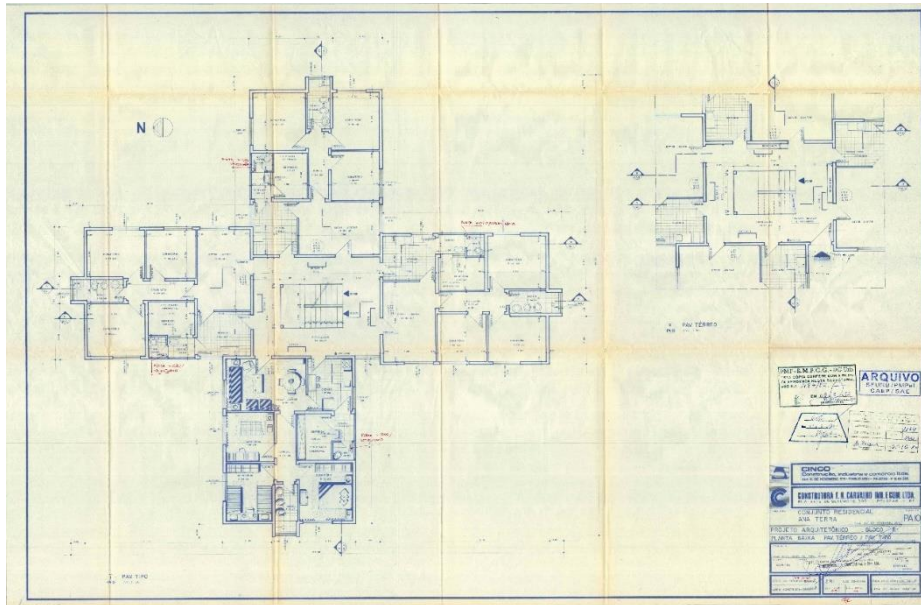


Figura 9 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra IV.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

A Figura 9 representa a planta do bloco 904 (do platô) e do bloco D, que contam com apartamentos de três dormitórios, dependência de empregada e entrada de serviço.

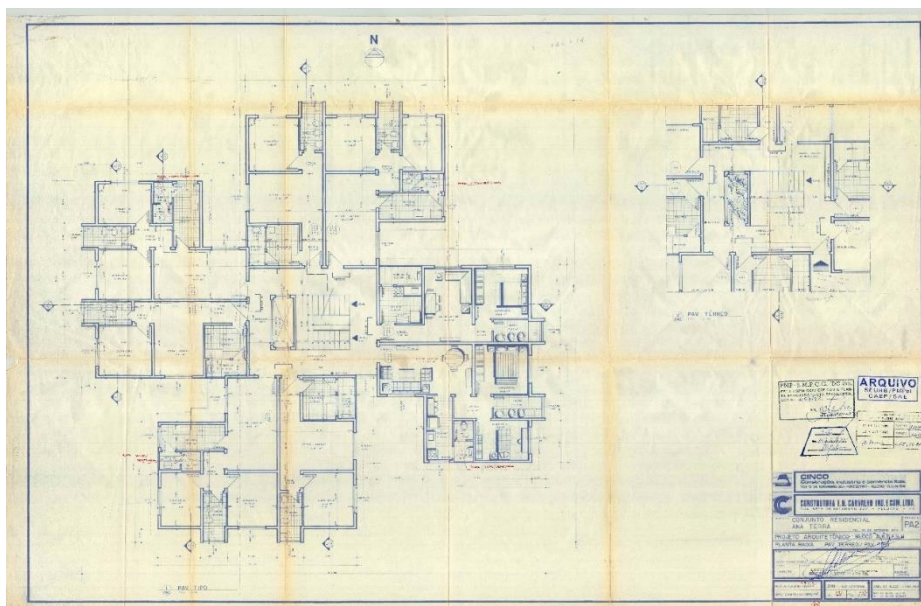


Figura 10 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra V.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

A Figura 10 representa a planta dos blocos A, E e F, que contam com apartamentos de um e dois dormitórios, sem dependência de empregada e entrada de serviço.

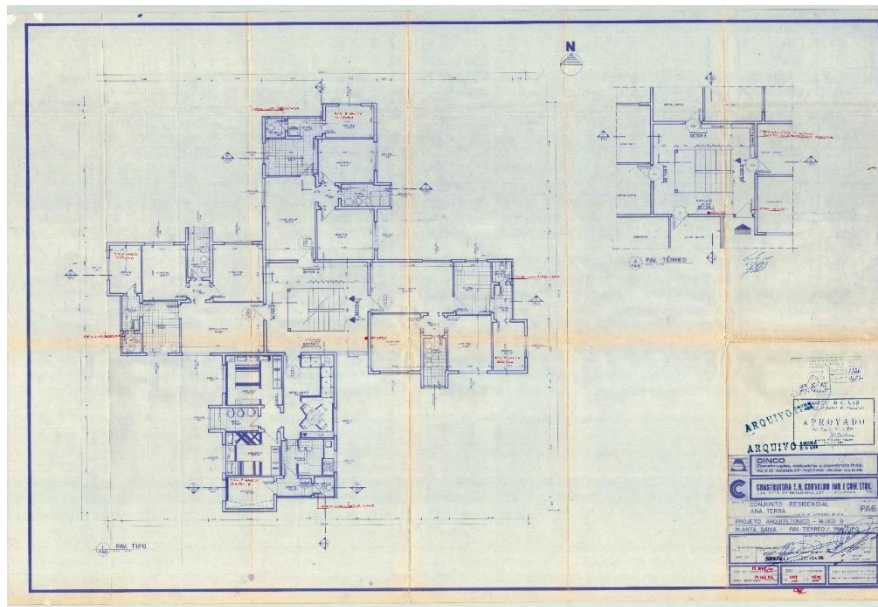


Figura 11 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra VI.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

A Figura 11 representa a planta dos blocos C e G, que contam com apartamentos de dois dormitórios e dependência de empregada.

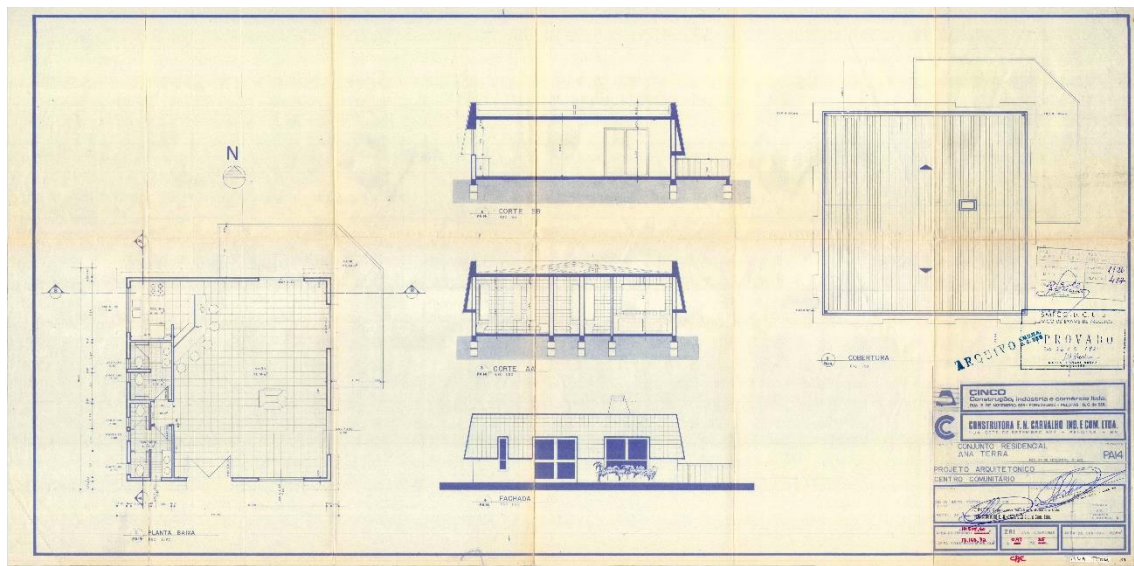


Figura 12 – Foto da cópia do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra VII.
Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2022).

Essas imagens possibilitam observar a forma como foi construído o condomínio, o formato “em cruz”, o que permite uma iluminação e ventilação natural muito caras à arquitetura. Tanto a arquiteta responsável pelo projeto fala sobre isso, como a interlocutora A, que também é arquiteta. Além disso,

podemos observar a fachada do imóvel e algumas diferenças entre os apartamentos.

O Ana Terra tem apartamentos de um quarto com área de serviço; apartamentos de dois quartos com ou sem dependência completa de empregada; apartamentos de três quartos com dependência completa de empregada; e um bloco também apresenta esse último modelo, mas com suíte. Essas informações foram passadas pelo interlocutor O. A seguir, apresento elementos do que foi planejado quando o residencial foi construído, com destaque para uma entrevista com a arquiteta responsável pelo projeto, a interlocutora C.

3.1 Residencial Ana Terra: o planejado

Como abordado na metodologia, uma das principais formas de acesso ao Residencial Ana Terra neste trabalho foram as entrevistas. A primeira entrevista que realizei foi com a arquiteta deste projeto, identificada como “C.” Ao longo de nosso encontro remoto, C. contou que faria um esforço para lembrar os detalhes do projeto, que, segundo ela, foi seu primeiro trabalho para a Cinco Construções, enfatizando que era recém-formada. Perguntei para C. sobre como eram projetados os condomínios na década de 1980, dizendo a ela que, mesmo não sendo arquiteta, eu tinha uma ideia de que seriam projetados, pensados e vendidos de uma forma diferente de hoje em dia. Ela disse o seguinte:

Hoje a gente trabalha em espaços multiusos e naquela época não era assim, né? A gente tinha cada cômodo bem definido em termos de atividade, em termos de função. Eu vou te dizer o que eu lembro a respeito desse trabalho realizado não só naquele conjunto residencial, mas em outros que projetei pra mesma empresa e até para outras empresas construtoras, normalmente a empresa fazia uma pesquisa de mercado ou já conhecia de alguma forma o mercado, e trazia para o departamento de arquitetura, que no caso era eu na Cinco Construções, a demanda. Então isso já vinha especificado, olha, nós temos esse terreno, normalmente, o uso do terreno ele era máximo, né, obviamente que obedecendo a legislação mas colocando o maior número de unidades possível naquele terreno, porque o empreendedor queria obviamente

ganhar dinheiro. Então, ele conseguiria ganhar dinheiro em escala. Então, era mais ou menos isso, colocar o máximo em termos de unidades, e por isso que a gente tem uma certa densificação nesses conjuntos, um número muito grande de unidades. Então, naquela época, eu me lembro que o apartamento de dois quartos era o apartamento que tinha mais saída no mercado. Eu acho que, no Ana Terra, era só dois e três quartos, eu acho que não tinha apartamentos de um quarto só, mas eu francamente não lembro. Normalmente os apartamentos de um quarto eles... Quando aconteciam nesses empreendimentos, eram em menor número, o maior número de unidades era de dois quartos e alguns de três quartos, era isso que eu lembro tá. Enfim, um apartamento de dois quartos tinha sala, cozinha, área de serviço pequenininha junto, mas era junto da cozinha e eu acho que era isso, sala, enfim. (C., 2022).

Essa variação do número de quartos é bastante importante para as vendas, pois possibilita que o residencial atinja vários públicos compradores, como pessoas solteiras, recém-casadas, famílias pequenas ou maiores, isso em função do tipo de configuração do residencial. No que se refere às inovações do Ana Terra e de outros condomínios do mesmo período, C. conta que:

Naquele projeto, o que eu lembro dele, e ele foi diferente na época, aliás eu fiz alguns projetos pra Cinco, e eles são todos bem diferentes, tem um ali perto da faculdade que é o Solar Santa Ana, que é um branco com umas sacadas projetadas na fachada, que é um projeto meu da mesma época e é completamente diferente. Bom, mas ali naquele conjunto habitacional, eu me lembro que a ideia era fazer cada um dos apartamentos com uma unidade independente, vamos dizer que fosse isso. [...] tem uma circulação central e aí tem cada um dos apartamentos como uma unidade bem independente, inclusive pra ter muita luz, por que eu sempre fui bem preocupada com essa questão de iluminação. Então era pros ambientes terem possibilidades assim de abrir janelas não pra poços de iluminação, mas para um espaço mais amplo ao redor. Aquele conjunto originalmente tinha uma pintura muito bacana que depois, também com o passar dos anos, foi substituída. Cada uma das fachadas era mais ou menos dividida em quatro partes e tinha tons diferentes de cores diferentes da fachada. Eu também não lembro muito bem qual era a cor, mas eu

acho que um era bege mais claro, um bege mais escuro, uma cor de ocre nas torres dos banheiros, né, que se sobrepõem um pouquinho, saem um pouco da fachada. Então, é essa a ideia que eu tenho a respeito do conjunto. E, bom, como eram muitos blocos, a gente tem todo lá um escalonamento, porque era um terreno de “caída”, e tinha estacionamento na frente, enfim, era mais ou menos por aí. (C., 2022).

A preocupação com estacionamento também demonstra uma indicação de classe para o condomínio, uma vez que a classe média tinha carro, mas, naquele período, era ainda mais difícil para a classe C adquirir um veículo. Antes mesmo que eu perguntasse sobre o que diferenciava o residencial dos demais a entrevistada começou a compartilhar sua visão sobre o tema comigo. No entanto, eu persisti nesse assunto, pois precisava entender como o Ana Terra era vendido, ou seja, o que era ressaltado pela empresa para que os possíveis moradores e moradoras optassem por fazer daquele lugar “o seu lugar”. Então, segui perguntando sobre essas inovações para C., que respondeu o seguinte:

Eu acho que era justamente essa forma em cruz, né, [...] eles [os apartamentos] ficavam com muita iluminação, pra cada uma, em cada unidade, a pintura da fachada, e o que na época também chamou muita atenção foi a caixa d’água que tá colocada ali bem no início, bem na frente, junto da [...] Duque de Caxias, ali na Praça 20 de Setembro, inclusive. Porque a ideia era fazer uma caixa d’água única que funcionasse por gravidade, então ela tinha que ser muito alta. Bom, eu estou falando lá dos anos 1980, quando a gente trabalhava muito com concreto e tal, e eu pensei: vou fazer uma caixa d’água suspensa numa série de pilares e mais como marcação [...], como marco, mais do que apoio, porque nem precisava de tanto pilar assim. Eu me lembro do projetista, que era o Dr. Rui Pereira da Silva, o calculista estrutural, e que inclusive tinha sido meu professor na faculdade, ele me dizia: “C., não precisa tanto pilar”, e eu dizia: “não, mas eu quero esse monte de pilar pra ficar essa marcação mais escultórica”, então, a caixa d’água também era um elemento assim, era um marco, era um elemento diferencial, até então, na época. (C., 2022).

Essas observações que a arquiteta fez demonstram, por parte dela e da empresa, uma preocupação com a qualidade de vida das moradoras e moradores no que diz respeito à questão da luz solar e dos espaços iluminados e arejados. Uma preocupação que observo ser muito cara à arquitetura, expressa já em 1933, na Carta de Atenas, em que o sol é considerado uma das três matérias-primas do urbanismo, acompanhado da vegetação e do espaço. No entanto, destaco que questões como essa não são ou não estão para todas as pessoas de forma igualitária. Aproveitei, ainda, para perguntar a C. quais seriam as diferenças entre ter pensado o Ana Terra naquele momento e pensar um condomínio hoje. Para ela:

Eu acho que seria muito diferente Alice, muito diferente por várias razões. Bom, a vida ensina a gente e profissionalmente também, né? A trajetória profissional vai sempre acrescentando novas perspectivas, obviamente, hoje eu acho que eu traria mais questões ligadas ao verde, à sustentabilidade, eu acho que eu me preocuparia muito mais com as questões externas, de áreas externas, que pra aquela época eu nem fiz nada disso, sabe? Assim, eu praticamente nem acompanhei a construção, eu fiz projeto e ponto final. A construtora também impunha de alguma maneira a sua prática, na época, as garagens eram todas com telhado com fibrocimento, então, assim, tinha aí algumas coisas que já vinham meio goela abaixo, entre aspas, mas hoje eu acho que eu teria muito mais maturidade pra projetar, estabelecendo uma relação maior não só com a luz, mas também com os espaços externos, com vegetação, com área de uso comum, comunitário, provavelmente seria um outro, é, um outro programa, totalmente diferente. (C., 2022).

Essa observação feita pela arquiteta em relação às áreas verdes também está expressa na Carta de Atenas, de 1933, que reconhece a necessidade “em proporção suficiente, de certos elementos indispensáveis aos seres vivos: sol, espaço, vegetação.” (CIAM, 1933, p. 7). E esses elementos retomam o debate que iniciei acima, pois condicionam quem pode morar em um espaço corretamente urbanizado e arquitetonicamente planejado.

A classe social influencia quem tem acesso aos empreendimentos planejados, e isso fica evidente quando observamos o seguinte dado divulgado

pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo brasileiro: “Hoje, 10 milhões de brasileiros já contrataram serviços de arquitetos e urbanistas. Isso representa 10% da população economicamente ativa.” (CAU-BR, 2022). Posso ainda destacar atualmente, dentro da cidade de Pelotas, o Passo dos Negros como um contraponto ao que estava sendo pensado e construído não só no Ana Terra, mas em condomínios que estão sendo construídos hoje nas zonas mais valorizadas da cidade.

Segundo a arquiteta Melina da Silveira (2020), a região do Passo dos Negros é muito relevante para a cidade de Pelotas. Antigamente, o local servia para a passagem de gado e

Sua localização estratégica entre dois cursos d'água, o Canal São Gonçalo e o Arroio Pelotas, favoreceu o escoamento do charque e produtos derivados produzidos às margens do Arroio Pelotas e Santa Bárbara, onde a intensa passagem de gado percorria o caminho das tropas, ligando o canal à Tablada ponto onde eram vendidos os gados. O Canal São Gonçalo tem 76 Km de extensão e conecta as lagoas Mirim e dos Patos. Era inicialmente chamado de Passo Rico e servia como ponto de fiscalização e de comercialização de escravos. (SILVEIRA, 2020, p.46).

A autora salienta ainda que “o Passo dos Negros impulsionou o desenvolvimento da cidade de Pelotas. Tornou-se uma comunidade periférica por diversos processos de apagamento relacionados ao discurso e escolhas de narrativas ao contar a história da cidade” (SILVEIRA, 2020, p.46). Por conta disso, no decorrer dos anos, as pessoas que habitam esse local foram sendo remanejadas e invisibilizadas, e só existem na cidade de Pelotas através de processo de resistência.

Esses habitantes têm diariamente uma preocupação e uma necessidade de garantia de moradia, o que é totalmente diferente da realidade de moradoras e moradores do Ana Terra, onde a arquiteta teve inclusive preocupações estéticas, expressas nas cores dos blocos e no desenho da caixa d'água. Faço essas observações para que possamos compreender o perfil de morador desse residencial, isto é, quem pode escolher e pagar por um apartamento ensolarado, arejado e esteticamente diferenciado.

É claro que eu não podia deixar de saber a história da origem do nome do residencial que estou pesquisando, então, logo surgiu na nossa entrevista uma pergunta que não estava no roteiro. Algumas narrativas oferecem informações

além das esperadas por mim. Perguntei a C. por que então esse nome tinha sido escolhido e ela contou que:

Fui eu que sugeri o nome, porque numa conversa, assim, em uma reunião na construtora, eles perguntaram: “que nome a gente vai colocar?”, e eles tinham uma tradição de colocar solar disso, solar daquilo, solar... Como é que era? Era Solar Santa Cruz, o outro era solar alguma outra coisa, Humaitá, né, alguma coisa assim, e eu falei: “vamos colocar um nome de uma personagem feminina da nossa história”, aí eu falei, “eu acho tão linda a história da Ana Terra”, e aí, então tá, então vai ser Ana Terra, e eles gostaram, e ficou Ana Terra, mas, na verdade, era a personagem histórica mesmo, não tá ligada a nenhum nome de família nem coisa nenhuma, é a personagem histórica do Érico Veríssimo. (C., 2022).

Ana Terra é a matriarca da família Terra Cambará, filha de imigrantes portugueses que chegaram ao Rio Grande do Sul no século XVIII. Parteira de profissão, a personagem criada por Érico Veríssimo² é o centro do livro *O Continente*, que compõe a trilogia *O Tempo e o Vento*, do autor. Ana Terra é um símbolo de resistência e luta feminina no Rio Grande do Sul, um estado conhecido pela representação do gaúcho homem e branco. Assim, a escolha da arquiteta por destacar uma mulher no nome do residencial dialoga diretamente com a proposta inicial deste trabalho: dar visibilidade a mulheres. É muito interessante como esses pequenos detalhes vão transformando o lugar da mulher ao longo da história, a preocupação de uma arquiteta mulher em representar de alguma forma as mulheres em um espaço de destaque, como é o caso de o nome de um residencial no coração da cidade, por exemplo.

Depois de ouvir essa história, perguntei para C. como era pensar a setorização dos apartamentos naquele momento, e ela disse que:

Bom, em um apartamento pequeno e em uma residência em geral, as divisões eram sempre: sala, dormitórios e banheiros, cozinha e área de serviço, a setorização era essa, que ainda continua de alguma maneira persistindo. Hoje,

² Escritor gaúcho.

a gente tem espaços que são multifuncionais, a cozinha tá muito integrada... tá muito integrada a área de convívio, familiar, é que mudaram um pouco as relações também dentro do dia a dia das famílias, mas, enfim, naquele tempo, era isso, era a área social, que era uma sala, sobretudo em um conjunto habitacional, uma área íntima formada pelos dormitórios e um banheiro, e a cozinha, e um espaço pequeno de área de serviço com lugar para tanque. Acho que o programa era esse lá no Ana Terra. (C., 2022).

Durante nossa entrevista, eu lembrei C. de que o Residencial Ana Terra tem sim um bloco com apartamentos de um dormitório, em seguida, retomei com ela a questão da proposta da imobiliária. Como ela mesmo havia contado, geralmente, a imobiliária já conhece o público para construir a proposta de um determinado condomínio. Logo, eu questionei C. sobre a questão do público, se já podíamos considerar que o investimento era traçado e definido para determinado público, e ela afirma que:

Com certeza, e [...] aquele conjunto habitacional, ele tinha financiamento da Caixa Econômica Federal, e todos os empreendimentos com financiamento também já tinham aquelas normas pré-estabelecidas de área, de faixa de financiamento, como ainda é hoje em habitação de interesse social. Naquela época, eu não sei, não se chamava habitação de interesse social, mas sim havia possibilidade de financiamento. Então, já tinha uma faixa de renda pré-estabelecida pra ocupar aquele empreendimento com certeza. (C., 2022).

A partir disso, o que eu pergunto à arquiteta é qual classe social ela encaixaria no Residencial Ana Terra naquele momento de lançamento. Se ela arriscaria dizer classe média ou classe média baixa, e ela respondeu classe média. Questionei ela sobre essa questão, pois ,segundo Rubin (2013, p. 69):

O BNH, durante sua vigência, financiou 4,8 milhões de habitações, em torno de 25% das moradias construídas no país entre 1964 e 1986. As habitações financiadas se destinaram a todas as faixas de renda, pela promoção privada das Companhias de Habitação Popular e pela incorporação imobiliária. Porém, a população de baixa renda é responsável por apenas 20% dos financiamentos. Além das habitações, foram financiadas obras de infraestrutura urbana e equipamentos sociais vinculados aos empreendimentos habitacionais.

Perguntei, ainda, se a arquiteta lembrava da cozinha desse residencial, se ela era ampla ou desse modelo em fita que observamos hoje nos residenciais de programas como o Minha Casa, Minha Vida. C. respondeu que não lembrava especificamente, por conta é claro do tempo, afinal, é um projeto do início de sua carreira, mas ela disse que:

Eu te digo de uma maneira geral, tá, a gente projetava a cozinha numa área mínima realmente, com espaço suficiente pra acomodar: uma geladeira, um balcão de pia, e um fogão em linha, com armário aéreo e pouco mais entende. Eu acho que um lugar pra uma mesinha pequena para refeições, mas não assim pra toda família se acomodar para fazer refeições, não era o caso, eu acho que era bem pequena, era mínima, tá. (C., 2022).

Continuamos conversando, e C. comparou duas cozinhas que ela habitou, uma na cidade de Pelotas, projetada por ela mesma, e outra em uma residência alugada em Madrid. Ela salientou a diferença de tamanho e proposta entre as duas cozinhas, e o seu estranhamento ao retornar para a sua cozinha na cidade de Pelotas. Concluiu dizendo que *sinônimo de funcionalidade é a gente conseguir realizar atividade que a gente se propõe né com bastante adequação nem sempre uma área muito grande corresponde a isso* (C., 2022). Eu considero bastante importante essas observações sobre diferentes espaços e propostas de funcionalidade, pois elas demonstram não existir um padrão que se adeque, que funcione exatamente igual para diferentes famílias. Isso é algo que precisamos considerar nos projetos de residenciais, por exemplo.

Essa questão da funcionalidade está diretamente ligada ao zoneamento. Segundo a Carta de Atenas:

O zoneamento é a operação feita sobre um plano de cidade com o objetivo de atribuir a cada função e a cada indivíduo seu justo lugar. Ele tem por base a discriminação necessária entre as diversas atividades humanas, cada uma das quais reclama seu espaço particular: locais de habitação, centros industriais ou comerciais, salas ou terrenos destinados ao lazer. (CIAM, 1933, p. 8).

A carta afirma ainda que:

Mas se a força das coisas diferencia a habitação rica da habitação modesta, não se tem o direito de transgredir regras que deveriam ser sagradas, reservando só para alguns favorecidos da sorte o benefício das condições necessárias para uma vida sadia e ordenada. **É urgente e necessário modificar certos usos. É preciso tornar acessível para todos, por meio de uma legislação implacável, uma certa qualidade de bem-estar, independentemente de qualquer questão de dinheiro.** É preciso impedir, para sempre, por uma rigorosa regulamentação urbana, que famílias inteiras sejam privadas de luz, de ar e de espaço. (CIAM, 1933, p. 8, grifo nosso).

Esse reconhecimento do zoneamento e do seu impacto em diferentes realidades é parte do que me refiro como responsabilidade social da Arquitetura e do Urbanismo. Se estudos como este não forem feitos, se dados e resultados como os que serão aqui apresentados não forem analisados, nós não avançaremos no debate relacionado à moradia e às formas de habitar em nosso país. Existe um recorte nesta pesquisa, um objeto de análise que é o Residencial Ana Terra. Porém, ao analisarmos este, conseguimos fazer uma série de observações e constatações sobre outros residenciais e sobre outros grupos sociais historicamente colocados à margem da sociedade e do morar. É um dos objetivos deste trabalho ressaltar o compromisso social da Arquitetura. Precisamos discutir moradia, acesso à qualidade, bem como sua influência sobre as pessoas, pois a casa age sobre o indivíduo, e, segundo Miller (2013, p. 123):

Quando alguém nos diz que devemos fazer isto ou ser aquilo, reagimos e nos sentimos coagidos. Todavia, quando a mesma mensagem é transmitida não por uma voz intimidadora, mas muito bem oculta no interior das substâncias de trechos em aparência silenciosos, tendemos a perceber menos nosso desempoderamento.

3.2 Residencial Ana Terra: o vendido

No decorrer desta pesquisa, procurei por anúncios comerciais, isto é, qualquer tipo de propaganda que retratasse como era vendido o Residencial Ana Terra. Na internet, a busca não foi bem-sucedida. Mas, em uma saída de campo, fui até a Bibliotheca Pública de Pelotas e, ao pesquisar nos exemplares do *Diário Popular* em um curto período, de dezembro de 1984 a junho de 1985, encontrei

quatro anúncios diferentes. Observei que um anúncio se repetia várias vezes antes de outro surgir, com exceção do anúncio temático de Natal.

É interessante compreender a importância dessas propagandas, pois elas não apenas influenciam consumidores, mas dialogam com o público-alvo do empreendimento. O mercado imobiliário é relevante, como afirma Michelle Perrot (2009d, p. 287), “a casa é também propriedade, objeto de investimento e estabelecimento, em um país onde a função do capital imobiliário continua a ser considerável, e sua renda, honrosa.” O mercado imobiliário auxilia também na construção do discurso de moradia, e esses anúncios representam de forma resumida e comerciável um projeto de moradia, um estilo de vida, um ser e estar na cidade.

De forma discreta, isso constitui o pano de fundo de como será viver no residencial. Tudo é positivo, afinal, o intuito é o comércio. Destacam-se as piscinas e a segurança, como vamos observar a seguir nos anúncios. Os anúncios encontrados foram publicados no jornal *Diário Popular*, um veículo de comunicação importante naquele período. Além disso, trata-se de um jornal pago, assim, é preciso considerar quem poderia pagar por jornais naquela época, pois a escolha de anunciar em um suporte de comunicação não gratuito revela um diálogo com determinado público-alvo.

A relevância de analisar esses anúncios não se dá apenas pelo caráter de pesquisa histórica, mas também pelo uso do marketing no Residencial Ana Terra, uma vez que

O marketing constitui um componente fundamental do negócio imobiliário. Do mesmo modo que em outros ramos da economia, nesse setor ele está presente em todo o ciclo, isto é, desde as pesquisas de mercado, na fase anterior à elaboração do projeto, até a entrega do produto final ao cliente. Ele se responsabiliza pela identificação de demandas e define os conceitos dos produtos a serem lançados. Por meio do marketing, o sociometabolismo do capital se revela com toda imponência, em um processo em que as mercadorias são meticulosamente concebidas e divulgadas para despertar e, por vezes, realizar desejos; ao mesmo tempo, incitar sua transformação em novas necessidades. Como tantas outras mercadorias, os imóveis inserem-se nesse jogo de sedução, sob os mais diversos artifícios e apelos. (BARBOSA, 2017, p. 1).

Essa estratégia de captar os desejos, as necessidades, que na arquitetura será o plano de necessidades de um determinado grupo, prováveis clientes de determinado projeto, é o que garante a venda dos imóveis.

Barbosa (2017, p. 2) pontua que “à luz da estética da mercadoria, o marketing explora tanto racional quanto o emocional”, o que nós podemos observar aqui nos anúncios do Ana Terra, que exploram da localização a expressões atreladas à moradia no residencial, como “ano novo, vida nova”. Para Barbosa (2017, p. 4), “no setor imobiliário, esse apelo emocional é cada vez mais presente, inclusive pela via do simbolismo que a casa tem na sociedade brasileira, identificada como parte da realização pessoal, que confere prestígio e status.”

Para Costa (2004, p. 79),

A propaganda imobiliária é, hoje, um discurso presente e ativo na formação de valores, recriando, codificando e recodificando os hábitos e preferências do consumo do espaço, assim como a significação dessa mercadoria especial como mediadora de relações sociais.

O autor defende ainda que

Podemos, então, falar de uma produção cultural de novas necessidades e formas de vida, empenhada em seduzir os indivíduos para o consumo programado de mercadorias, por meio de um complexo de mecanismos de leitura e troca com o imaginário social, do qual a publicidade seria um instrumento fundamental. (COSTA, 2004, p. 81).

Não é a arquitetura que constrói essas novas necessidades, embora as materialize, mas a construção da ideia da necessidade, e até mesmo do desejo, é anterior ao projeto arquitetônico. Esse papel é do marketing.

Os limites entre a criação publicitária e a criação arquitetônica se tornam obscuros, ilegíveis [...] Mas, por enquanto, o que podemos no espaço deste texto é refletir sobre como um produto imobiliário nasce de uma necessidade (ou desejo) que possa ser socialmente identificável e acaba por determiná-lo, fixá-lo. E diferenciá-lo. (COSTA, 2004, p. 86).

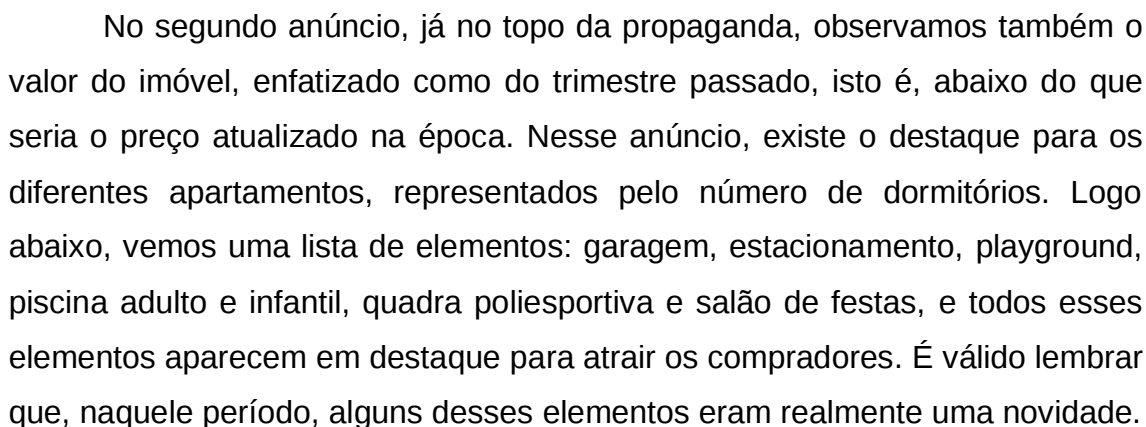
A linguagem publicitária é outro fator a ser considerado nas propagandas. Para Costa (2004, p. 90), ela é “a técnica que se dispõe do imaginário como pressão, ou seja, um determinismo a impor o desejo, o tempo e o espaço, de

forma estruturada, organizada, codificada.” A propaganda possibilita que o caráter teórico, técnico e imagético da arquitetura chegue até o público de uma forma mais prática e simples, como podemos observar nos seguintes anúncios:

The image is a composite of two parts. The top part is a page from the 'Diário Popular' newspaper, dated Wednesday, December 30, 1984. It features several real estate advertisements under the heading 'Classificados'. The ads are organized into columns and include details about properties for sale or rent, such as 'IMÓVEIS', 'TERRENO', 'CASA', and 'APARTAMENTO'. The bottom part of the image is a separate advertisement for 'Ana Terra' real estate project. It features a large headline 'Desconto de Cr\$ 6.031.835' and a sub-headline 'Este é o presente de natal que a ANA TERRA tem para você, como bonificação no preço do apartamento de 01 dormitório.' The ad also includes a map of the project area and contact information for 'CONJUNTO RESIDENCIAL ANA TERRA'.

Figura 13 – Anúncio publicitário I.
Fonte: *Diário Popular*, 30/12/1984.

No primeiro anúncio, a empresa oferece como presente aos clientes um valor de desconto nos apartamentos de um quarto. Além disso, financia todo o apartamento sem a necessidade do pagamento de um valor de entrada, e a entrega imediata do apartamento torna o anúncio ainda mais atrativo. Antes de referenciar a construtora e o plantão de vendas, o anúncio apela para a seguinte frase: “Ano Novo, Vida Nova, morando no Residencial Ana Terra”, tudo elaborado para atrair moradoras e moradores. Além disso, esses termos “presente de Natal”, “vida nova”, referem-se à aquisição da casa própria, que é um ideal de classe média, envolvendo a busca por melhoria da qualidade de vida, diretamente relacionada à transição de classe social.



A alta disponibilidade de crédito no país altera os hábitos de consumo das classes C, D e E, pois, com a possibilidade de adquirir produtos

mais caros com prazos maiores, essas classes passaram a comprar itens considerados caros e supérfluos.

Sobre as políticas sociais iniciadas no governo de Fernando Henrique Cardoso e fortalecidas nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva, no que se refere à facilidade de crédito e incentivo à moradia, Sallum Jr. e Goulart (2016, p. 120) afirmam: “ainda que o sistema não se altere estruturalmente, tais iniciativas melhoram significativamente as possibilidades de ascensão das classes médias baixas.” Assim, o financiamento, sem entrada, entradas reduzidas, ou de baixo valor, facilita e propicia, para alguns, o acesso à moradia própria, além de uma moradia melhor, maior e mais completa para outros.

ASSEGURE SEU ESPAÇO. MORE AGORA. MORE JÁ.

MORE NO RESIDENCIAL ANA TERRA

- Aproveite seu novo salário
- Pertinho do centro da cidade
- Excelente infraestrutura
- Melhor negócio do que alugar
- Garantia de equivalência salarial
- Seguro desemprego
- Seguro de vida.

Vendas:

CINCO Construção

J.J. COELHO corretores

CONSTRUTORA F.M. CARVALHO

Figura 15 – Anúncio publicitário III.
Fonte: Diário Popular, 02/06/1985.

No terceiro anúncio, em destaque na faixa preta no topo, lê-se o seguinte: “Assegure seu espaço. More agora. More já.” O tom apelativo da chamada da propaganda sugere que é fácil morar no residencial, basicamente, sendo uma questão de escolha, algo que sabemos não ser tão simples. No corpo do

anúncio, encontramos uma lista de vantagens e facilidades para os que escolherem o residencial, como localização, infraestrutura, seguros etc. Ao final do anúncio, encontramos o logo da construtora e também o da empresa responsável pelas vendas.

Classificados

IMÓVEIS

NOVOLAR

Um clube sem sair de casa. Em pleno 85, preço de 84 e pertinho do centro da cidade, só no Residencial ANA TERRA

APARTAMENTOS 1,2 e 3 DORMS

Churrasqueira
Para piquês, amigos e confraternizações.

Piscina Infantil e Adulto
O máximo de lazer em casa.

Garagem
Seu carro sempre protegido.

Cancha Iluminada
O esporte não tem hora. De dia ou de noite.

Salão de Festas
Um lugar para você, basta a alegria pra festa.

Ano de 85 Preço de 84
36 a menos no valor

36 a menos no valor

CONJUNTO RESIDENCIAL ANA TERRA

EMPENHAMENTO

CINCO - Construção

CONSTRUTORA F.M. CARVALHO

VENDEDOR

J.J. COELHO corretores

QUINZE ESQ. VOLUNTARIOS

FONE 25 2566

Assine o DIÁRIO POPULAR e fique bem informado sobre a vida de sua cidade.

DIÁRIO POPULAR

Figura 16 – Anúncio publicitário IV.
Fonte: *Diário Popular*, s/d.

O quarto e último anúncio é uma verdadeira riqueza no quesito representação. Além de o condomínio ser comparado a um clube, e a propaganda ressaltar a vantagem econômica do residencial, todas as características e especificidades são retratadas na imagem: churrasqueira, garagem, piscina, salão de festas, cancha; tudo está ilustrado.

Nesse sentido, Michelle Perrot (2009a, p. 569) afirma que “os cartazes publicitários excitam o desejo.” Essa riqueza de detalhes não só representa o condomínio, como aguça o desejo, personificando, por assim dizer, o que é ocupar aquele espaço, pois mostra itens antes inacessíveis que atuam como marcadores de status, afinal, “casas são materialidades centrais na elaboração

de imaginários e políticas de ascensão social.” (KOPPER, 2016, p. 185). Além disso,

As pesquisas de mercado são parte integrante do cotidiano de trabalho em grandes construtoras imobiliárias. No Brasil, estudo de mercado e propaganda são parte do processo de elaboração de estratégias corporativas desde a década de 1980, mas foram adaptados ao planejamento e exploração dos “anseios” e “necessidades” de uma classe média emergente, que tomou forma apenas a partir da segunda metade dos anos 2000. (KOPPER, 2015 *apud* KOPPER, 2016, p. 200).

Isso demonstra o quanto o Ana Terra realmente foi inovador no seu lançamento. Todos os itens descritos nos anúncios constituem a construção de uma narrativa, uma proposta de morar. É evidente também, como aponta Velho (1989, p. 24), que “certos anúncios eram feitos para uma ‘classe alta’ e outros para a ‘classe média’.”

O Residencial Ana Terra, de acordo com as entrevistas, foi um dos primeiros condomínios a oferecer áreas de lazer mais sofisticadas, como a piscina, o salão de festas e o playground. Atualmente, todos os condomínios apresentam esses espaços, porém, naquele período, isso era uma inovação, um diferencial, algo a mais em relação aos demais residenciais, o que por si só hierarquiza. Ao ir morar no Ana Terra, você tinha mais do que uma casa própria. Essas áreas comuns, funcionais, como as garagens, e até mesmo de lazer, como a cancha, o salão de festas e as churrasqueiras, representam particularidades que até então não eram comuns.

No entanto, ao mesmo tempo que essas áreas em comum criam um padrão para o condomínio, afinal, todos tem acesso à piscina e podem reservar o salão de festas, as churrasqueiras e assim por diante, são essas mesmas áreas que, com o tempo, vão pautar os processos de individualização. Para Gilberto Velho (1995, p. 232), “o estilo de vida urbano contemporâneo é a expressão mais radical dos processos de individualização da modernidade”, e, dentro do Ana Terra, fica evidente essa busca por individualização e ascensão em duas situações.

A individualização é facilmente observada nas construções de churrasqueiras nas garagens, não pela função da churrasqueira, e sim pela construção do espaço íntimo, que diferencia um morador de outro. Um tem a sua

churrasqueira e o outro usa as do condomínio. Já o processo de ascensão fica evidente nas mudanças que os inquilinos fazem para apartamentos maiores.

No entanto, ainda que o condomínio seja o mesmo e as áreas em comum também sejam para todas as pessoas, os espaços individuais, como os apartamentos e as garagens, não são. O campo de possibilidades não é o mesmo para todos os habitantes, nem é estático, como observamos através das mudanças, podendo ser ampliado ao longo do tempo. Nesse sentido, DeLuca, Oliveira e Chiesa (2016, p. 465-466) definem o campo de possibilidades da seguinte maneira:

O campo de possibilidades é, portanto, o rol de alternativas que se apresenta ao indivíduo a partir de processos sócio-históricos mais amplos que, além disso, passam pelo potencial interpretativo da sociedade. Trata-se de algo que é dado, mas que passa, ao mesmo tempo, por ressignificações em diferentes contextos, demonstrando o potencial de metamorfose do indivíduo.

Os autores apontam ainda que “cada indivíduo-sujeito traça seu projeto influenciado pelo campo de possibilidades em que está inserido.” (DELUCA; OLIVEIRA; CHIESA, 2016, p. 465). No entanto, será que, na hora de ocupar, de vivenciar esse projeto de vida, de moradia, o sujeito tem êxito? Suas demandas são atendidas pelo projeto? Os seus desejos são contemplados? As expectativas são alcançadas? Como funciona essa ascensão? Busco essas respostas nas narrativas de quem mora ou já morou no residencial, e são elas que constroem o próximo capítulo.

Além disso, precisamos compreender que, materialmente, a arquitetura alimenta o campo de possibilidades dos indivíduos e instiga esses individualismos e o desejo de ascensão. É a arquitetura que planejará as residências, itens de primeira necessidade, bem como os mecanismos de diferenciação, o supérfluo, o que individualiza, o que segrega.

Capítulo 4: Residencial Ana Terra – o vivido

Para estudar trechos, precisamos estar onde está o trecho. Bem ali, na sala de estar, no banheiro, no quarto, na cozinha. É aí que se vive a maior parte da vida moderna. (MILLER, 2013, p. 163).

O que configura o espaço que habitamos, isto é, a casa? Para o antropólogo Roberto DaMatta (1997, p. 15), casa tem distintos significados: ela “define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo: seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa.” Já sobre a agência dos moradores e das moradoras nesses espaços, o autor expõe que

os espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas. Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas etc. (DAMATTA, 1997, p. 38).

No entanto, os espaços não são imutáveis, e, em eventos especiais (como na recepção de uma visita), ou de acordo com as necessidades de ocupantes, podem ser reconfigurados, quebrando assim as “regras”. Podemos considerar a sala como um lugar de dormir – provisoriamente – e podemos construir um novo espaço em uma dependência de empregada já inoperante.

Por tudo isso, não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, posso comer na varanda no caso de uma festa, mas não posso mudar de roupa na sala de visitas. A sugestão é suficiente para provocar risos ou mal-estar, sinal marcante de que temos dentro da própria casa uma rigorosa gramática de espaços e, naturalmente, de ações e reações. (DAMATTA, 1997, p. 46-47).

Todavia, esse não é o fim da gramática social da casa no Brasil, ela expande-se e relaciona-se à sua contraposição – a rua, como aponta o autor:

Mas a gramática social da casa brasileira não fica nisso. Ela transborda em algumas expressões relacionais – que exprimem a ligação dramática da casa com a rua – como “vá para a rua!” ou “vá para o olho da rua!”. Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o consequente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo “do olho da rua”, isto é, de um ponto de

vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz “estou (ou fiquei) na rua da amargura” para designar a solidão ou a ausência de solidariedade de um dado grupo social. Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde a casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 1997, p. 49).

Neste capítulo, pretendo apresentar as observações de interlocutoras e interlocutores, bem como suas histórias, transformações e memórias, que vão construindo e moldando o espaço em que habitam. No decorrer do trabalho, evidencio, constantemente, as narrativas e a presença dos ocupantes do espaço. Pois, a meu ver, a arquitetura não é estática, tampouco é feita somente por profissionais da área. As pessoas – como demonstrarei a seguir – pautam e realizam transformações que reconfiguram suas casas diariamente e, por vezes, de forma muito intensa. Meu interesse pelo habitat se dá pelo fato de que ele é, como apontam Certeau e Giard (2013, p. 204):

Indiscreto, o habitat confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes. Tudo nele fala sempre e muito: sua situação na cidade, a arquitetura do imóvel, a disposição das peças, o equipamento de conforto, o estado de manutenção.

Essas informações permitem compreender quem ocupa o Residencial Ana Terra hoje e por que ocupa, assim como possibilita analisar e entender quem está deixando o residencial e seus motivos. Tudo se explica e se evidencia na oralidade de quem cotidianamente vivencia esse espaço. Além disso, essas histórias possibilitaram também compreender a construção, as transformações e as ocupações dos espaços coletivos do residencial. Os trechos a seguir referem-se às seis entrevistas realizadas com moradoras e moradores do Ana Terra, e saliento que duas das entrevistadas são arquitetas.

A entrevistada S. é uma ex-moradora do Residencial Ana Terra que viveu lá entre 2013 e 2016, quando alugava um apartamento de três quartos com dependência de empregada completa. Sobre a área de serviço, ela conta que:

Como a área de serviço era muito pequeninha, acho que na época que ele foi construído não se tinha muito máquina de lavar, né, mal tinha espaço para o tanque, e a máquina de lavar ficava nesse quartinho de empregada. Depois, ele tinha uma sala e cozinha, é claro, com porta de serviço para a circulação do edifício e a sala, uma circulação, dois dormitórios para um lado, um dormitório para o outro e um banheiro no fundo. (S., 2022).

Como a interlocutora S. havia contado que naquele período morava sozinha, perguntei o motivo de um apartamento com tantos quartos para uma única pessoa morar, ela afirmou que: *O dormitório mesmo era bem pequeno, eu tinha a minha cama e a cômoda no quarto e fiz um quarto de vestir no outro e fiz um quarto de hóspedes no outro, eles eram bem pequenos, bem pequenos mesmo (S., 2022).*

Logo em seguida, perguntei sobre a cozinha, se era grande ou pequena, se era maior comparada à cozinha dos apartamentos que estão sendo construídos atualmente, e S. conta que:

Dos de hoje, era, a que eu morava era um pouco maior, não era uma cozinha... Por exemplo, agora eu estou morando aqui no Ferreira Diniz, é uma cozinha um pouquinho maior, mais ou menos parecida, quadrada, ruim de dispor os móveis. Tanto que, no Ana Terra, para dispor os meus móveis, eu não podia usar a porta de serviço. Eu coloquei o balcão defronte à porta de serviço, se não, não teria como, porque ela fica com três portas, né, ela é quadrada, complicada já de arrumar os móveis, e aí ela tinha uma porta de serviço para a circulação, uma porta para a sala e uma porta para área de serviço. (S., 2022).

Concordei com ela sobre a dificuldade de dispor os móveis e de organizar armários mais altos em função também da janela, que limita ainda mais o espaço. Eu já sabia, através da minha entrevista com a arquiteta do projeto, que as áreas íntima e social dos apartamentos eram revestidas com carpete, então, perguntei a S. se o apartamento que ela alugava mantinha esse revestimento, ela me disse que:

Não, não era mais carpete [...] nos dormitórios ele era piso flutuante e na circulação e sala e dormitórios, eu não me lembro. Mas eu acho que ele era sim, não, estou te mentando, quando eu fui para lá nos dormitórios tinha carpete, mas como eu sou alérgica, eu pedi, conversei com o proprietário, e aí ele botou piso cerâmico nos dormitórios, e aí na circulação e na sala já tinha piso flutuante, daqueles de madeira bem antigo, que era madeira ainda. (S., 2022).

Esse relato demonstra a questão de saúde da moradora, mas também diferentes mudanças no revestimento do piso do apartamento, que foram feitas em momentos diferentes. Então, na área de serviço, o apartamento já vinha com o piso frio (1º momento); depois, o proprietário mudou o revestimento da circulação e sala para piso flutuante (2º momento); e depois, a pedido da inquilina S., mudou o revestimento do piso dos quartos (3º momento).

É evidente que isso pode ter acontecido por diversos motivos, por exemplo, por uma questão financeira – de não ter dinheiro para trocar o revestimento do apartamento de uma única vez –, ou, então, o piso da sala pode ter manchado ou desgastado, enquanto os dos quartos estavam em um bom estado e não precisaram ser mudados. Mas, o que o realmente importa, é que essas mudanças no revestimento ocorreram em função de demanda do proprietário ou de inquilinos, como no caso de S. e L., que sofrem com alergias e precisaram substituir os carpetes, ou por questão de decoração, caso em que a moda mudou e foi necessário atualizar os revestimentos para a manutenção do status.

Como não apenas os apartamentos me interessam no Ana Terra, então, algumas perguntas das entrevistas foram pensadas em relação às áreas coletivas no Ana Terra, espaços de sociabilidade que possibilitam, ou não, fomentam, ou não, a interação entre habitantes. Eu me questionava sobre esses espaços, se eram utilizados ou não. Sobretudo, quais espaços coletivos existiam ou não. Pois, no momento da entrevista com S., eu ainda não havia visitado o residencial e ainda não tinha conseguido a planta na Prefeitura Municipal. Logo, perguntei a S. sobre esses espaços coletivos: quais eram? Como eram? Eram utilizados? Ela lembrava?

Lembro, tudo organizado, muito bom, tinha uma churrasqueira, uma coisa menor, fogão disponível, era o espaço que os funcionários usavam como refeitório, mas, como tinha uma churrasqueira, os moradores podiam usar sem custo algum. Inclusive, era só deixar reservado e deixava limpo, né, era obrigação deixar limpo. E tinha o salão de festas, tem ainda, que era muito organizado, muito, tudo, quando eu morava lá pelo menos, tudo novinho, com ar-condicionado, com panela, com prato, com copos, toalhas para as mesas, só tinha que requisitar e pagava uma taxa para usar. A piscina também abria nos meses de verão, bem organizado, sempre que a piscina estava aberta, ficava um funcionário do condomínio ali, organizando, até para as crianças não fazerem algazarra e tal, mas bem organizado, limpo. (S., 2022).

Perguntei também a S. sobre a questão da segurança, da portaria, se havia, como funcionava, e ela contou que:

Sim, sim, sempre com portaria e à noite, porque, claro, a conformação do terreno, ela é bem comprida, né? E ali, daquele lado esquerdo [de] quem entra, tem umas vilas ali, então, a gente tinha muito medo, o meu carro, a minha garagem mesmo, era lá embaixo, após a piscina, como se fosse no terreno do lado, e tinha um segurança que ficava tipo um vigia na madrugada. Então, eu ia guardar o carro e sempre tinha um vigia na madrugada, ele ficava andando de cima para baixo na época. Não sei se ainda continua. Tinha o escritório da administração também, que tinha horário para funcionar certinho, acredito que ainda seja a mesma coisa [...] Um senhor, que era jardineiro, fazia coleta de lixo, que tem as latas de lixo, né, com separação, e ele colhia aquilo, coletava. Em cima, tem tipo um pátio separado, onde tinha aquela caixa d'água alta que tem uma parte de coleta de lixo, papelão fica separado, madeira fica separada, acredito que seja assim também ainda. (S., 2022).

Em seguida, perguntei a S. o que a levou a morar ali. Por que ela escolheu morar no Ana Terra? Ela atribuiu à:

Localização [...] Claro, porque era organizado, tinha segurança, tinha portaria, eu passava o dia em Rio Grande, passava o dia fora na época, eu tinha

recém-separado, então, para mim facilitou bastante, porque eu pegava ônibus para Rio Grande todo dia. Então, eu caminhava até o IF, pegava o ônibus ali no IF e, na volta, principalmente à noite, o ônibus me deixava na frente de casa. O porteiro já me cuidava quando eu descia do ônibus, para mim, foi uma questão de segurança. Assim, eu morei lá enquanto trabalhei em Rio Grande, daí, quando eu consegui remoção para Pelotas, ah, eu sou daquelas que defende o modernismo no aspecto de que tem que morar perto do teu trabalho, eu vim morar do lado do meu trabalho. (S., 2022).

Além de todos os itens presentes no Ana Terra, a segurança e a localização aparecem constantemente como algo que influenciou a moradora ou o morador a estar naquele residencial. O condomínio fica em uma área central da cidade, assim, a questão da localização e da presença das câmeras, do porteiro, tudo isso são marcadores de classe social. Essa narrativa evidencia, ainda, uma preocupação do modernismo em aproximar as pessoas do seu trabalho como uma facilitação da vida, uma forma de viver melhor. Eu questionei S. sobre a questão da classe social, em qual classe social ela encaixaria os moradores e moradoras do Ana Terra no período em que morou lá, e ela disse que:

No momento que eu morei [...] classe média, média média, média alta, média baixa, por exemplo, a A.³ é uma professora universitária, esses outros amigos, esse casal que eu conheço que ainda mora lá, os pais dela moram também, os dois são servidores federais, professor do IF, eu acho que classe média assim. [...] Pensando... É que não sei, na época que ele foi feito, eu acho que ele não era, a classe média tinha um outro status também, né, não sei, ele já tem piscina, tem churrasqueira, ele se preocupa assim, e tudo é muito organizado, claro que é uma questão de gestão também, né, mas eu acredito que tenha sempre, eu conheço pessoas lá de Piratini, que é a minha cidade natal, que tem apartamento ali, pessoas que compraram apartamento para os filhos virem estudar, moram em Piratini, vêm de vez em quando, quando têm alguma coisa para fazer na cidade. (S., 2022).

³ Conhecida de S. que mora no Ana Terra e também foi interlocutora deste trabalho.

Evidentemente, o residencial era planejado para uma classe média emergente, pelos elementos que o diferenciavam de outros empreendimentos, que, por sua vez, já eram inacessíveis para quem não podia comprar casa própria e morar no centro. Mesmo S. sendo arquiteta, ela não estabeleceu essas relações de diferenciação do Ana Terra para outros condomínios, o que estava sendo projetado ali, para diferentes grupos e com diferentes possibilidades de compra e de ascensão. Ao longo da entrevista, S. falou um pouco sobre a questão da mobilidade, do bom posicionamento do residencial, e perguntei sobre transporte público, se passavam diferentes ônibus por ali. Acabei descobrindo, então, que essa questão colaborou para sua mudança:

É, mas é bem complicado tu contar, isso foi uma das coisas que me desestimulou quando eu fui transferida para Pelotas de continuar morando ali. Eu não queria vir de carro para o centro por causa da função do estacionamento rotativo, eu também não queria ir a pé, porque tem dias que está chovendo, ah, tem uma certa insegurança ali, agora teve uma revitalização daquele canteiro central ali da 20 de Setembro, e era um lugar que assaltavam às vezes, né, principalmente quando o IF não está em aula, baixo movimento, determinados horários, e eu não queria perder tempo também caminhando quatro vezes por dia [...] tentei o ônibus urbano, só que o que acontece quando ele vem do Fragata em direção ao centro? Ele já passa ali superlotado, tu não consegue entrar. Para voltar para casa, era tranquilo, para embarcar, eu embarcava no terminal ali, o ônibus estava teoricamente vazio, eu andava duas paradas, na terceira, eu descia, mas pra vir pro centro, normalmente no horário é bem ruim, o sistema de ônibus não é bom porque todos eles ou vêm do Capão do Leão ou do Fragata, ali já é final de linha. (S., 2022).

A construção das garagens é um elemento que também informa para quem o residencial estava sendo planejado, para pessoas que tinham carro. No entanto, o acesso ao centro de carro, hoje, não é tão fácil, sendo algo que mudou da década de 1980 para cá. Os ônibus que levariam S. ao centro nos horários de pico já passavam lotados nos horários em que ela necessitava de transporte,

e isso se tornou um problema. O fácil deslocamento era importante para a moradora, que acabou deixando o residencial.

Após essa última pergunta, eu disse a S. que havia finalizado a minha lista de questionamentos e pedi a ela que ficasse à vontade caso quisesse compartilhar comigo alguma memória, experiência, enfim, qualquer coisa que tivesse vivido ou visto no Ana Terra e achasse interessante compartilhar. S. contou que:

Uma coisa que é interessante [...] as pessoas que os blocos da frente têm as garagens [...] à direita, na frente. [...] elas eram vagas [descobertas], algumas [pessoas] fizeram divisórias, eram vagas cobertas, aí fecharam, botaram portão, e muita gente fez churrasqueira, fogão à lenha, pia, fez uma extensão das cozinhas na garagem. [...] É, vários têm, me lembrei por que o O⁴. [...] tem até fogão à lenha na garagem dele, ele guarda o carro, ele tem armários, tem churrasqueira. (S., 2022).

Fiquei surpresa e comentei com ela que deveria ser bem apertado, considerando o tamanho do box, ela disse que:

[O O.] fez na parede do fundo, mas elas [garagens] são bem pequeninhas, porque elas eram, acho que elas não tinham divisórias, as originais [...] não tinham divisória, e muita gente até usou, usa aquilo ali como uma extensão da cozinha e comprou outra vaga lá embaixo, quando abriram as vagas das garagens novas, porque essa que eu guardava foi um terreno novo que foi adquirido pelo condomínio, novas garagens. Então, adquiriram lá embaixo e ficaram com as suas garagens assim, como depósito, como churrasqueira, botaram pia, churrasqueira. (S., 2022).

O fato de um novo terreno ter sido adquirido também é um fator de ascensão social. Em um primeiro momento, uma vaga de garagem contemplava uma família, hoje, isso mudou. A interlocutora F. relatou que comprou mais um lote nesse novo terreno de garagem por conta de sua família ter, além de dois

⁴ Conhecido de S. e colaborador deste trabalho.

carros, um reboque. Assim, podemos observar que alguns moradores, seja por uma renda maior, seja por facilidade de compra, não são mais contemplados com o espaço inicial destinado ao seu automóvel.

Além disso, é preciso considerar que, com a ascensão social, vem o individualismo, e, nos últimos anos, houve uma expansão dos espaços *gourmet*, extensões das cozinhas voltadas, em geral, para os homens, que, além de funcionais, são destinados ao lazer. No Ana Terra, os apartamentos não possibilitam isso, foi aí que as garagens do residencial ganharam essa nova funcionalidade.

Gilberto Velho (1995, p. 229) afirma que “sem diferenças, não há base para interação em qualquer nível. Mas para haver comunicação entre os diferentes, geram-se instrumentos econômicos, políticos e simbólicos.” Sem dúvidas, esses elementos ou cômodos que vão sendo reconfigurados e inseridos dentro do residencial constroem simbolismos de hierarquização e, por consequência, de diferenciação.

Posteriormente, quando entrevistei O., ele disse que construiu esse espaço com churrasqueira, fogão à lenha, pia etc. na sua primeira garagem, que fica bem em frente ao bloco em que ele mora, no platô. Complementou dizendo que adquiriu uma segunda garagem no outro lado para guardar seu carro, no terreno que foi comprado depois. Conversando com S., eu disse que essa construção parecia com o que hoje são as áreas *gourmet*. Feitas nas garagens, davam privacidade aos moradores, a possibilidade de fazer um churrasco sem precisar de reserva no condomínio, por exemplo. Ela pontuou ainda outras funções:

Para fazer peixinho frito no boca louca, aquela coisa que tu não quer que faça cheiro, sujeira dentro de casa, né, e eles não têm sacada [...] São bem, é um quadradinho, uma caixinha, não têm sacada, não têm churrasqueira [...] Mas tudo muito simples, não é nada sabe, tu passa ali, eu como vizinha passava para pegar o carro, ir lá embaixo pegar o carro ou ir na piscina, aí tu vê [que] as pessoas [...] tão fazendo seu churrasco. (S., 2022).

No decorrer desse diálogo, perguntei a S. sobre os espaços coletivos, como o salão de festas e piscina, se eles eram usados. Segundo S.:

Eram, mais ou menos, mais as crianças, mas acho que porque as pessoas não querem também, não se sentiam... A gente tinha que fazer todo verão, tinha um início de temporada, tinha essa, tinha que pegar uma carteirinha, para mostrar que era morador, sabe, claro que os porteiros conheciam, mas tinha que ir lá, não pagava nada por isso, mas tinha que ir, não me lembro se a gente tinha que levar algum exame, alguma coisa, não me lembro disso, se tinha que levar do médico, aí quem pode te esclarecer melhor é o síndico mesmo. (S., 2022).

Além de combinar com S. que ela passaria alguns contatos para que eu tentasse novas entrevistas, pedi também fotos. Apesar de achar que não tinha fotos, S. ficou de procurar e lembrou que:

Eu tinha uma coisa muito legal. Eu te disse que não tem sacada, né? Como eu morava no primeiro andar, no térreo, no primeiro bloco, os proprietários na época, [...] na sala, tiraram a janela e botaram uma porta-janela. Então, o prédio fazia um bico que eu ficava com um pátio que era praticamente só meu, era muro de um lado, que era virado para a rua, então, não enxergavam ali e era um pátio grande, eu secava roupa ali, tudo. Tinha grade na porta de ferro, e quase ninguém subia ali, sabe, tinha algumas cordas, algumas pessoas do bloco botavam suas roupas para secar ali, cobertas e tal, mas era praticamente eu e a minha gata que usávamos. (S., 2022).

Eu achei isso muito interessante. Esse espaço, possivelmente, não foi planejado para tal. Era um espaço que sobrou e depois chegaram a colocar cordas para secar roupa, mas, ainda assim, para o morador ou moradora do primeiro andar, ele funcionava de uma forma diferente, a depender é claro de quem o ocupava. No caso de S., ela e sua gata desfrutavam de um pátio praticamente privado. Comentei com ela que era uma área extra e ela disse ainda que:

Tinha um pátio privativo quase, e fazia toda a volta do bloco, era bem legal. O bloco que eu morei especificamente, ele tinha isso, sabe, um acesso direto, não precisava sair na porta do prédio, fazer a volta, eu saía direto da sala.

[...] Ali, no caso, era uma coisa bem, assim, talvez ali fosse o único apartamento que tivesse esse acesso. Os pátios eram mantidos, as gramas cortadas pelo condomínio, era uma área verde do condomínio, eu acho que, como tinha que subir o platô, eu acho que as pessoas nunca fizeram uso desse espaço, sabe. (S., 2022).

No final da entrevista, S. comentou um pouco sobre a parte depois da piscina, segundo ela, era uma área um pouco mais alagadiça, mas que tinha as bombas, que funcionavam direitinho e davam conta. Outros moradores vão falar sobre essa questão, inclusive sobre enchentes que ocorreram no Ana Terra.

Outra colaboradora deste trabalho será identificada como “T.” Indicada pela minha orientadora, ela morou de aluguel no Residencial Ana Terra entre 2004 e 2010, enquanto fez seu curso técnico no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas) e a sua graduação. Perguntei a ela sobre o seu apartamento, e ela contou que:

Esse apartamento era dos blocos mais lá pra baixo, eu morava no bloco F, e eu aluguei ele em seguida de uma enchente que teve. Ele era térreo, então, ele alagou, ele era com carpete, e ele alagou e foi alugado muito barato, justamente porque tinha acabado de entrar água ali. [...] Ele era de um quarto, tinha cozinha e área de serviço, a sala, o quarto e o banheiro. (T., 2022).

Perguntei a T. se a sala e a cozinha eram separadas, ela disse que sim. Em seguida, perguntei se a cozinha era junto ou separada da área de serviço. Segundo T., as áreas eram próximas e separadas por uma porta sanfonada. Depois, eu perguntei a ela se o apartamento mantinha sua configuração original ou se os proprietários tinham feito alguma mudança, ou se ela mesma tinha mudado algo. T. disse que:

Não, a gente não mudou nada, justamente para cumprir o contrato de aluguel, e me parece que ele era sim o espaço original. A única diferença é que as portas, tanto da cozinha quanto da área de serviço, eram portas sanfonadas, que não eram as portas originais. Mas, de resto, até o próprio carpete que veio sobreviveu a várias enchentes, porque antes de eu devolver ele em 2010, em

2009 teve outra enchente, e com a gente também, claro, eu dividia o apartamento com outras estudantes, eu aluguei ele, mas não morava lá sozinha, só no último semestre. E nesse período de 2009, também [ocorreu] outra enchente, outro alagamento e o carpete tá lá guerreiro. Inclusive, uma amiga estava procurando apartamento ali naquela região, e ela chegou a ver aquele apartamento, com aquele carpete, em 2018. (T., 2022).

Brinquei com T. dizendo que o carpete era de primeira linha, e ela contou ainda que:

O carpete, eu acho que não tinha melhor, assim, incrível. E eu sabia que era o meu, [...] o mesmo, porque a gente derrubou um ferro de passar e deixou uma marca no carpete, e aquela marca estava lá. [...] Então até 2018, era o mesmo carpete de 15 anos atrás. (T., 2022).

Eu disse a T. que me chamou atenção ela dizer que dividia o apartamento com outras estudantes, isso porque, quando eu pensava num apartamento de um quarto, imaginava, no máximo, um casal ocupando o espaço, em função do tamanho, do número de quartos. Então, pedi que ela contasse mais sobre isso e perguntei quantas estudantes moravam no apartamento. T. disse que:

Bom, estudante tem aquela lógica de navio, quanto mais der pra empilhar, mais vai colocando. A gente chegou a ter cinco pessoas no apartamento, tá, porque a gente fazia uso da sala como também um quarto, então, o que acontecia, o quarto mesmo era meu, porque o apartamento estava alugado no nome da minha mãe, na verdade, no meu nome. Eu não sei nem como a imobiliária fez um negócio desse, porque eu não podia nem reconhecer firma, eu tinha 15 anos quando fui morar lá, e o quarto, então, era meu e da minha colega de quarto original, né, que eu e ela tivemos a iniciativa de alugar o apartamento, e a gente alugou ali porque era próximo do CEFET, na época CEFET, porque a gente estudava o dia inteiro, fazíamos médio e técnico. E aí foi chegando mais gente interessada, eu sou natural de São Lourenço, ela também, e pela localização também mais gente foi se interessando em dividir com a gente. Aí normalmente eram três pessoas, essa terceira pessoa variou bastante ao longo

dos anos, e chegou num momento que a gente pensou: “cabem duas camas na sala? Cabem, se cabem duas camas, cabe um beliche” e fomos colocando, a fulaninha quer morar com vocês, pode? Ah, se ela tem um beliche, pode. Isso demorou pouco tempo, então, a maior parte do tempo ficávamos nós duas dividindo o quarto, e a terceira pessoa na sala, que ficava com a sua cama mais próxima da janela [...] A gente não tinha sofá, particularidade, a gente não tinha estrutura de sala, a gente usava a mesma [a sala] para estudo e sala de jantar, no quarto, entre aspas, de outra pessoa. Outra coisa que diferencia assim dos apartamentos de hoje em dia, eu moro num apartamento menor, eu acho que menor do que aquele do Ana Terra, ele tinha bastante espaço no cômodo, então, a gente conseguia empilhar bastante gente. (T., 2022).

Eu fiquei muito surpresa com o número de moradoras naquele apartamento, mas, depois, no decorrer de outras entrevistas, percebi que isso é bastante comum, trarei esse debate mais adiante. Segui a entrevista perguntando a T. sobre a cozinha do seu apartamento, como ela era, se era ampla, ou se era em fita, como as que observamos nos apartamentos hoje em dia, e ela respondeu assim:

Não, ela era, em vista da minha cozinha hoje, bem espaçosa. Claro, eu [estava] acostumada com a cozinha da casa dos meus pais, a cozinha é três vezes maior, ali tinha aquela pia de alvenaria, e era um inferno, porque [era] o 1º andar, todas as baratas vinham para o nosso apartamento. Então, aquele armarinho era inutilizável, não tinha como usar aquilo e ocupava um espaço, tinha aquela pia de alvenaria e comportava os móveis que a gente tinha. A gente cozinava muito pouco em casa, né. Ah, eu fui, no período do técnico, eu fui bolsista do refeitório do CEFET, então eu não precisava almoçar em casa, isso facilitava bastante. As coisas dos móveis, a gente não tinha muita panela, era só o básico mesmo, então, pra gente, parecia um bom espaço. [...] Eu acho que, comparando com o meu, somando cozinha e a área de serviço, é pelo menos o dobro de tamanho assim do meu hoje. (T., 2022).

Eu comentei com ela que isso era bem significativo, e ela contou que, embora não desse para colocar uma mesa, por exemplo, dava para duas

peessoas cozinhareem, o que, no apartamento atual dela, era impossível. Em seguida, eu perguntei a T. se elas tinham garagem e se usavam as áreas coletivas. Ela respondeu que:

A gente tem uma história curiosa da garagem, que a gente não sabia que tinha vaga de garagem no nosso apartamento. A gente viu o número ali, que era F103, o apartamento, e tinha sempre uma Kombi estacionada ali, mas a gente obviamente não tinha uma Kombi. Aí o vizinho do lado, ele pediu pra guardar o carro dele na nossa garagem, porque a dele estava com material de construção, já que ele estava reformando o próprio apartamento depois da enchente, da 1ª enchente. A gente prontamente emprestou, o vizinho era muito simpático, e a gente prontamente “pode colocar o carro ali”, e aí, quando chegou o senhor da Kombi, ele imediatamente viu que não poderia usar a garagem de graça e nos propôs alugar a nossa vaga. E pra gente, claro, então, a gente alugou esse espaço de garagem, né, e desalojou o vizinho legal, mas, enfim, a gente não podia abrir mão daquele dinheiro na época, era 40 reais, o que era um absurdo [...] para três estudantes, era uma grana assim incrível, era mais ou menos o que a minha mãe me dava por mês para eu me manter [...] por semana, [...] era bastante dinheiro. Então, [...] o nosso apartamento tinha vaga de garagem, e o vizinho alugou. Do resto dos espaços, assim, eu só lembro da gente usar a quadra. Algumas gurias que moravam comigo gostavam de jogar futebol, aí a gente jogava futebol com os guris pré-adolescentes de 12 a 13 anos, porque era todo mundo da mesma altura. Então, ficava justo jogar com os pré-adolescentes. A piscina, a gente usava muito pouco. (T., 2022).

Sobre a piscina especificamente, T. contou o seguinte:

A gente usava muito pouco, mas era sempre uma briga assim, porque encarecia assim o condomínio. A água vinha junto na mesma conta. Como o apartamento estava alugado no nome da minha mãe, a gente conversava com a síndica para que ela liberasse a minha irmã, que era menor, para que ela pudesse usar a piscina quando eles fossem visitar, então, acho assim que a minha irmã usou mais a piscina do que eu. (T., 2022).

Logo em seguida eu perguntei a T. sobre o que levou ela a escolher o Ana Terra, quando saiu de São Lourenço do Sul, e o que ele tinha de inovador na época. Porém, T. disse que morou ali pela localização, por ser próximo ao IF. Então, eu perguntei qual classe social ela achava que ocupava o residencial no período em que esteve morando ali. T. disse que:

Eu acho que variava, tinha, ainda tem, uma certa hierarquia entre os blocos, os blocos da frente têm, pelo menos tinham na época, entrada de serviço, né, a entrada pela cozinha. Isso não tinha nos blocos do fundo, né, então, eu acho que variava um pouco, eu acho que classe média, fazendo uma generalização, classe média. (T., 2022).

Depois, eu pedi a T. para compartilhar alguma história ou memória do período em que morou lá no Ana Terra, como fiz com S., claro, se ela se sentisse à vontade. T. falou sobre diversas coisas:

Bom, além do futebol com os pré-adolescentes, o aluguel da Kombi, da área comum, também tem a área da churrasqueira. Tem a área da churrasqueira, pelo menos tinha, e a parte do salão de festas, que era separado. Aí, uma vez, eu reservei a área da churrasqueira para fazer um churrasco com os meus colegas da graduação, eu fiz matemática, a gente tinha um projeto de extensão que a gente dava aula de reforço para EJA, lá no Lindóia, isso era sexta-feira, e a gente saiu de lá e começou a fazer o churrasco, isso era umas 20h. O porteiro, não lembro exatamente qual era a função dele, mas ele ficou lá nos incomodando, dizendo que aquilo não era hora de fazer churrasco. Poxa, eram 20h, a gente estava trabalhando, qual é o problema de fazer o churrasco, sabe? E aí eu reclamei com a B., que era uma conhecida e filha da síndica da época, por que ele estava nos impedindo? Estava dentro do horário, a gente não estava fazendo barulho, era só assar uma carne mesmo, e ele ficou lá nos incomodando, que aquilo não era horário de fazer churrasco, tá, mas que hora é hora fazer churrasco? [...]tinha uma senhora, acho que C. [era] o nome dela, tinha problema na perna, estava sempre de muleta, [...] ela era minha vizinha de bloco assim, do mesmo primeiro andar, era muito engraçado, a gente sempre

fugia dela, ela estava sempre querendo atenção, conversar, e estudante nunca tem tempo, então, a gente não dava muita conversa para ela. (T., 2022).

Essas histórias que T. contou são interessantes, pois elas revelam que público é esperado nesses condomínios. Em geral, a espera é por famílias, e estudantes são perseguidos nesses espaços, como ela demonstrou durante a entrevista. Enquanto nós conversávamos sobre outras pessoas que eu poderia entrevistar, que T. conhecia e poderia passar o contato, ela lembrou de outra história inusitada:

Teve uma vez que a gente fez uma festa e chamou os colegas de uma das minhas colegas de quarto, e era uma turma de eletrotécnica. E aí, claro, gurizada bebendo e três da manhã fazendo barulho. Esse mesmo, eu vou chamar ele de porteiro, mas ele não era, como que era, talvez vigilante, e ele foi, tipo, a gente estava três da manhã fazendo barulho, e ele achou que se ele desligasse a nossa energia elétrica, ele ia acabar com a festa, porque a gente ia pensar que acabou a luz e sei lá, ia ficar quieto. Só que eram todos estudantes do CEFET, da turma de eletrotécnica, então, a primeira coisa que a gente foi ver foi a caixa da luz, não durou nem cinco minutos essa tentativa de dissuadir a festa dele. (T., 2022).

Brincamos que estudantes tinham recursos, e depois eu agradeci a T. e pedi que, se ela achasse fotos e pudesse compartilhar comigo, eu agradeceria, pois ajudaria muito a conhecer o Ana Terra por dentro e as especificidades de cada apartamento.

Outro colaborador deste trabalho é identificado por “L.”, indicado por uma colega do Grupo de Pesquisa Margens. Comecei perguntando a ele se ainda morava no Ana Terra ou se tinha morado em algum outro momento. Ele disse que:

Eu moro, moro desde 2003, eu me mudei para o Ana Terra depois disso, eu morei um tempo sozinho, depois eu morei um tempo com a minha irmã, na época da faculdade, depois a minha irmã se formou, eu me casei, continuei morando no Ana Terra, sempre no mesmo apartamento. Depois, em 2012, não,

2014, aí nós trocamos de apartamento, mas continuamos no Ana Terra até agora. (L., 2022).

Perguntei a L. em quais modelos de apartamento ele havia morado. Ele respondeu: *Eu morei no de um quarto, simples, só de um quarto, e agora nós temos um de três quartos com dependência de empregada (L., 2022).* Segundo L., o apartamento de um quarto contava também com um banheiro, uma sala, uma cozinha e a área de serviço separada da cozinha. Perguntei a ele se a cozinha do apartamento de um quarto era menor do que a do de três quartos, onde ele estava morando atualmente, e ele disse que:

Em questão de tamanho, esse agora é maior, mas ela era de um bom tamanho. Só que, naquela lá de um quarto, ela tinha a pia ainda naquele formato antigo de concreto, e a gente manteve aquele. Então, era a pia na frente da janela, que dava para a área de serviço, tinha o espaço do fogão, do outro lado, a geladeira e um armário. Isso. Aqui, quando nós nos mudamos para esse aqui, aí nós fizemos uma reforma, nós tiramos aquela pia antiga e fizemos com móveis planejados, aí ficou com uma circulação maior, ficou mais fácil de arrumar, ela já é maior mesmo em questão de espaço. (L., 2022).

Questionei L. sobre o momento em que ele e a irmã dividiam o apartamento de apenas um quarto, e ele contou que ambos dividiam o quarto. Logo em seguida, perguntei a ele sobre o novo apartamento de três quartos, além disso, como ele aparecia com um bebê no colo durante a entrevista, perguntei se morava ele, o bebê e a esposa, o que ele confirmou. Perguntei sobre a reforma, se eles tinham reorganizado as peças, o que tinha sido mudado. L. contou que:

Esse daqui, ele está original, não foi mudado nada. Eu tenho uns quantos vizinhos aqui, que o nosso bloco tem quatro apartamentos por andar, são quatro andares, no total, são dezesseis, e no nosso aqui não teve mudança nenhuma. Teve gente que abriu, ampliou a sala, outro que ampliou área de serviço ou cozinha, esse aqui não, é o original. A única mudança, vamos dizer, que a gente pode dizer assim, que a gente não usa agora como quarto [um dos quartos] [...],

como são três, um era nosso sempre, o outro era escritório e nesse daqui ficou o quarto de visitas, assim, muito pouco usado, mas ficou assim de coringa, né. Com a vinda da pequena, aí o escritório virou o quarto dela, então, agora, está sendo usado como quarto mesmo, e esse daqui virou escritório, quarto de visitas e mais alguma coisa que precisar né. (L., 2022).

Esse relato de L., em que descreve a reconfiguração do quarto como escritório, é similar ao de outras colaboradoras deste trabalho. No entanto, é interessante pensar o caso da interlocutora T., que, por questões financeiras, com outras estudantes, fazia da sala de estar um quarto. No caso de L., o excesso de quartos em comparação ao número de moradores possibilita a reconfiguração da peça original de forma não prevista em planta, não planejada pela arquiteta e tampouco pela construtora, que é o escritório. Outra pergunta que fiz a L. foi sobre a dependência de empregada. Perguntei como ele e a família utilizavam aquele espaço atualmente. Ele disse que:

A dependência de empregada, nós fizemos como área de serviço, também tem armário, tem a parte dos eletrodomésticos, a parte dos alimentos e tem lavadora. Agora, tem até um guarda-roupa, que colocamos roupas que não são de uso seguido [...] e material de limpeza. É uma peça que deve ter o que, dois metros, três, não, três não tem, dois metros e meio por uns... dois e meio por dois e meio, é uma peça, para apartamento, relativamente boa, e a gente usou mais como um local de armazenamento. (L., 2022).

Fazer da dependência de empregada uma despensa é algo bem comum de acordo com as entrevistas. A proximidade do local com a cozinha e o tamanho da peça parecem favorecer isso. Segui perguntando a L. sobre sua vaga de garagem e onde ela se situava, ele disse o seguinte:

Tem uma vaga próxima daqui, nós temos duas vagas. Quando nós compramos o apartamento aqui, já veio com duas, só que uma original do apartamento, e a outra acho que foi adquirida depois, não são duplas, são separadas, uma é fechada, a outra é aberta. A gente usa mais a aberta, é mais

fácil de mexer com o carro, de entrar e sair, e a outra é fechada, e as duas são bem próximas ao apartamento, mas são das vagas antigas ainda. (L., 2022).

Nessa garagem fechada, a família de L. conta com ainda armários para mais armazenamento. Depois, perguntei a L. sobre os espaços em comum, se a família dele usava a piscina, se desciam para o pátio, se usavam as áreas de lazer, e ele disse que:

Usamos, a piscina se usa sim, não vou dizer que muito, mas se usa, claro, no verão, e as demais áreas muito pouco, de descer e sentar dá para contar nos dedos. Quantas vezes no ano se utiliza o gramado, se usa às vezes, mas também dá para contar nos dedos. O salão de festas, a churrasqueira, a quadra, nós não temos o costume, só quando tem alguma visita que tenha criança, aí a gente costuma usar a quadra. (L., 2022).

Conversando sobre todos esses elementos que o Residencial Ana Terra tem, como piscina, quadra, pracinha, eu perguntei a L. qual classe social ele acha que se encaixa naquele perfil de moradia, naquele local, enfim, no Ana Terra. E ele disse que:

Eu arriscaria classificar como uma classe média, claro, aqui tem um perfil bastante variado de moradores, estudantes, né, alunos, pela proximidade tanto da medicina, quanto do centro, do IF, eu, quando me mudei para cá, por exemplo, era estudante, estudava lá no Capão do Leão, então, [tinha] a praticidade do ônibus passar aqui na frente. Mas também tem algumas famílias, novas assim, com criança, tem muito pouco, e depois tem a classe de família de casais mais idosos, inclusive, aqui nesses blocos mesmo, tem muitos moradores que foram os primeiros moradores, vieram, tiveram os filhos, os filhos saíram, casaram, cresceram e tudo mais, e o casal continua morando aqui, tem alguns que os próprios filhos já casados moram aqui também. (L., 2022).

Quando L. falou da questão da localização, lembrei de outras pessoas que falaram exatamente isso, então, decidi perguntar a ele se isso ainda era uma

questão importante para ele, se era algo que fazia ele permanecer ali. Ele confirmou:

Sim, isso conjugado com a questão da segurança. Tem a questão da praticidade, tanto que, quando nós, já com cinco anos de casados, a gente teve a oportunidade de comprar um apartamento maior, a gente quis manter aqui pela estrutura. É um lugar bom, é um condomínio muito tranquilo, [...] nós estamos no quarto andar, aqui dessa janela que eu tô é de frente pra piscina e não tem, não dá para dizer [que] no verão tem “griteiro”, tem bagunça, não, é usada a piscina, a quadra, a quadra tem um pessoal que gosta de usar até a noite, dez horas da noite, mas a gente escuta o barulho da bola e só, não tem bagunça, não tem. O salão de festas é aqui perto, nunca se teve problema. [...] São quase vinte anos já aqui, nunca teve problema nenhum, aqui tem a questão de segurança, fecha o apartamento e passa o tempo que quiser fora. (L., 2022).

Eu o questionei sobre a segurança 24h, algo que a S. tinha comentado comigo ser extremamente valoroso para ela, e L. disse que:

Tem, segurança 24h. E tanto que se tu não quiser fechar o apartamento, também não tem problema nenhum, porque o trânsito dentro dos blocos é reduzidíssimo. E a questão de localização [...] eu sou professor no IF, então, às vezes, a gente até cogitou, assim, ver uma casa, [...] e aí sempre vem a possibilidade do Laranjal, mas ir para o Laranjal é fazer uma viagem por dia para vir, voltar. Aqui mesmo, [em] cinco, dez minutos, eu vou para o IF a pé, no centro, tem um pouco mais de tempo vai a pé no centro, e tem supermercado, farmácia perto, posto perto, muito bem localizado. (L., 2022).

L. descreveu ainda um pouco do seu cotidiano e do sentimento de morar no Ana Terra:

Então, eu gosto muito, nós gostamos muito daqui, e muita gente quando vem nos visitar pergunta: “é calmo assim?” É, esse é o nosso dia a dia, tinha um depósito do Detran aqui ao lado, [...] agora já desocupou, é, a gente escuta barulho de passarinho, de sapo, de bicho assim, sabe, é um som bem tranquilo,

as pessoas se surpreendem que não se escuta barulho de carro nenhum, [...] só se escuta se passar uma sirene lá na frente, de trânsito, é barulho zero. Agora, uma coisa que está nos chamando atenção, que mudou bastante o nosso cenário, é a construção do condomínio aqui ao lado. Não incomoda o barulho, claro que não, tem uma distância boa até, mas o que nos chamou atenção é que a gente não tem mais a vista para o centro, agora bloqueou, só enxergamos a vizinhança nossa. (L., 2022).

Quando conversamos sobre a reforma, e L. não comentou nada sobre o carpete, perguntei a ele se o apartamento ainda era de carpete, e ele disse que não, que trocaram por piso flutuante em função da rinite e alergias. Pedi a ele – como sempre fiz ao final das entrevistas – que, se soubesse de alguém que pudesse contribuir para o trabalho, que me indicasse e passasse o contato, e L. disse que:

Tá, isso é uma coisa que eu te confesso é interessante nossa, pelo menos nossa, nós, aqui em casa, conversar aqui no bloco a gente conversa com todo mundo, assim, mas é meio que no bom dia, boa tarde, agora tem a nenê, olha a nenê, aí que bonitinho tal, tal, tal. Tem uns até que ela já estava com uns dois meses, e aí quando é que chega? Não, já chegou, porque não tem isso, e agora veio esses dois anos de pandemia que restringiu ainda mais, então, eu te confesso que aqui do condomínio eu devo ter o contato de três ou quatro pessoas. (L., 2022).

Eu achei L. bastante reservado, considerando o tempo que ele mora no Residencial, mas ele sugeriu entrevistar o síndico do Residencial Ana Terra, pois segundo ele:

Uns dez anos, ele deve estar de síndico, e é uma administração boa. Bem, para começar, ninguém quer esse tipo de bucha hoje em dia, quando alguém quer, eu sou um [que digo] muito obrigado, e eles trabalham bem. Nós, aqui mesmo, nesses dez anos, nunca tivemos chamada extra, [...] a outra gestão já tinha dado alguns passos nesse sentido, essa agora continuou, teve reforma, teve pintura, uma boa [administração]. (L., 2022).

Interrompi L. para questionar, então, o que seria uma chamada extra. Ele disse que:

É de cobrança. Da primeira vez, desde que eu moro aqui, foram fazer pintura, fizeram um orçamento, e daí ratearam para cada um pagar um pouco, parcelado e tal, e a última vez que foi feito a pintura, não teve um planejamento, e teve também uma questão judicial, que entrou uma verba, e eles pintaram todo o condomínio, não precisou chamada extra, de taxas. O O⁵. é muito acessível, comprometido, empenhado pelo condomínio, vale a pena dar uma conversada. (L., 2022).

Um tempo depois de ter conversado com L., entrevistei O. e pude conversar um pouco com ele sobre a questão da administração, como ele gere o condomínio, o que foi feito ao longo de sua gestão etc. Mas, antes disso, entrevistei a colaboradora identificada como “F.”, indicação da colaboradora S. Comecei perguntando a ela há quanto tempo morava no Residencial Ana Terra, e F. disse que:

Faz 14 anos em dezembro que eu moro aqui, não, 15 anos que eu moro aqui. Eu sempre achei o condomínio legal, eu já tinha outros amigos que moravam aqui, já moravam há bastante tempo. Então [...], nós vínhamos visitá-los né, e eu achava muito bom assim, pertinho do centro, tem uma área verde, piscina, pracinha, e aí né sempre me chamou atenção assim, de morar aqui. E aí, na época em que a gente comprou apartamento, eu estava grávida e trabalhava em Rio Grande, então, a gente saía muito, e eu achava mais seguro que uma casa, era perto do trabalho, perto do centro e o local era seguro. É um local que eu achava bom, tinha um clima bom, então, viemos morar aqui, compramos um apartamento e viemos. (F., 2022).

Em seguida, perguntei a F. sobre o apartamento dela, quantos quartos tinha, como era, e ela respondeu que: *é o bloco B, aquele que tem o maior*

⁵ Síndico do condomínio e colaborador deste trabalho.

apartamento, são três quartos com suíte, dependência completa de empregada (F., 2022). Quando a questionei sobre o local da dependência de empregada, ela disse que era na área de serviço. Então, perguntei que uso fazia daquela peça atualmente. F. contou que:

Estou nela agora, transformei o quarto em escritório, quebrei uma parede que dá para dentro da sala, né, coloquei uma porta sacada de todo tamanho e fechei, onde era a porta eu fechei e deixei um buraco aqui, [...] eu deixei um espaço e coloquei um aquário para ter uma luz, transformei em escritório. O banheiro de empregada segue como banheiro de empregada, só não tem chuveiro, mas eu quis manter o banheiro porque eu acho que, na hora de vender, isso vai valorizar mais o apartamento. (F., 2022).

Contei a F. que um outro colaborador havia comentado comigo sobre um balcão de pedra que tinha na cozinha, sobre a questão das portas que dão para dentro dessa peça, e questionei sobre sua cozinha, se tinha esse balcão quando ela comprou, assim como se ela tinha feito alguma reforma, pois eu queria saber como era e como estava a cozinha dela hoje. F. disse o seguinte sobre o balcão de pedra e sobre sua reforma:

Ai, horroroso, com uma caixa de gordura embaixo da pia, [...] aquilo era um horror e devia encher de barata. [...] Reformei, reformei todinho, antes de eu me mudar, [...] antes de eu me mudar eu já fiz uma mudança. Eu pintei as portas internas, né, que era uma cor que parecia uma fórmica, uma coisa, eu pintei e colocamos piso frio porcelanato em todo o apartamento, que era carpete. Então, nos quartos, sala, circulação, tudo, eu coloquei piso frio. Depois de dois anos que eu estava aqui, a gente cortou para colocar os canos de cobre do aquecimento a gás, e aí, depois de dois anos que a gente estava morando aqui, aí eu peguei e reformei os banheiros, a cozinha e a área de serviço e a dependência de empregada, troquei todo encanamento, toda fiação elétrica, quebrei aquela parede do closet para o banheiro e fiz um banheiro e closet, uma coisa meio misturada, até a S.⁶ me deu umas dicas na época, né. Eu tinha

⁶ Colaboradora deste trabalho, conhecida de F e arquiteta.

pensado em fazer e ela: “faz mesmo”, isso e aquilo. Então, eu quebrei aquela parede para ganhar mais vinte centímetros no banheiro da suíte, coloquei uma banheira um pouco maior, que aí eu podia colocar o chuveiro fora do box, porque eu acho que o chuveiro dentro do box mancha muito a banheira, suja, daqui a pouco resvala e cai né. Então, eu fiz isso aí, e o closet ficou com uma parede de vidro para dentro do banheiro, né, e a cozinha eu quebrei aquele balcão horroroso, virei a pia de lado, botei para o outro lado, tirei a janela de guilhotina [...] e eu deixei um vidro, mas com uma aberturinha que tu possa assim virar e abrir, né, a área de serviço também modifiquei, né, eu segui a orientação da S., que era fazer um “L” assim para dentro da dependência de empregada que eu transformei em escritório, e ali, naquele “L”, eu encaixei máquina de lavar, secar e tanque, porque, na época que eu me mudei, eu tinha acabado de ganhar a minha menina, tinha um mês que eu tinha ganho ela, e eu não conseguia passar na área de serviço, com a máquina de lavar, que a minha é daquelas Brastemp, né, grande, e os meus quilos a mais não permitiam que eu passasse na área de serviço. Eu disse: “mesmo que eu emagreça, eu vou passar muito apertada, não tem como.” E aí fiz isso para ganhar espaço, fiquei com a área de serviço toda livre, o corredor livre, e tanque e máquina ficaram encaixados. (F., 2022).

F. tinha comentado comigo sobre a área verde, a piscina, então, perguntei sobre esses espaços coletivos, se ela e família usufruíam desses locais e como era. Ela contou que: *usamos, usamos o salão de festas, ah, a gente senta lá embaixo um pouquinho, tem a quadra de esportes, de vez em quando a gente usa, a minha filha mesmo, a piscina a gente usa, usamos, a pracinha ela também usava. (F., 2022).* Logo depois, perguntei sobre a garagem, se ela tinha, onde era, se chegou a adquirir uma nova garagem. F. disse que:

O apartamento tinha uma garagem, depois eu acabei trocando com uma moradora por uma garagem mais perto, e aí eu alugava uma segunda garagem, porque a gente tem dois carros. E depois compraram esse terreno do lado, já tinha um outro terreno no fundo, à direita, que chamam de Areião, né, e ali foram construindo garagens, é meio puxadinho, aí depois compraram, depois que eu estava aqui, acho que fazia uns dois anos, aí compraram o terreno do fundo para a esquerda, que é o fundo de onde era a boate Evans, aqui em Pelotas. Então,

compraram ali, e a gente comprou um lote, que é um lote digamos assim que para três carros, então, compramos aquele lote ali para conseguir colocar os dois carros e o reboque, que depois a gente adquiriu o reboque. (F., 2022).

Como F. falou da primeira garagem, e eu sabia que algumas pessoas haviam fechado aqueles boxes, e algumas até chegaram a construir churrasqueira, balcão de pia ou colocaram armários, perguntei como era a garagem dela. F. disse que:

É vazia, no caso, a garagem que era do apartamento mesmo era aquela coisa normal, só a telha em cima. Depois eu troquei pela do apartamento que era do meu pai, que ele fez uma troca por um apartamento que era do meu bloco, e aí a vizinha só fazia a troca se entrasse a garagem. Aí eu falei “então, tá, vai entrar a garagem, mas aí entra a garagem do meu apartamento, que é lá na frente do E ou do F, e eu fico com a garagem do C, que é do lado do B”, e aí então essa garagem já tinha uma parede, já tinha duas paredes, e o meu pai havia colocado o portão. Então, já tinha uma garagem fechada quando a gente fez a troca. (F., 2022).

Eu comentei com F. sobre o tempo que ela morava no residencial, sobre as pessoas que ela conhecia que moram ou já moraram ali, como o pai dela e a interlocutora S. Então, perguntei se ela tivesse que encaixar o Ana Terra em uma determinada classe social, qual seria? Quem era o público de moradores dali? F. disse que:

Bah! Tem de tudo que tu possa imaginar, tem de tudo mesmo, desde gente que não tem nada, nada, né, uns que nem tem apartamento e vivem de aluguel, tem muito estudante também por ser perto do IF, perto da faculdade. Tem um vizinho aqui que até me disse uma vez que “o condomínio era dividido”. Esse mora aqui acho que desde que ficou pronto, pelo que eu sei, pelo que eu ouço o pessoal dizer, né, [...] ele dizia que o Ana Terra é dividido em duas partes, antes e depois da piscina, que, antes da piscina, moram as celebridades, e, depois da piscina, mora a “chinelagem” [risos]. Então, é difícil dizer que classe, eu acho que é bem misturado. (F., 2022).

Embora o Ana Terra seja um condomínio que viabilize a ascensão social, acredito que esta não seja demarcada pela piscina. Isso porque, segundo informações do síndico, os modelos dos blocos repetem-se, e, ao observar as plantas dos blocos, vemos que tanto antes como depois da piscina existem blocos variados. Em seguida, conversamos sobre uma questão de administração, da gestão anterior, quando F. enfrentou um problema relacionado à caixa d'água. Ela relatou que:

Foi uma situação que causou bastante desconforto, não só pra mim, mas para muitas pessoas, que era muita chamada extra, e ela⁷ não fazia limpeza de caixa d'água, e eu questionava, e ela não respondia. Aí ela respondeu depois de fazer uma notificação e, mesmo assim, não respondeu o que a gente tinha perguntado. Mas, então, ela mandou limpar a caixa d'água. [...] Conseguimos porque a minha filha teve vários episódios de giárdia, e a pediatra disse que era da caixa de d'água, e aí eu comecei a pesquisar e várias crianças estavam com o mesmo problema. Aí eu pesquisei em condomínio, quando vários estão com o mesmo problema e tal, então, isso foi uma coisa que foi bem desgastante para nós, né, até que a gente conseguiu que limpassem a caixa d'água do condomínio. (F., 2022).

Aproveitando esse assunto, perguntei a F. sobre a questão da segurança, da portaria, se tinha e como funcionava. Ela disse que:

Tem, tem, tu falou isso e me lembrei de outra coisa e acho que deve fazer uns oito anos, dez anos atrás, aconteceu uma situação que, no meu bloco, no apartamento do andar de baixo, do outro lado, assim, entrou um assaltante pela janela, entrou, ele pulou o muro do lado e foi subindo a grade do térreo. O segundo [andar] estava aberto, e ele entrou, e a vizinha ouviu um barulho e falou para o marido que tinha alguém dentro do apartamento. Quando eles levantaram, o cara estava com o computador assim na mão, já para levar, e quando viu eles, parece que largou o computador e pulou da janela, pulou do

⁷ A síndica naquele momento.

segundo andar e conseguiu pular o muro e ninguém pegou. Aí chamaram o guarda, o guarda disse que não podia fazer nada. Na época, foi uma coisa chata, enfim, isso é a única coisa que eu lembro de segurança que ficou. E agora há pouco tempo, teve um rapaz que entrou pelo muro também dessa vilinha e tentou levar uma bicicleta, só que hoje tem câmera por tudo, os guardas viram na câmera, e ele pegou a bicicleta e saiu e, quando chegou na quadra, foi surpreendido pelos guardas, e chamaram a polícia e prenderam ele. Então, hoje eu noto que tem uma segurança a mais. (F., 2022).

Essa questão das câmeras como um reforço de segurança é algo bastante salientado pelos moradores e moradoras, algo que O. também vai abordar na sequência deste texto. Perguntei a F. sobre os pais dela morarem ali no mesmo residencial, se isso estava relacionado ao condomínio ou por ser mais prático para ela. Ela respondeu que:

Praticidade e segurança. Porque eles moravam numa casa muito, muito grande, pra ti ter uma ideia, só o quarto deles era 36 m², tá, terreno acho que era 20x40, 50, só os dois, e já tinham arrombado ali, e a sorte é que eles não estavam em casa, suspeita-se de um vizinho. E eu sou a única filha que mora na cidade, e, na época, minha filha era bebê, e eu trabalhando em outra cidade. Então, eu comecei a cobrar que eles tinham que sair daquela casa, que era muito grande, que eles moravam sozinhos e que eu era a única aqui na cidade para tomar conta deles quando precisassem e que me facilitava mais se eles tivessem mais perto. E aí, com muita insistência, minha mãe aceitou, meu pai aceitava, minha mãe não aceitava, e aí nós conseguimos comprar um apartamento no bloco C, e aí eles vieram para cá. Mas aí ela reclamando que estava numa gaiola, que era muito pequeno, e aí, quando surgiu a possibilidade da troca do apartamento, porque aí ela queria vir para esse bloco, porque o apartamento é grande, e a vizinha queria um bloco menor, um apartamento menor, porque ela é sozinha, então fizeram a troca do apartamento. Foi perfeito, e hoje eles moram no mesmo bloco que eu, no térreo, né, que hoje eu vejo que foi a melhor coisa, porque eles estão com bastante idade, a minha mãe está doente. Então, às vezes, precisam de mim de madrugada, e eu não preciso sair pra rua, é só descer a escada. (F., 2022).

Conversar com F. foi muito colaborativo no sentido de entender essa movimentação que moradoras e moradores vão realizando ao longo do tempo. Trocam garagens, apartamentos, e não só apartamentos menores por maiores, o contrário também é observado de acordo com o interesse de cada um.

Essa colaboradora enviou algumas imagens do seu apartamento. As figuras a seguir permitem compreender e visualizar as mudanças e reformas realizadas por F.

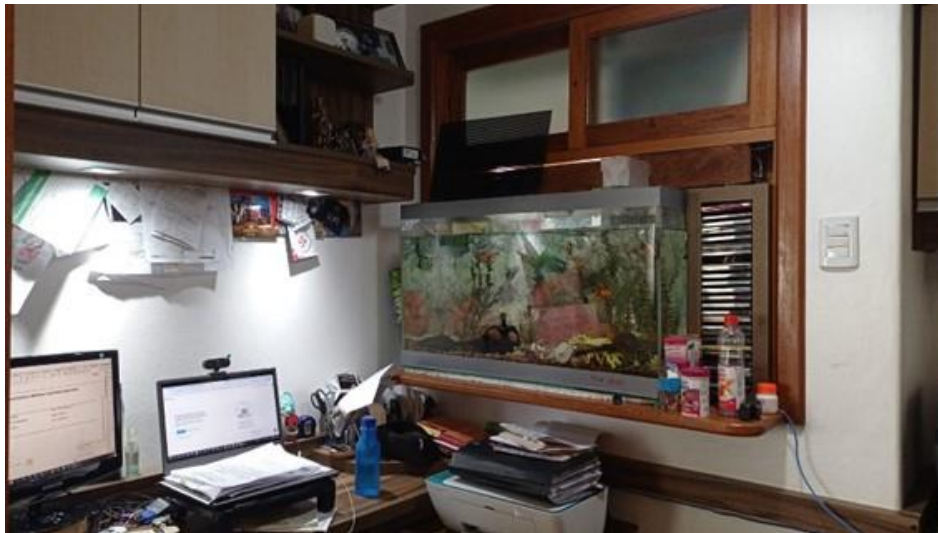


Figura 17 – Foto I da casa da interlocutora F.
Fonte: acervo da interlocutora F. (2022).



Figura 18 – Foto II da casa da interlocutora F.
Fonte: acervo da interlocutora F. (2022).

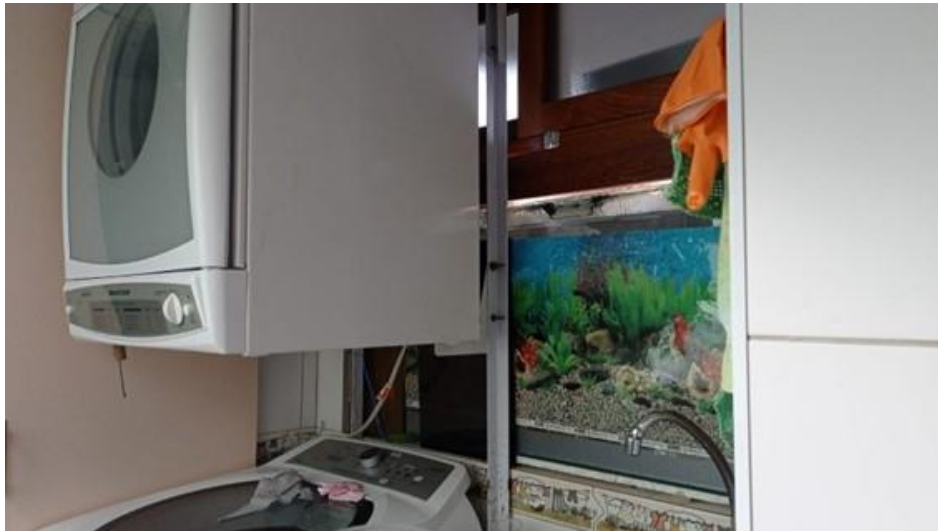


Figura 19 – Foto III da casa da interlocutora F.
Fonte: acervo da interlocutora F. (2022).



Figura 20 – Foto IV da casa da interlocutora F.
Fonte: acervo da interlocutora F. (2022).

Podemos observar, na primeira imagem, o aquário descrito por F., bem como, a parede e porta de vidro inseridas na reforma da cozinha, os móveis planejados, a máquina de lavar roupas e a secadora embutidas. Também, a reforma no banheiro da suíte. Essas são as únicas fotos que eu tenho de dentro dos residenciais.

A entrevista que abordarei agora, foi realizada presencialmente, no apartamento de O., então, eu cheguei a visitar esse apartamento, mas não fotografei o seu interior.

O colaborador a seguir será identificado como “O.”, e, além de morar há quinze anos no residencial, atua como síndico há onze anos. Ele recebeu-me

em sua casa e compartilhou um pouco da sua experiência no Ana Terra comigo. O. sempre morou no mesmo apartamento, no primeiro bloco, do platô, e, segundo ele, o que o levou a morar ali foi: *a segurança e eu acho que por ser próximo do centro* (O., 2022). Logo de cara, perguntei , como foi que ele virou síndico, e ele respondeu que:

Na verdade, é porque eu não concordava com algumas coisas que estavam sendo feitas, e eu entendi o que eu poderia fazer diferente, e daí coloquei essa ideia para os moradores. Eles compraram a ideia, e, hoje, já vai fazer 11 anos que eu estou como síndico. (O., 2022).

Comentei com ele que sua gestão era bastante elogiada nas entrevistas que realizei e logo perguntei o que ele achava ser o diferencial do Ana Terra em relação aos demais condomínios. Ele disse que:

Eu acho, assim, a aproximação entre moradores que é muito, aqui todo mundo chega e se sente em casa, é muito bem recebido pelos moradores, e eu acho que é por aí mesmo. Piscina, além do fato de ter duas piscinas, uma para crianças e outra para adultos, é essa interação com os moradores, principalmente no verão, na volta da piscina, é muito, muito agradável, muito legal. (O., 2022).

Perguntei se, dentro desses espaços coletivos, tinha quadra. Ele disse que sim, então eu perguntei se ele via as pessoas utilizarem esses espaços e se ele próprio utilizava. O. respondeu que:

Na verdade, a piscina sim, a quadra não. A quadra, hoje, de jogar futebol, [...] digamos assim, que a quadra foi destinada para isso, [mas] não se tem [futebol]. Então, hoje, na verdade, tá um espaço para os pets brincarem, já que os pets não podem andar soltos, e não temos um espaço para pet. Aí eu liberei ali o espaço para que, se caso não tenha crianças jogando, o que é raro ter, eles podem ficar ali. (O., 2022).

Como O., além de morador, é síndico, aproveitei para sanar várias dúvidas com ele. Nesse sentido, o roteiro que programei ia além do que vinha perguntando aos demais moradores.

Assim sendo, comentei com ele sobre a questão da piscina, pois alguns moradores falaram em um cartão para ter acesso, e outra interlocutora chegou a citar a questão de uma ida ao médico. Então, pedi que explicasse isso, contando como realmente funcionava. O. disse que:

Na verdade, o que que acontece, cada um tem a sua carteirinha, e essa carteirinha é renovável a cada ano [...] primeiro, porque é contratado uma pessoa de fora, neutro, para cuidar, ter esse controle, então, essa pessoa não sabe quem é morador e quem não é. Então, tendo aquela carteirinha com foto, fica melhor de identificar, e também para aqueles moradores inadimplentes, tá, eles não têm esse direito. (O., 2022).

Em seguida conversei com O. sobre as primeiras garagens, sobre as pessoas terem fechado as garagens e construído esses espaços mais íntimos, inserindo inclusive novos elementos como churrasqueira, pia, fogão à lenha, armários. O. explicou que, quando a garagem tem um portão, ou seja, é fechada, o condomínio não tem como criar regras para controlar esse espaço interno. E ele até mesmo compartilhou comigo que: *inclusive eu, na minha tem fogão à lenha, tem churrasqueira, e desde que a pessoa não tire o carro dali para colocar em um espaço que é rotativo, [não tem problema]. Eu mesmo alugo outra garagem para ficar com aquele espaço para mim (O., 2022).* Então, eu o questionei sobre a compra de um terreno para a construção de novas garagens, e ele contou que:

Na verdade, teve dois terrenos paralelos, um de cada lado, o pessoal comprou aqueles terrenos e construiu garagens, não tem nada a ver com o condomínio, e sim com moradores, foi criado outro CNPJ ali [...] a única coisa que o condomínio fez foi dar uma entrada para entrar e sair, não tem nada a ver com o condomínio. [...] E o que o condomínio ganhou com isso? Desafogou, tinha muito carro, não tinha mais espaço, então, os carros são estacionados lá,

o condomínio deu com isso cobertura, tipo luz, iluminação, manutenção e segurança, os porteiros ficam ali vigiando. (O., 2022).

E como O. havia citado o estacionamento rotativo, algo que ninguém tinha comentado comigo, eu prontamente perguntei como funcionava. O. respondeu que:

São onze vagas para aqueles que não têm garagem. Então, os onze primeiros a chegar [estacionam], que até hoje nunca nenhum ficou na rua, tá, porque quase todos têm garagem, e, então, aqueles que não têm nem sempre estão no condomínio, então sempre tem vaga. (O., 2022).

Abordei com O. a questão das reformas, pois, ao longo das entrevistas, algumas pessoas contaram sobre mudanças que haviam feito ao longo do tempo em que moravam ali. Então, perguntei para ele como isso funcionava. Ele explicou que:

Na verdade, isso tem que ter o acompanhamento de um engenheiro, só que o que acontece, eu, depois desses onze anos para cá, eu tento acompanhar, exemplo: tirar às vezes uma parede que não tem viga, é só enchimento, é tranquilo, agora, não [pode] mexer na estrutura, mas eu sempre solicito que eles tragam o acompanhamento do responsável. Só que não tenho como invadir às vezes um apartamento, eles podem mentir que tão fazendo uma coisa, trocando um azulejo, e, na verdade, estão desmanchando uma parede. Então, eu não tenho como [acompanhar] assim, tanto é que a lei [não] me permite [...] invadir um apartamento para dizer “o que é que vocês estão fazendo aí?” [...] é basicamente isso aí, mas sempre tem acompanhamento. (O., 2022).

Esse exemplo demonstra de forma muito simples a preocupação de O., como síndico, em manter tudo conforme é permitido, respeitando a lei e as moradoras e moradores. Nós conversamos, inclusive, sobre um recorte que O. fez na parede dividindo a sala e a cozinha. Ele manteve a parte estrutural e recortou o enchimento, criando, assim, um ambiente sala-cozinha integrado. Perguntei, ainda, se o apartamento dele contava com dependência de

empregada. O. disse que tinha, e quando eu perguntei se era completa, isto é, se tinha banheiro, ele contou que: *é, não, na verdade era completa, aí o banheiro eu transformei em uma lavanderia, e o quartinho, a dependência ficou de colocação para entulhos* (O., 2022).

Quanto às enchentes, alguns lembravam, outros não, uns saíram da cidade; então, aproveitei o momento da entrevista para conversar sobre isso. O. relatou que:

A primeira enchente, eu não estava. A segunda, eu estava, e veio água para a quadra, mas o que acontece [é que] toda a volta ali e lá na barragem ia, ia segundo a informação, ia estourar se não abrissem umas comportas lá, e abriram. Então, veio água tudo de uma vez, encheu, mas aí, claro, queimou as bombas, não tinha bomba de recalque, e aí demorou um pouco mais, mas pelo que eu sei, eu acompanhei essa enchente, mas a única informação que eu tinha era do poder público, mas eles também omitem muita coisa. (O., 2022).

Quando perguntei a O. se, durante esses 15 anos como morador, lembrava de alguma situação atípica, algo que o tivesse marcado, ele disse que:

Não, acho que não, porque, na verdade, cada caso é um caso, todo dia é um caso diferente. Desses 15 anos mesmo, 11 [que] eu estou como síndico, e síndico tu presencia de tudo, é elogios, é briga, enfim, acidentes, é coisas que tu não faz ideia. Então, assim, já presenciei de tudo aqui e acho que nada que marcou demais, não. Acho até que foi essa enchente mesmo que... Talvez, de marcação negativa. De positiva, teve muita coisa que aconteceu, mas, de negativo mesmo, foi só isso. (O., 2022).

Depois, eu pontuei com O. sobre minhas observações das entrevistas que tinha realizado, comentando com ele que eu tinha entrevistado servidores federais, por exemplo, mas também estudantes. Então, perguntei a ele em qual classe social achava que se encaixaria o Ana Terra. Ele prontamente respondeu classe média. E disse ainda que:

Não deixa de ser um valor alto, claro, comparado a muitos, o condomínio hoje, em si, está trezentos reais. Mas tem mais o valor da água. Essa água sobe todo mês, esse mês veio cento e oitenta e quatro reais de água, deu quatrocentos e oitenta e quatro reais, então, já é um valor considerável. (O., 2022).

O. considera o valor de condomínio e água significativo, e é algo comum para todos, mesmo os estudantes, que estão ali de aluguel, pagarem esse valor. É claro que, muitas vezes, esse valor é dividido, como nos relatou a interlocutora T., mas, mesmo assim, é por si só um recorte econômico de moradores. Perguntei a O. sobre a segurança, se era 24 horas. Ele afirma que:

Sim, vinte e quatro horas, à noite mesmo ficam dois porteiros. Assim, ó, em termos de segurança, é fora de sério, são trinta e duas câmeras espalhadas, é um BBB⁸ aqui dentro. Então, assim, tem cerca elétrica, alarme em todo o condomínio, toda volta, portaria 24 horas. Então não tem [problema], não vou dizer que seja 100% seguro, porque nem um banco é. (O., 2022).

A segurança é algo que aparece em alta para interlocutoras e interlocutores deste trabalho, e muitos chegaram a destacar esse fator como decisivo na hora de escolher o residencial para morar. Entendo que isso fomenta o debate econômico sobre o perfil de quem ocupa esse condomínio. De fato, estar em segurança é algo que todos almejam, mas quem pode pagar por isso? Além disso, fica evidente que o discurso de segurança propagado pela classe média é estar em um local murado e vigiado, criando assim barreiras físicas e de poder em relação aos demais.

Conversei com O. sobre a tranquilidade dentro dos blocos, o pouco trânsito de pessoas, de forma que alguns moradores alegam, inclusive, não ser necessário trancar a porta do apartamento, por exemplo. A questão do silêncio também foi abordada pelo interlocutor L., segundo ele, o condomínio não tem barulho, nem perto da piscina e da quadra. O. salientou que:

⁸ Referência ao programa de televisão Big Brother Brasil.

Na verdade, assim, ele é um condomínio hoje de terceira idade. Olha o tamanho do condomínio, e hoje tem três crianças [de] até quatro anos e, depois, tem mais quatro [de] até dez anos e, depois, são adultos. Agora, velhinhos tem muitos, muitos, na verdade, assim, 80% dos moradores atuais, até mais de 80, são acima de 70 anos. Só para ti ter uma ideia, a minha esposa é enfermeira, então, todo ano ela consegue lá na prefeitura a vacina aquela da H1N1 para os velhinhos não se deslocarem [...] E esse ano foram, que estavam no condomínio aquele dia, 89 velhinhos. (O., 2022).

Em seguida, O. comentou comigo que, no momento, o condomínio estava com bastantes apartamentos vazios, algo que, realmente, pude observar assim que circulei pelo espaço. Perguntei a ele ao que atribuía isso e questionei sobre moradoras e moradores de outras cidades que mantinham apartamentos ali e vinham só em determinadas ocasiões. Ele disse que:

Tem, tem uns quantos. Na verdade, eles usam só para ficar uma noite, outros alegaram contrato fechado, e os estudantes estavam estudando na cidade deles, e outros não queriam baixar o valor do aluguel altíssimo, não tem necessidade de alugar, então... mas, agora, a procura está grande. (O., 2022).

Eu disse que era porque agora tudo estava voltando, as aulas, o trabalho presencial, e o Ana Terra era próximo do centro, do IFSul, da medicina, e O. concordou. Então, perguntei se ele sabia dizer se, quando comprava um apartamento, a garagem vinha junto, e O. disse que:

Alguns, sim, porque estava na escritura; outros, não, acabavam vendendo por fora, tipo, comprava o apartamento, mas, se a garagem fosse vir junto, acabavam vendendo. Então, alguns moradores têm mais de uma garagem, nem todos os apartamentos [têm garagem], a minoria tem garagem. (O., 2022).

Quando perguntei a O. sobre a questão do lixo, como funcionava, se era separado o lixo reciclável do lixo orgânico, ele disse que:

Na verdade, assim, o lixo era todo junto, todo misturado, aí a gente separou papelão, [lixo] reciclável e [lixo] orgânico, e a gente estava vendendo para uma cooperativa e estava revertendo para o condomínio. Daí, essa cooperativa já não estava mais recolhendo. Então, mesmo assim, a gente deixa separado, e aí quando chega o caminhão ali na frente, já tem uma carrocinha que já fica ali, desses catadores já. O próprio lixeiro vai ali e já larga para eles, dão o destino, porque eles vivem daquilo ali. E a gente tem um tonel para óleo, óleo vegetal [...] e as pessoas já deixam as garrafas PETs do lado do contêiner, depois, a gente coloca no tonel, e vem uma empresa recolher. (O., 2022).

Essa organização demonstra uma preocupação da administração em realizar o descarte correto dos resíduos, e é algo que chegou a ser elogiado nas entrevistas por outras pessoas. Aproveitando esse assunto, comentei com O. que interlocutores tinham elogiado a sua gestão, além de elogiarem a ausência das chamadas extras – como ele mesmo relatou. As pessoas disseram que O. era acessível, sempre aberto ao diálogo. Então, perguntei quais melhorias para o condomínio ele implantou durante esses 11 anos, e ele disse que:

De melhorias, então, vou te dar exemplos. É [que] quando eu assumi para ser síndico, tinha uma câmera só no condomínio e um computador lá no escritório, se pagava para dar uma manutenção para essa câmera e para esse computador um salário-mínimo por mês, para um técnico, para o técnico vir aqui, [...] e se pagava esse valor. Se pagava meio salário-mínimo para um senhor vir botar veneno nas formigas, tá, então, são assim, são coisinhas que ao longe vão aumentando. E eu coloquei 32 câmeras, eu trabalho na área de TI, tá, então eu coloquei 32 câmeras, tirei pelo preço de custo no meu CNPJ, não teve nenhum tipo de cobrança de mão de obra para o condomínio, coloquei alarmes, cerca elétrica, eu dou a manutenção, tá, dentro do meu prazo [...] Assim, eu não vou largar um cliente para fazer isso daí, mas eu dou toda essa manutenção [...] tipo, pequenos serviços elétricos sempre eram pagos para um eletricista terceirizado, [agora] eu faço. [...] Bomba de água, eu mesmo resolvo, tá, se eu não consigo resolver nem que seja alguma parte interna, aí eu tiro a bomba, levo lá no cara que faz esse tipo de serviço. Enfim, aí eu fiz uma média, eu, hoje, economizo para o condomínio em torno de 900 a 1.000 reais por mês, isso dá 12 mil reais

no ano. Esses 12 mil reais, eu sempre revento em melhorias, tá, e sem falar assim que [...] qualquer compra que eu faço hoje, eu pesquiso muito, exemplo: material de limpeza. [...] Não faço remendo em nada, tudo que é gambiarra que eu achava que tinha em fio, eu coloco novo, isso vai durar muito mais. (O., 2022).

Outro exemplo que O. deu sobre as melhorias implantadas por ele foi a questão da caixa d'água, algo que era um problema para alguns moradores, como relatou a interlocutora F. O. disse que:

Toda vez que lavava a caixa d'água, se desperdiçava horrores de água, e, mesmo assim, tinha um sistema antigo que tinha que se comprar em torno de cinco, seis caminhões de água da SANEP⁹ para as bombas vencerem aquela demanda, né. Na época, com cem reais, eu fiz um esquema, abri, dei mais vazão na chegada d'água do SANEP, e nunca mais foi preciso comprar água. Também uma empresa que lava a caixa d'água a cada seis meses, como é o permitido, com sistema de mercúrio. Então, eles esterilizam a bomba, eles lavam, eles filmam toda a lavagem lá, não bota um litro de água fora, então, isso tudo assim, ó, resumindo, foi sobrando, foi sobrando... E assim, ó, na verdade, fiz muita coisa, fiz pintura, fiz essa frente aqui, essa frente foi gasto 60 mil reais, com calçada, com vidro, é, foi feito refeitório para os funcionários, [...] muita coisa foi feita, nunca, nem um real de chamada extra. (O., 2022).



Figura 21 – Fachada do Residencial Ana Terra¹⁰.

⁹ Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas.

¹⁰ Citada pelo interlocutor O.

Fonte: Ana Lúcia Costa de Oliveira (2022).

E sobre o valor do condomínio nesses 11 anos de gestão, O. afirma que:

Só para ti teres uma ideia, em 11 anos, eu subi 50 reais o condomínio. Hoje, tem lá no estatuto que permite, se o salário-mínimo subir 10%, tem que subir 10% no condomínio. Aí eu fiz os cálculos, até levei isso numa assembleia, hoje, se fosse subir como deveria, tá, hoje, o nosso condomínio estaria em 730 reais, ele está 300 reais, por quê? Porque todo ano que eu achava que não era necessário subir, não subia. Só vim subir agora nos últimos anos, dez reais por mês nos últimos anos, porque, claro, [com] esse negócio da pandemia mesmo, subiu tudo, aí não ia ter como chegar no final do ano e conseguir pagar as contas todas. Então, esses anos todos eu subi 50 reais. Na verdade, quando tem assembleia, não tem uma discussão, o pessoal bate palmas lá, e acredito que esteja no caminho certo. (O., 2022).

Eu disse a O. que, pelas minhas entrevistas, também acreditava que sim, pois ele foi bastante elogiado e indicado por moradoras e moradores, dizendo que eu precisava entrevistá-lo. Perguntei a O. se funcionárias e funcionários eram de empresas terceirizadas, e ele me disse que não, que eram contratados pelo próprio condomínio, sendo responsáveis pela limpeza dos blocos, corte de grama, segurança, portaria etc. Eram dez funcionários em atividade e um tirando férias.

A última interlocutora deste trabalho será identificada como “A.”, e ela mora no Residencial Ana Terra desde 1994. É arquiteta e viveu em dois blocos diferentes. Perguntei o que a levou a morar no condomínio, e ela disse que:

Em 94, eu fiz assim, eu morava sempre em apartamento alugado, e meus colegas “tem que usar teu fundo de garantia”, e eu fui pagar a taxa de condomínio, uma dessas coisas, e uma das minhas vizinhas do Ana Terra trabalhava nessa imobiliária onde eu pagava o condomínio [...] e ela disse tem sim [apartamento à venda no Ana Terra] [...] tem de um quarto, que era o que o meu dinheiro dava, era o A, eu morava no A. Aí, então, eu paguei parte dele com meu fundo de garantia e depois fiquei pagando as prestações. Quando eu

terminei de pagar, aí que eu mudei para esse que eu tô agora, que é no D, de dado, 402. Lá eu morava no 203, e esse é maior, [tem] três quartos, então, eu já tinha um dinheirinho [...] já tinha quitado o outro, botei o outro, mais um dinheirinho, mais meu carro, aí vim pra esse. (A., 2023).

Perguntei para A. se, naquele momento, já era arquiteta, e ela contou que: *eu já era professora, eu me formei em 1977, entrei como professora na Federal de Pelotas, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 1981. Então, em 94, eu já estava era careca de ministrar aulas já (A., 2023).* No momento que A. se mudou para o Ana Terra, o condomínio já tinha quase dez anos, e eu perguntei como eram projetados os apartamentos naquela época, quais eram os aspectos principais do Ana Terra naquele período:

[...] eu tive problemas, como eu sou arquiteta, eu vou te explicar qual que era o problema que essa nossa colega, C.¹¹, que projetou, né, ela quando fez o projeto, ela fez para tijolo normal de 15 cm, o dono da construtora resolveu botar um bloco de concreto, que tem 15 cm de largura, somando a isso mais o reboco de cada lado, resultou numa parede de 21 cm, que é difícilimo tu furar a parede, tem que ser com broca para ti botar um quadro, uma coisa. Outro dia eu estava lá de preguinho, e, nesse bloco duro de cimento e areia, entortei os pregos tudo, lá fui eu de furadeira. E o fato de ser esse bloco, ele roubou 5 cm de cada parede, o que, na largura do compartimento, representa menos 10 cm. Então, diminuiu a área útil e a cozinha de um quarto que eu morava, não cabia as minhas coisas, tá, eu tive que botar o fogão na lavanderia. Aí, eu quis tirar uma parede e emendar a lavanderia, porque, agora, nos edifícios atuais, a pessoa já emenda a cozinha e a lavanderia, no fim do balcão tá o tanque e a máquina de lavar. Então, eu ia fazer isso, só não consegui porque eles, quando projetaram, projetaram a queda do esgoto nessa parede que eu queria tirar. O vizinho de cima até [tirou a parede], o filho dele era engenheiro, ele tirou, quebrou, assim, vinha do de cima, aí ele dobrou e aí passou pela minha parede da sala que, depois, eu quase perdi meu computador, porque escorria água, era um problema. Eu continuei com o cano caindo reto e refiz meia parede a cutelo, que

¹¹ Arquiteta do projeto Residencial Ana Terra e colaboradora deste trabalho.

é um tijolo assim, aí ele fica fininho de 10 cm. Com isso, eu ganhei espaço para poder botar uma máquina de lavar e peguei o tanque que tinha, que era grande, daqueles de plástico, e botei um pequeninho. Tudo eu tive que, como eu sou arquiteta, ir adaptando, tirei toda a forração, porque eu sou alérgica à forração (A., 2023).

A., assim como S., contava com uma ferramenta a mais em relação a demais moradores, por serem arquitetas, só que S. morava de aluguel, e não podia realizar reformas, por exemplo. Já A. era proprietária, o que possibilitou essas mudanças. Precisei perguntar o que era forração, e ela me disse que era o piso, então, entendi que estava falando do carpete. A. disse que:

Carpete, ah, tu chama carpete, é forração. Eu tirei todo carpete e coloquei um piso vinílico, um decorflex, imitando madeira. Só na área fria, que era cozinha, lavanderia e banheiro, é que era piso de lajota cerâmica. Aqui nesse [apartamento] eu fiz a mesma coisa, não botei o decorflex, mas aí eu já podia, então botei esse piso flutuante laminado, também arranquei todo carpete (A., 2023).

Contei para A. que a arquiteta do projeto não lembrava que, no Ana Terra, havia os blocos de apartamento com um quarto, por ter passado muitos anos da época em que ela fez o projeto.

Voltamos a conversar, assim, sobre a questão da cozinha, da dificuldade de dispor os móveis em função da cozinha ser quadrada. Comentei com A. sobre uma interlocutora que tinha relatado não conseguir acomodar sua máquina de lavar na área de serviço, e ela disse o seguinte: *ah sim, quem tinha uma Brastemp não entrava mesmo (A., 2023).* E essa era realmente a máquina que a interlocutora F tinha em seu apartamento. A. seguiu afirmando que:

Tu tira o marco, aí passa. O meu fogão, que eu uso até hoje, é um fogão de duas bocas, então, ele entrava, era pequeninho, agora, se é um fogão de seis bocas, não entra. Eu não te falei, o tamanho do meu fogão era tudo para apartamentinho pequeninho, a geladeira, agora eu dei para o meu irmão,

comprei uma melhor para mim, porque era uma geladeira também que cabia do ladinho do armário e do balcão minúsculo da pia. (A., 2023).

A. compartilhou ainda sobre uma situação que viveu no residencial:

Na lavanderia, ou área de serviço, não tinha esquadria, era um buraco para rua [...] aí acabaram me furtando e entraram por esse buraco, que só tinha uma tela com moldura de madeira. Eu tava dormindo, no outro dia eu acordei, tinham entrado, tirado a tela e entraram por essa área, e eu tinha o dinheiro da faxineira e mais um radinho que eu recém tinha comprado daqueles de tocar CD, novinho, e aí, assim, foi furto, eu estava dentro de casa e não vi. (A., 2023).

Eu disse para A. que tinha perguntado para C. o que era inovador quando ela pensou o Ana Terra, e ela respondeu que foi ter área em toda volta do apartamento. Claro, ela disse que tinha uma demanda para usar o espaço máximo do terreno para a construção, mas que eles tiveram essa preocupação de construir em cruz para ter essa circulação, entrar luz. A. disse que:

No de um quarto, por exemplo, esse X, quando é de um quarto, no meio da perna, tem um apartamento para um lado e [um apartamento] para o outro. Aqui no de três quartos, uma perna inteira é minha, entendeu? Então, eu tenho, os meus quartos é leste, e minha área da cozinha e lavanderia é oeste, e tu tem circulação de ar cruzadas, ventila, isso é importantíssimo, que aí tu não tem mofo, não embolora, uma boa insolação, uma boa ventilação. Nos de um quarto, não, isso já era mais difícil. (A., 2023).

Depois, eu disse para A. que ela havia comentado da questão de ter o dinheiro para comprar um apartamento, no caso o de um quarto, mas perguntei o que a levou escolher o Ana Terra em vez de outro residencial, e ela disse que:

[...] conversando com a moça que recebia esse pagamento do condomínio, do outro, ela disse “eu moro no Ana Terra e é muito bom”. Porque eu andei olhando, realmente olhando vários [condomínios], mas eu gostei que era um condomínio fechado. A questão é que eu moro sozinha. Aí eu morava

nesse outro, onde também morava a esposa do professor, colega meu, que estava se separando. Ela foi morar não no mesmo bloco, tinha dois blocos, nesse da Teles, só que ela esqueceu de guardar o carro, e eu cheguei de noite, eu botava o meu carro no edifício da minha irmã que morava na Osório, dobrando, e tinha um cara deitado, fazendo ligação direta, eu só via as pernas do cara, eu fiquei bem quieta, porque o que eu, uma mulher, ia fazer? Brigar com o cara que estava roubando? E aí, no outro dia, o meu colega: “tu sabe que roubaram o carro que estava no meu nome e foram largar lá no [bairro] Fragata?” E eu disse: “pior é que eu vi isso”. Então, assim, não tinha segurança nenhuma. Então, eu acho que isso tu pode botar [que escolhi] o Ana Terra pela questão de segurança, pela questão de insolação, que isso eu levo sempre a sério, e de ventilação, né, apartamento sem sol e sem ventilação, esse eu não entro. (A., 2023).

Coloquei para A. o que já havia exposto para O., a meu ver, a questão da segurança era um dos fatores principais que levava as pessoas a morarem no residencial, além de todo aparato de segurança, câmera, cerca elétrica, as pessoas salientam muito a presença dos porteiros e seguranças. A. acrescentou ainda que:

[...] e [tem a questão das] crianças, porque eu vi crianças que já casaram, já tiveram filho nesse tempo, 29 anos aqui. Então, assim, tem espaços [para as crianças], tem os pequeninhos, tem os mais adolescentes, tem a cancha de esportes [...] eu lembro de uma época que a gurizada estava toda lá no portão, tipo assim, estavam na rua, além do portão, mas tinha a guarita ali, e os guardas ficavam protegendo eles. Essas leituras, assim, na antropologia tu vai lendo esses espaços das pessoas, né, territorialidades. E, agora, quando eu for lá para o outro que eu comprei, também é um condomínio fechado, também tem portaria. (A., 2023).

A interlocutora A. está prestes a mudar-se para outro residencial, onde também tem segurança, algo que, para ela que mora sozinha, é essencial. Perguntei para A. como era a setorização no apartamento dela no Ana Terra, e ela disse que:

Entra e tem a área social, a sala e depois, já, eu tenho a [área] de serviço, que é a cozinha e um quartinho que seria de empregada, e eu faço de soca-soca, tem máquina de lavar e tem um banheirinho. Seguindo em frente [após] a porta da rua, tem um corredor que [...] tem três quartos, e o banheiro no fundo do corredor. Esse de três quartos tem acesso de serviço pela cozinha. (A., 2023).

Questionei A. se algum dos quartos era suíte, e ela disse que:

Não é suíte, não tem nenhuma suíte, o banheiro é para todos, porque tem dois banheiros, mas esse banheiro é para servir o uso social de todos, e [tem] o banheirinho lá da lavanderia, que poderia ser da suíte. Outro dia, [...] minha vizinha lá de baixo, ela mora na mesma torre que eu, [...] ela quebrou toda parede porque ela queria pegar o banheirinho, esse, e fazer para o quarto dela, que é esse quarto maior. E [expliquei que] eu não faço o [banheiro do] meu quarto porque eu fiz meu escritório, que é onde eu tenho todos os livros, porque ele é maior, e [...] desce todos os canos de esgoto e água ali, então, era impossível abrir uma porta ali. Então, assim, tentaram fazer uma suíte, o B eu acho que é o único que tem três banheiros. (A., 2023).

Contei para A. que eu entrevistei F., que mora no B, e ela tem uma suíte e quebrou a parede da suíte para colocar uma parede de vidro e ganhar vinte centímetros a mais no banheiro. Comentei o quanto isso era curioso para mim, porque eu, particularmente, que não sou arquiteta, quando penso em 20 cm, fico surpresa em quebrar uma parede por 20 cm. No entanto, A. disse que:

20 cm é um palmo, tu bota muita coisa, foi o que aconteceu na minha lavanderia no outro. [...] Tudo culpa desse bloco que tirou, porque a C., quando projetou, projetou os espaços mínimos, mas [...] 10 cm fazia diferença, o tijolo roubou isso. (A., 2023).

Em seguida, perguntei para A. sobre o público do Ana Terra, para quem ela considerava que eram feitos esses apartamentos, para quem foi pensado esse residencial, e ela disse que:

Eu acho que, inicialmente, eles fizeram uma arquitetura mais popular, mas não é o que aconteceu, porque, por exemplo, agora tem muita gente que mora aqui e é de Piratini, Arroio Grande, Jaguarão, que compram pro filho que vai estudar medicina e vem com esses caminhonetão que não tem lugar no box, o carro é para um utilitário, um Fusca, entendestes? E, agora, quando tu passa, tu vê a bunda daquelas caminhonetes enormes assim, e quase um outro carro não entra do lado, e o pessoal foi fechando, porque era tudo aberto os box, e as pessoas foram fechando e fazendo individual cada garagem, e tem piscina, tem salão de festa, porque agora é normal, todo conjunto habitacional que faça já tem espaço gourmet, piscina, tem o box, a pracinha para as crianças, então, assim, isso foi inovador. (A., 2023).

Perguntei para A. se esses eram os itens considerados inovadores no residencial, e ela disse que: *Isso, porque não tinha antes, os condomínios não tinham, os COHAB não tinham nada disso, COHAB Pel e COHAB Duque não têm área de piscina, salão de festa e esse já era, já tinha parquinho para crianças, cancha de esportes (A., 2023).* A partir disso, contei para A. um pouco das observações de O., dos apartamentos fechados, da pouca presença quantitativa de crianças no condomínio, sobre ser para ele, hoje, um condomínio massivamente ocupado pela terceira idade, e questionei se ela observava isso também. A. estabeleceu algumas contraposições, dizendo sobre os idosos que:

Pois é, que interessante isso, no meu bloco, não. A impressão [era], quando eu mudei para cá, lá [no primeiro apartamento de A. no Ana Terra] tinham furtado e não sei quê, mas aqui é mais tranquilo, a gente é proprietário, os apartamentos, eles são maiores, não sei o quê, e lá no outro o bloco, de um quarto, tinha mais rotatividade, [...] esse aqui, agora, tá meio calmo, mas ele tem bastante rotatividade, as pessoas vendem, entende? Então, assim, chega numa determinada idade, por exemplo, eu estou saindo, a minha vizinha do lado que é médica, [...] eles compraram naquele lá, Terra Nostra, não sei como a gente chama aquilo, [...] porque o problema, como não tem elevador para nós com mais idade, [é] carregar peso e subir e descer escada, é um sofrimento. A minha vizinha aqui do terceiro [...] também comprou, mudou, comprou um com

elevador. O de baixo, o Manuel, ele tem a minha idade, eu me lembro dele, ainda tão aí, mas tem outra que, a Clarice, ela foi para o Laranjal, os filhos que moram [aqui]. (A., 2023).

Sobre as crianças, ela disse que:

Nenê, tá, a vizinha aqui em cima no quarto andar [tem]. A vizinha da frente teve nenê, que tá com cinco meses, a do lado tem um gurizinho, e, agora, em fevereiro, vai nascer outro. Então, assim, tá vindo bastante nenê por aí, pode ser que ele não tenha acesso. Eu tô percebendo que, assim, que os velhos [...], é natural, se as pessoas vieram morar aqui com quarenta anos, né, hoje estão com setenta, é uma vida útil do edifício pela idade dele, mas ele tá se transformando, porque é muito tranquilo tu criar filho aqui, a criança desce, vai no parquinho, tem piscininha para o nenêzinho, tem piscina para os grandes, é tudo cercado, tudo sempre limpinho, eles cuidam de tudo, tá sempre tudo florido, né, então tem uma manutenção bem grande. (A., 2023).

Em seguida, perguntei para A. se ela observava as pessoas usarem os espaços coletivos, e ela disse que:

Usam, eu, como moro na frente da cancha, eu vejo, até tinha uma época, não sei se essa rampa ainda existe, mas eu lembro que eles tinham feito uma rampa para andar de skate. Então, tu vê, num canto, era jogando bola, no outro, andando de skate, na mesma cancha, né, e aí no parquinho também. Antes, no outro [apartamento no Ana Terra], eu morava perto do parquinho, agora, o parquinho eu quase não observo, porque eu estou longe. Agora, no verão, começa em novembro e vai terminar em fevereiro, a piscina sempre tem gente. Esses dias piores, transborda. Claro que com a pandemia, eles fecharam, né, mas agora reabriu. Ano passado ou esse ano teve bastante gente. Eu, de uma certa forma, eu vejo isso. Não assim, pode não ser muito intenso mesmo, lá na frente, porque isso também fui eu que ajudei a botar a guarita, que eram duas senhoras que eram as síndicas, e aí elas queriam fazer, aí eu inverti a abertura do portão, porque antes ele entrava para cá, e aí eu botei ele entrando para a caixa d'água, porque aí a gente conseguiu botar a guarita, que estava grudada

no bloco do platô. A guarita foi feita bem depois, ela não foi projetada, e ela estava na esquina daquele primeiro bloco, que é o zero né, não tem letra ali, o A é o segundo bloco. (A., 2023).

O bloco zero é o primeiro bloco, fica no platô, e A. seguiu contando que:

Aí as pessoas diziam “a gente não dorme, porque os guardas conversam a noite inteira.” Então, a primeira coisa que eu fiz foi afastar, botar mais para frente a guarita e também a grade mais para a frente, esse portão, porque agora as pessoas por dentro entram atrás da guarita [...]. Porque se não, antes, a gente tinha que sair, pedir a chave, abrir uma portinha, uma gradezinha lá e entrava naquela parte da frente, tá? (A., 2023).

Nesse momento, eu questionei A. sobre a fachada de vidro, que havia sido colocada posteriormente como O. contou, bem como o valor do investimento. A. disse que a fachada foi trocada:

Agora, foi bem recente até, a arquiteta faleceu de covid, ela foi minha aluna, a M.¹², ela estava fazendo um monte de melhorias, mas eu não consegui fazer uma festa que eu e meu irmão a gente faz todo ano, umas festinhas do núcleo, até o pessoal no NEAB¹³ fez num fim de semana e, no outro, veio a turma do meu irmão. A cobertura, que é de Eternit, aquele Kalhetão, ela é muito quente, muito quente, é um calor horroroso, assim, tu não aguenta ficar ali dentro, e eu já disse para eles [que] tem que botar forro, isopor né, tem que subir um pouco, mas eles gastaram botando vidro lá na frente, que eu acho que não precisava. Grade era muito melhor, porque deixava ventilar, porque, agora, não ventila, o vidro para [o vento], e, no inverno, fica tudo embaçado por causa do frio, e tu não enxerga. (A., 2023).

Eu disse que esses vidros ficam embaçados no inverno, e A. completou dizendo que *o que é para [ser] bonito e não é funcional* (A., 2023). Ainda sobre outra melhoria, A. pontuou que:

¹² Ex-aluna de A., não colaborou diretamente com este trabalho.

¹³ Núcleo de Estudos da Arquitetura Brasileira, Universidade Federal de Pelotas.

Coisas que eles foram fazendo, ampliação, onde os funcionários têm tipo uma cozinha, um descanso para eles, eles botaram um banheiro, e a janela para dentro da cozinha, entendeu, que isso é proibido, mas tu acha que ele me ouviu? (A., 2023).

Uma outra questão ainda bastante controversa era a piscina. Algumas pessoas relataram a necessidade de fazer uma carteirinha de morador para acessar o espaço da piscina; outras disseram que visitante não entra; outras argumentaram que o visitante tinha como fazer uma carteirinha de visitante e usar a piscina. Uma moradora chegou a comentar sobre a questão de uma liberação médica e, embora eu tenha comentado isso com O., queria ouvir uma outra pessoa falando sobre o assunto. Como A. é moradora há bastante tempo, eu esperava que ela pudesse contribuir com a leitura desse espaço. Ela disse que:

Eu te digo exatamente como funciona, porque já teve de tudo. Lá, quando eu entrei, tinha médico, e a gente fazia exame. Depois, caiu isso. A carteirinha sempre teve, e, de um tempo para cá, eles fecharam ela [a piscina] toda, porque antes ela não era. Por exemplo, [...] se eu tenho sobrinhos netos, assim, que vão ficar 15 dias comigo, aí pode fazer carteirinha para eles usarem a piscina, mas se a pessoa vai ficar um ou dois dias, tu não pode fazer. Por exemplo, tem muita gurizada que é estudante, né, que quer trazer as namoradas, os namorados, e eles não podem. (A., 2023).

Após responder sobre a piscina, A. seguiu contando uma história sobre a qual eu ainda não tinha conhecimento:

Outro [fator] que é interessante para o condomínio, comércio, [...] onde os síndicos ficam sabe, aquela casinha ali, tinha um zelador que morava ali, e, na peça da frente, ele tinha duas daquelas estantes metálicas, e ele tinha açúcar, leite, coisas assim, itens de primeira necessidade que não eram perecíveis, papel higiênico, e a gente comprava dele, e eu me lembro de ter comprado. Aí, depois, o cara entrou com uma ação contra o condomínio, e a gente teve que

pagar, então, essa tu pode comentar também que teve, aí ficou proibido. (A., 2023).

A interlocutora considerou importante relatar isso, o que demonstra que foi algo realmente importante, que marcou os moradores e moradoras e que causou um transtorno, a ponto de ser proibido. E ela contou ainda sobre uma outra melhoria no residencial: *aí teve a churrasqueira, que eles fizeram e, depois, botaram uma churrasqueira no salão de festas, que não tinha também, e sentiram necessidade* (A., 2023). Depois, perguntei sobre as garagens, se inicialmente eram só aqueles boxes da lateral que iam acompanhando os blocos. Ela disse que:

É, a minha é com certidão de cartório, né, quando eu vender, é com o box junto, lá no A também. [...] teve um que era arquiteto, foi meu aluno, morava aqui, já não mora mais, ele descobriu lá na prefeitura que tinha um miolo ali atrás [...] que ele podia usar, então, aí, eles fizeram [...] [esse] miolinho, que ficou meio redondo, assim, com umas garagens no meio, eles tomam mate ali [...] Aí, depois, essas duas síndicas é que compraram esse terreno aqui do lado e fizeram essa ampliação. (A., 2023).

Eu contei para A. que O. havia comentado sobre a ampliação das garagens, e que dois terrenos foram comprados, um para cada lado. Ao menos, eu tinha entendido assim, que não era um único terreno de ampliação. E o que A. explicou é que a ampliação circular é um espaço que já era do condomínio, só foi construído, então, o que eu definia como ampliação lateral, ela diz que não é lateral, é nos fundos do condomínio. É esse terreno que O. explicou ter inclusive outro CNPJ, que foi uma compra separada, de modo que o condomínio disponibiliza apenas a entrada, a saída e o monitoramento de segurança, porque essa ampliação de garagens reduziu a superlotação de carros no residencial, pois não tinha mais onde colocar automóveis.

Perguntei para A. se a garagem dela era na lateral da entrada, ou seja, nas primeiras garagens, e ela disse que: *sim, é longe do meu apê, no bloco A era bem na frente. Agora, nessa aqui, ela tem umas plaquinhas, D402, e é lá na frente do F, eu acho. (A., 2023).* Em seguida, comentei com A. que, durante a

minha visita, chamou minha atenção o fato de alguns boxes ainda serem juntos e só terem telha em cima, mas que muitos tinham fechado as garagens, como havíamos comentado. Também, que ainda havia casos em que pude observar churrasqueiras na garagem, como na imagem a seguir, onde podemos observar as chaminés:



Figura 22 – Garagens no Residencial Ana Terra.
Fonte: Arquivo da autora (2022).

Sobre isso, A. afirmou que a:

[A] Maioria tem churrasqueira. E botam água, puxam uma piazinha, entendeu, essas novas, dessa tripa aqui, eles chegaram a comprar bem atrás do box, um ou dois, tá, fizeram um salão de festas para eles. Então, eles entram aqui por essa garagem e vão até o outro lado. (A., 2023).

Intrigada, perguntei a ela como isso funcionava, se as pessoas simplesmente abriam o portão e faziam o seu churrasco. A. disse que: *ah, tem um que fica ali nesse redondinho, que parece uma boate, ele tem iluminação, arquitetura de interiores, deve ter contratado alguém (A., 2023).*

Essas mudanças, que ocorreram após a construção do residencial e que continuam acontecendo até hoje, demonstram a carência de certos moradores por espaços que, embora sejam de sociabilidade, sejam mais íntimos. Novamente, portanto, observamos a busca por individualismo dentro do

residencial. As garagens com churrasqueira demonstram bem isso: as pessoas querem um local para fazer um churrasco com a família, mas não desejam fazer isso nas churrasqueiras do condomínio ou no salão de festas. O churrasco é um momento de encontro, mas não necessariamente com vários vizinhos, por exemplo.

Em seguida, compartilhei com A. um pouco da minha entrevista com T., quando perguntei a ela sobre a classe social em que ela encaixaria o Ana Terra. Comentei que ela acreditava ter de tudo, de pessoas com uma boa condição econômica a estudantes que moravam de aluguel. Contei, inclusive, que T. teve a experiência de compartilhar um apartamento de um quarto com cinco estudantes simultaneamente. A., assim, relatou sobre uma vizinha que passou por uma experiência bastante similar: *nesse [apartamento] que eu morava de um [quarto], morava embaixo uma família, a mãe, que tinha tido um AVC, a guria, o marido, e dois filhos, cinco pessoas* (A., 2023). Ou seja, não é algo único o que T. viveu, dependendo da necessidade, podemos encontrar várias pessoas morando em um apartamento de apenas um quarto.

T. disse que acreditava existir uma hierarquia entre os blocos, onde quem possuía um maior poder aquisitivo morava na frente, e os demais estavam nos blocos do fundo. Questionei A. sobre isso, se ela observava esse fato também. Ela disse que: *[...] além do que nos de um quarto mora gente com menor poder aquisitivo e no de três mora gente mais abonada, esse dá para dividir bem* (A., 2023).

Essa observação de A., bem como a história que ela conta a seguir, são cruciais na demonstração da ascensão da classe C para a classe média. A configuração do Ana Terra favorece essa ascensão e o atendimento a públicos diversos. Nesse sentido, A. lembrou de uma história que queria contar:

Tem uma outra coisa que eu me lembrei que eu queria falar. Tinha uma mulher [...] eu acho que ela tinha trabalhado numa imobiliária, ela era conhecida aqui, [...] morava sozinha e estava sempre bêbeda. Uma vez ela me interpelou, eu cheguei, ela entrou no meu carro e tive que levar ela. Fedia assim, né, tive que levar ela no posto de gasolina para ela comprar cigarro, voltei, deixei ela.

Assim, ela era muito esquisita, e ela não pagou nunca o condomínio. Então, claro, aí ela morreu, e o condomínio se apossou do apartamento, não sei

se o O. contou, mas o condomínio tem alguns apartamentos que é isso, o pessoal não tem dinheiro, [...] essa morava no F ou no G, lá para baixo, porque são quatro, D, E, F, G. É, eu acho que ela morava no F. (A., 2023).

A interlocutora A. seguiu contando ainda um outro episódio envolvendo essa moradora:

A gente teve duas enchentes aqui, uma em 2004 e uma em 2009, e ela salvou uma criança, e a mãe ficou brava, porque ela tinha se intrometido. Então, assim, ela podia ser uma pessoa que não levava a sério, que estava se deteriorando, morrendo, né? O pessoal descobriu ela morta [...], realmente não se cuidava, mas aquela [vez] que foi subindo a água, e a mãe foi no supermercado e deixou a criança no berço, ela arrombou a porta e tirou a criança dali.

Então, assim, ela tinha noção do perigo, né, e de salvar um ser humano, ela só não cuidava de si. E ela não devia ter muito dinheiro, porque estava inadimplente com o condomínio e o que tinha gastava em cachaça, porque estava sempre bêbada. (A., 2023).

Questionei A. sobre se essa moradora morava no bloco dos apartamentos de três quartos, e ela disse que:

Não, eu acho que ela morava no de um, porque esse casal, que eu falei que morava no A, embaixo do meu, quando os filhos cresceram, mudaram para um de dois, sim. Porque eles moravam ali no mesmo bloco dela, talvez ela morasse nesse de dois, porque eles saíram de lá, tá, eu morava no A, em cima, eles moravam embaixo no térreo. E, quando eu vim para o D, uns anos depois, [com] os filhos adultos [do casal], porque os filhos já tão adultos, né, [...] eles [o casal] foram para um de dois quartos, né, também assim, não era muito grande, mas era um pouquinho maior do que o de um quarto. Então [...] não sei se ela não morava nesse de dois, isso eu realmente não lembro assim. (A., 2023).

As histórias envolvendo essa moradora me fazem referenciar Michelle Perrot (2009b), quando a autora aborda o papel dos vizinhos e criados no

capítulo “Funções da família”, no livro *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. A historiadora diz que: “os criados e os vizinhos servem e ajudam a família, mas sua presença e observação constroem e ameaçam sua intimidade, convém utilizar seus serviços, mas ao mesmo tempo desconfiar deles.” (PERROT, 2009b, p. 159). Além disso, a autora afirma que “a vizinhança é o tribunal da reputação.” (PERROT, 2009b, p. 160).

Observo, através dos relatos da interlocutora A., que a vizinha ficou reconhecida, inclusive moralmente, como uma mulher bêbada. E, mesmo sendo útil a ponto de salvar a vida de uma criança, sofreu pela própria mãe da criança o estigma de ser intrometida, de ter invadido a casa etc.

Essas histórias permitem acessar o cotidiano coletivo das moradoras e moradores do Residencial Ana Terra. São vivências e memórias que ultrapassam o espaço coletivo físico, representando não só o que as pessoas vivem, mas também aquilo que escolhem lembrar e que consideram importante a ponto de compartilhar. Além dessa história, A., que é uma moradora repleta de conhecidas e conhecidos e de várias memórias e recordações, contou um pouco sobre outra moradora:

Teve uma [moradora], que já morreu, ela saiu daqui e foi morar lá para cima, Rondônia, lá sei eu, e ela, ela era assim meio vidente, botava búzios. Então, na garagem dela, [...] ela recebia as pessoas, entendestes? E aí, agora, tem uma outra que é professora do IFSul, e ela tentou fazer isso, mas não deu certo. A outra tinha cacife, as pessoas acreditavam nela. [...] É, aí não conseguiu, não na mesma garagem que era da outra, mas ela aproveitou a garagem.

Eu acho que ela comprou esse apartamento e que o cara até disse para mim quando fechou a garagem: “viu, eu dividi para ti agora, tu só faz a outra parede”. Aí eu disse: “quem te disse que eu queria dividir?”, quanto mais tu tiver coisa fechada, mais tu soca-soca, junta bicho, né, [...] isso que eu ia falar também, as pessoas se combinaram de não fechar um box, só fechar de dois em dois, que aí tem mais espaço, entendeu, para fazer manobras. (A., 2023).

Comentei com ela que isso acontecia porque era muito apertado, e A. disse que: *é um box, não é uma garagem, né?* (A., 2023). Segui dizendo para ela que, quando fui visitar o Ana Terra, tinha achado esse espaço do box bem

pequeno e que achei muito curioso observar as churrasqueiras, por conta do espaço. Complementei dizendo que, quando entrevistei O. perguntei como ele fazia para ter essas coisas e mais o carro naquele espaço tão mínimo. Relatei que ele explicou ter comprado outro espaço para colocar o carro, deixando aquele ali reservado para ser uma extensão da cozinha. Sobre isso, A. disse: *é, tem gente que, no fundo do box, faz um armário que o carro entra debaixo, aí dá para fazer a churrasqueira, dá para fazer um pouquinho mais alto a pia, aquela coisa toda* (A., 2023).

Outra questão com a qual eu tinha pendências era a questão das enchentes, de 2004 e 2009. Alguns disseram que só na primeira vez encheu o condomínio de água realmente; algumas não lembravam direito; uma disse que, na segunda vez, a água não passou a piscina, e como A. era moradora em ambos os períodos, aproveitei para questioná-la sobre isso. De cara, ela disse que em ambas as vezes entrou água. E disse assim:

É só fazer um desenho para ti assim¹⁴, de inclinar. Então, aqui em cima está a praça 20, Duque de Caxias, e aí tu bota os bloquinhos aqui, quatro blocos, a piscina e mais quatro blocos, se a água chegou na piscina, ela chegou nos blocos de trás. Então, [...] além da piscina não entrou água, porque é mais alto. As pessoas [que moram além da piscina] não sabem, agora, quem mora onde eu moro, do lado de cá, [sabe]. [...] pode ser que, em 2004, ela [água] tenha, no primeiro andar, ido até o teto, entendestes? Ido até o forro, porque eu sei que lá no H, no último, ela foi até o forro, destruiu computador, televisão, máquina de lavar, geladeira, móveis. Tudo, tudo, quando a água baixou era um lodo, as pessoas botavam todos os móveis na calçadinha para secar, tudo no sol, disco, livro, né, sofás, esses sofás que é espuma, tudo podre, a forração fedendo. Então, 2004 eu me lembro, depois, todo mundo trocou [a forração] por piso cerâmico. (A., 2023).

Questionei A. sobre o posicionamento do condomínio em relação à essa situação, se ressarciram de alguma forma as pessoas, embora não fossem diretamente culpados pelo ocorrido, e ela disse que:

¹⁴ Nesse momento ela fez um gesto com a mão inclinada.

Não sei, porque eu não fui atingida, [...] como eu moro no quarto andar. Eu estava na faculdade em 2004, e aí eu vi alguém berrando: “bah, lá na Praça 20, na escola técnica, a água está batendo lá nas portas, está tudo cheio d’água”. E eu disse “bah, eu moro lá”. Aí telefonei, e o cara na portaria: “qual é o seu bloco? Ah, a água está no peitoril da janela”. E eu disse: “nem vou aí então, não vou conseguir entrar”. E aí fui para a casa da minha mãe, com a roupa do corpo, né? E, na de 2009, eu estava aqui, eu estava fazendo doutorado, e a minha colega me ligou e disse: “Ah, tais embaixo d’água”. E eu disse: “Como?”, aí ela disse: “olha na janela”. Aí estava todo mundo que nem em formigueiro, sabe, se mexendo? Ninguém bateu na minha porta dizendo: “olha né...” Aí eu fui lá, tirei o carro, porque eu sabia que ia encher d’água, levei lá para cima, onde eu sabia que não ia ter água

[...] agora eu vou te explicar como é que a água chega, porque isso também é uma coisa técnica. Aí eu levei o carro, voltei e fiz uma trouxa de roupa, uma mala e dei a minha chave para a minha vizinha e disse: “durmam lá, usem meu apartamento”, porque os [moradores] de baixo, eles subiram as geladeiras, os fogões, tudo para [...] os andares superiores, porque assim, ó, a gente estuda em arquitetura, quando a gente estuda topografia, tem uma coisa que se chama cota de enchente [abaixo do nível de três metros], quando tem enchente, que vai enchendo o rio, os arroios, ela vai até a cota três, tá. Então, isso aqui, assim, a cota três vai até a piscina, por isso que não enchia depois. Essa é uma água que vai se espalhando até a cota três, então, assim, se aqui já está na cota três, ela vai se espalhar e não sobe, não vai além disso.

Por isso, os dois prefeitos [das épocas das enchentes], ia romper a barragem com a violência da água, então, eles, conversando com os técnicos, eles acharam muito melhor abrir as comportas e deixar a água se espalhar, a cota de inundação. Avisaram só os amigos, né, e a gente que estava desavisado foi pego de surpresa. A segunda, a gente já sabia o que era, então, foi mais rápido de se atinar. Então, [...] se outro prefeito tiver esse problema, ele vai ter que fazer isso, abrir as comportas, e a água vai chegar. (A., 2023).

Também perguntei sobre o fato de o Ana Terra ser mais baixo, pois, durante minha visita, pude observar que o terreno vai descendo, e A. disse que:

Sim, é exatamente o que estou te dizendo [...] ele [o terreno] é inclinado assim¹⁵, aqui em cima é alto, os quatro primeiros blocos estão acima dessa cota três, na piscina, já tão depois, então, tu imagina a água, a quantidade que veio até aqui. (A., 2023).

Em seguida, perguntei sobre as bombas, pois, nas entrevistas anteriores, haviam comentado sobre não terem dado conta durante as enchentes. A. pontuou que:

Não tinha como, não tinha como tu tirar com a bomba, porque é uma quantidade de água violenta, não é uma chuvinha, isso foi a barragem que eles abriram. Então, assim, é um acúmulo de água muito grande para uma bombinha tirar aquela água, entendeu? E assim, ó, aqui do lado, que agora eles tão aumentando até o número de edifícios, morava a secretária lá do Centro de Artes, e ela disse “A., o meu filho se atirou pela janela e foi salvar as crianças dessa vila aqui, porque estavam tudo se afogando.” Não foi assim porque eles têm um dique, [...] mas, mesmo assim, pegou os barracos, porque o Ana Terra é mais baixo que esse dique. (A., 2023).

Outra questão que abordei com A. foram as reformas realizadas no local. Eu já havia conversado sobre isso com O., que tem acompanhado a realização de mudanças nos apartamentos nos últimos 11 anos, como síndico do condomínio. Disse a ela que O. havia comentado sobre o fato de as reformas precisarem de um acompanhamento de engenharia, necessitando de projeto, e, também, sobre o limite que ele tinha para vistoriar uma residência. A. disse: *ah, sim, se o pessoal quebra uma viga, tira uma parede, vai afetar os outros, principalmente se o do térreo resolver fazer isso, né, cede tudo, né (A., 2023).*

Segui contando que, durante a entrevista de O., que foi em sua própria residência, ele havia feito um recorte na parede, mas deixando a estrutura da viga, integrando, com isso, sala e cozinha. Questionei A. se ela tinha feito alguma reforma ao longo desse período. Ela disse que:

¹⁵ Repetiu o gesto com a mão inclinada.

Não, não mexi. Estruturalmente, não mexi em nada. O que eu fiz foi mudar piso, não mudei nada de piso de cerâmica, eu só coleí na dependência de empregada, que não tinha cerâmica. Aí sim, eu coleí, ele ficou com um dentinho, era um Paviflex, essas coisas horrorosas que quebram. Aí eu botei esse piso, aí, antes de botar isso tudo, como eu tirei toda a forração, a gente quebrou o piso para passar fiação elétrica, entendeu? Isso sim, como ele é muito antigo, ele não foi adaptado para ter tanta demanda elétrica. Então, essa reforma de instalação elétrica, isso sim eu fiz, eu contratei os pedreiros que trabalhavam com o arquiteto, o Barzoni, que é nosso amigo, ele tinha uma turma de pedreiros mais especializados, de água, de luz, aí, então, ele trabalhava com conjuntos habitacionais. (A., 2023).

Muita gente fez isso para resolver a questão da energia, precisando quebrar e refazer a instalação elétrica. F. chegou a trocar o encanamento de água para gás. Minha última pergunta para A. era relacionada ao condomínio. Nesse sentido, O. disse que considerava o valor do condomínio também como um recorte social, porque, para ele, R\$ 300,00 de condomínio, ainda que estabilizado, pois o valor não estava subindo, somado à taxa de água, é um valor significativo. A. compartilhou alguns de seus extratos mensais do condomínio, como pode ser observado na imagem a seguir.

[illegible]

Figura 23 – Cobrança mensal do condomínio.

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada A. (2023).

Já ao final de nossa conversa, lembrei de um trecho da entrevista com a arquiteta do projeto, C., em que perguntei quais seriam as diferenças e mudanças que realizaria se projetasse o Ana Terra hoje. Ela respondeu que nem saberia pontuar, pois 40 anos tinham passado, e era outra profissional. Também, que hoje ela teria uma preocupação maior com a questão térmica, de área verde, tetos verdes. A. disse que: *hoje ela é outra pessoa, fez doutorado todo na área de Conforto Ambiental* (A., 2023). E conversando sobre isso, comentei com A. sobre duas preocupações de O.: uma era o espaço destinado à coleta seletiva e coleta de óleo; e a outra é a limpeza da caixa d'água, que era uma reclamação constante de alguns moradores, assim como F. Sobre isso, A. disse que:

Limpam de seis em seis meses. [...] E tem duas, é dividido em dois, então, esvazia uma parte e, depois, a outra. Então, não falta [água], e a pressão é maravilhosa. [...] Era problema de administração, aí foi resolvido, não era problema de projeto, era problema de a administração manter a água limpa. (A., 2023).

Capítulo 5: A partir das cozinhas – algumas reflexões sobre o Ana Terra

Irei iniciar esta análise partindo das cozinhas, pois elas sempre foram um elemento de interesse para mim, e é a partir das cozinhas que começarei a apresentar reflexões sobre diferentes formas de habitar e ascensão social.

No residencial analisado, as cozinhas estão inseridas na zona de serviço. Lógico que isso acontece não só no Ana Terra, mas é preciso situar que, no residencial, essa setorização também se faz presente. A dependência de empregada, situada ao lado da cozinha, reforça que o espaço é, sim, um lugar de trabalho. Provavelmente, quando o residencial foi lançado, o trabalho doméstico ainda era exercido por trabalhadoras que podiam dormir no trabalho ou, até mesmo, eram obrigadas a aceitar essa situação. No entanto, hoje, essa realidade mudou. Não que moradoras e moradores não possam contratar uma trabalhadora doméstica, mas, o que observo, é que esse tipo de trabalho passou para as mulheres da casa e de forma não remunerada.

Essa mudança é influenciada por diversos pontos: pela questão econômica, uma vez que manter uma trabalhadora doméstica com todos os direitos trabalhistas não é algo acessível a todas as famílias; pelas políticas higienistas, que eliminaram as mulheres negras de dentro das residências; e por influência do modernismo.

Sobre a nossa modernização, Galesi e Campos Neto (2005, p. 2) afirmam que “mesmo periférica e excludente, [...] fazia uso de um discurso ideológico que defendia a implantação do que se chamava genericamente de ‘moderno’, ‘progresso’ ou ‘desenvolvimento’.” Isso porque as construções modernistas não são somente modernas em si, mas tornam modernos os seus habitantes. Nesse sentido, não é moderno, não é inovador, não é tecnológico ter uma empregada 24h por dia dentro de uma casa.

Em *Jamais fomos modernos*, Latour (1994, p. 15) afirma que “quando as palavras ‘moderno’, ‘modernização’ e ‘modernidade’ aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável.” Com o fim da entrada de serviço, parte desse passado arcaico é deixado para trás, as patroas e as empregadas passam a acessar a moradia – moderna – pela mesma porta. Porém, é necessário ressaltar que, embora passem pela mesma porta, atuam em funções completamente diferentes: uma vem para habitar, outra para limpar e cozinhar.

Racionalidade e funcionalidade foram pressupostos que marcaram o modernismo. As características a seguir, pontuadas por Galesi e Campos Neto (2005, p. 18), podem ser observadas no Residencial Ana Terra, bem como no design da caixa d'água elaborado pela arquiteta C. para esse condomínio:

A arquitetura racional permitia maximizar o aproveitamento do solo e ao mesmo tempo prover espaços de qualidade, trazendo ainda uma estética mais afinada com as aspirações de modernidade urbana, industrial e metropolitana que legitimavam o recurso à moradia em altura.

No artigo *O conjunto habitacional IAPC: origens do modernismo em Teresina*, Mendes e Campos (2019, p. 4) constataram que:

A implantação dos lotes no terreno foi pensada com o intuito de tirar o máximo proveito da ventilação e iluminação naturais, além disso foi também feita de modo a aproveitar a topografia existente, e assim reduzir gastos com movimentação de terra.

Essas mesmas constatações podem ser observadas no Ana Terra. Segundo Correia (2009, p.142), foi o ideólogo do modernismo, Lúcio Costa, que “lançou as bases do discurso da adaptação da arquitetura ao meio, como uma possibilidade que a arquitetura moderna, mais que qualquer outra, poderia realizar.” Ainda para o autor,

Paulatinamente, entretanto, o argumento da adaptabilidade da arquitetura ao meio foi recebendo ênfase no debate modernista. Entre nós, mais que a beleza das formas e o diálogo com a paisagem, a arquitetura se legitimou pela busca de soluções originais de expressão das condições locais, sejam elas climáticas, sejam socioeconômicas. (CORREIA, 2009, p. 147).

Stroeter (1986, p. 35) defende que “a função utilitária sempre foi, provavelmente será sempre, a razão principal da origem dos edifícios e, portanto, da arquitetura.” O autor defende ainda que

Dentre as artes, a arquitetura é a única que, além de sua utilidade prática, serve também ao espírito de quem a criou ou dela desfruta. No Movimento Moderno como vimos, essa dupla utilidade estaria assegurada pela crença de que a perfeita adequação ao uso confere ao edifício qualidades estéticas que o elevam, automaticamente, ao nível da obra de arte. O projeto deveria ser dirigido, portanto, para a satisfação de uma necessidade, que é a sua utilidade prática e social. (STROETER, 1986. p. 35).

No entanto, ao longo do texto, demonstrei que, no caso do Ana Terra, o projeto não satisfaz a todas as necessidades de moradoras e moradores, e os espaços gourmet estabelecidos nas garagens representam isso. Nesse caso, a garagem perde a sua funcionalidade e passa a ter outro significado. Questiono, então, a máxima modernista de que a forma segue a função. Sobre essa questão, Stroeter alerta para o fato de que

A forma não segue apenas a função, mas reflete muitas causas, **adquire vida própria e passa a ser causa de outros efeitos**. E é nesse processo complexo, em que não há mais correspondência absoluta entre forma e função, que intervêm outros parâmetros diversos, dentre os quais o mais perturbador é o que podemos chamar de significado, ou conteúdo, da arquitetura. A relação forma/função alterna-se com a relação forma/conteúdo. É quando se percebe que a forma não é apenas o suporte da função, como quer o funcionalismo, mas que existe a permear os dois termos o mundo polivalente, heterogêneo e ambíguo do significado. (STROETER, 1986, p. 43, grifo nosso).

O reconhecimento de que a forma “adquire vida própria” abre espaço para a discussão de que ela não é imutável, mas um resultado físico momentâneo sem finitude estabelecida.

Em arquitetura não é a função que tem uma forma. Ao contrário, a forma representa a função, pois é a forma que é construída, é ela que vence o tempo, atravessa os séculos e vem até nós. É nela que o uso é exercido. A função-uso gera a existência e o porquê de um edifício, mas o resultado é sempre uma forma. É justamente na maneira pela qual a forma se vale da função que, acredito, reside a essência da arquitetura. (STROETER, 1986, p. 43).

“A forma é a combinação de espaço e função, e quando a função e o espaço mudam, muda também a forma, que, portanto, nunca é fixa, mas temporal.” (STROETER, 1986, p. 47). E talvez seja esse o grande desafio da arquitetura, pois, ainda que “os arquitetos do Movimento Moderno utilizem recursos variados para chegar à unidade, correção, clareza, consistência da forma” (STROETER, 1986, p. 53.), ela não é permanentemente estática, assim, permanece como materialidade edificada, mas se reconfigura como função e significado, de acordo não com o planejado por um profissional de arquitetura, mas pela demanda de moradoras e moradores.

Rubin (2013, p. 60) afirma que, na Arquitetura e Urbanismo, o Modernismo

Surgiu como uma reação às novas condições de produção, circulação e consumo impostos pela Revolução Industrial. No final do século XIX, o modernismo passa a ser um fenômeno urbano, a partir do crescimento explosivo das cidades, da migração para centros urbanos, da industrialização, de reorganização dos ambientes construídos e de movimentos urbanos de base política.

Esse movimento se consolidou na Arquitetura e no Urbanismo através do “desejo de transformação da cidade e na forma de concepção das moradias.” (RUBIN, 2013, p. 60). Além da mudança de concepção na forma de morar, o autor destaca um importante ponto para este trabalho, que é a habitação financiada, destinada a todas as classes, como citado no subcapítulo 3.1. Para o autor, durante o período de atividade do BNH, a minoria era privilegiada, enquanto as políticas públicas de moradia “expulsam as classes menos favorecidas e mais necessitadas para as periferias, áreas afastadas dos centros urbanos, com baixo valor imobiliário.” (RUBIN, 2013, p. 70).

Para Fracalossi (2011, p. 1), “a origem da arquitetura moderna brasileira está indiscutivelmente – assim como se diz ser toda tese – no movimento artístico brasileiro do início do século XX, cujo ápice e consolidação se deram com a Semana de Arte Moderna de 1922.” Mas, tardiamente, Lara (2005, p. 178) vai dizer que, durante a Era Vargas, a classe média “precisava de uma imagem moderna ou, em outras palavras não menos literais, uma fachada moderna.” Essas constatações nos ajudam a compreender o que é ser moderno, o que representa ser pertencente à classe média e como isso está relacionado ao que é morar no Ana Terra, um condomínio no centro de uma cidade como Pelotas, cuja narrativa oficial é burguesa.

No entanto, é preciso salientar também a influência das políticas higienistas nessa mudança de concepção do morar, quando a medicina social se esforçou para demonstrar que quase tudo estava ligado à saúde (FERRAZ, 2020). A historiadora Gaya Maria Vazquez Gicovate (2020, p. 261) defende que “muitas das regras, recomendações, medidas, condutas e tarefas de limpeza podem ser vistas como atitudes biopolíticas e comandadas pela ideologia higienista que adentrou as casas por meio das cozinhas.”

O período que ficou conhecido como higienismo foi um momento histórico “tenso, conflituoso e plural” (GICOVATE, 2020, p. 260), marcado por uma série

de obrigações, surgimento de políticas sanitárias e despejos. Gicovate (2020, p. 261) salienta que tudo isso gera uma “sucessão de gestos e de passos repetidos obrigatórios [que] formam hábitos que resultam em um comportamento”, transformando, assim, as casas e cozinhas brasileiras.

O esforço em conjunto entre o Estado, os médicos e a mídia adentraram as residências brasileiras, e a cozinha passou a ser compreendida como um laboratório do lar (GICOVATE, 2020). A partir de então, uma série de manuais, revistas e códigos passaram a propagar a cozinha ideal, e as preocupações iam do tipo de material usado na construção aos padrões de higiene. “A cozinha moderna no Brasil data do período da urbanização, entre 1850 e 1918, [quando] regulamentaram a construção, revestimento e impermeabilidade da cozinha, enfatizando os princípios de higiene” (GICOVATE, 2020, p. 265).

Isso demonstra que os ideais e propostas daquele período estão presentes nas nossas residências, em destaque nas nossas cozinhas, até os dias de hoje, mesmo que, em Pelotas, essa modernização tenha chegado mais tardiamente, afinal, o residencial Ana Terra é de 1985 e foi construído com dependência e entrada de empregada, o que se justifica pela história escravocrata da cidade.

Entretanto, felizmente, observamos através das narrativas de moradoras e moradores que o espaço da dependência de empregada perdeu sua função original. Repaginado, hoje, exerce o papel de uma área de serviço mais ampla, uma lavanderia, um escritório ou até mesmo um quarto extra para visitas. A cozinha permanece ao seu lado, e, em geral, os habitantes não a transformam tanto.

Algumas interlocutoras relataram reformas elétricas, uma especificamente falou sobre a troca de revestimento e encanamento hidráulico, mas, em geral, não houve ampliações, por exemplo. O. chegou a abrir a parede que dividia a sala e a cozinha, manteve a estrutura da viga, mas fez um balcão americano com base no que um dia foi a parede que dividia os dois ambientes, criando assim um espaço único e integrado.

A interlocutora T. chegou a dizer que praticamente não utilizava a cozinha, uma vez que passava o dia fora e almoçava no restaurante universitário de sua faculdade. L. disse que fez uma cozinha planejada, o que auxilia a dispor melhor os móveis e aparelhos eletrônicos e ajuda no ganho de espaço. Assim, observo

que as cozinhas não foram narradas/pautadas como centro das residências, e isso pode ter explicação no perfil de entrevistadas e entrevistados. Em maioria, as pessoas que conversaram comigo eram funcionárias federais, pessoas que possuem uma jornada de trabalho fora de casa e não voltam para almoçar, assim como também observei em relação a quando eram estudantes.

No caso de O., que é autônomo e dispõe de uma maior flexibilidade de tempo, além da cozinha ter sido integrada à sala, ele usou seu box de garagem para construir uma verdadeira extensão de sua cozinha, um o espaço que conta com churrasqueira, pia e armários. Essas extensões das cozinhas nas garagens demonstram como o projeto original não supre todas as necessidades dos moradores, uma vez que o modernismo traz consigo a busca por individualização, fomentando, assim, a necessidade por espaços privados.

O número de moradoras e moradores também é algo que modifica o uso e o fluxo dentro das cozinhas. A. e S., por exemplo, moram sozinhas. Embora cada realidade seja bastante particular, as pessoas em geral não demonstraram utilizar a cozinha como um espaço além do funcional, conforme presenciei anteriormente e relatei no prólogo, sobre como cozinhas podiam ser um espaço inclusive de práticas religiosas.

Percebo que essa cozinha isolada, distante da zona íntima e da zona social da casa, onde as relações de afeto e interação familiar acontecem, torna a cozinha um espaço extremamente funcional no Residencial Ana Terra. As extensões da cozinha, utilizadas, como relatou S., em um domingo para a realização de um churrasco em família, são muito mais destacadas do que as atividades realizadas literalmente na cozinha. O que me pergunto é: será que as pessoas gostariam que fosse assim? Será que uma outra forma de projetar a cozinha não possibilitaria outras formas de se relacionar dentro das residências?

Cotidianamente, construímos a cidade na qual vivemos, o que também acontece no residencial ou na comunidade em que moramos. Habitar é transformar, e nem sempre essas transformações são bruscas, mas elas estão ali e acontecem. Uma parede é derrubada, uma churrasqueira é construída, a grama é aparada, um cômodo perde sua funcionalidade, um quarto desaparece para dar espaço a um escritório. Os espaços vão mudando, e nem sempre essas mudanças são feitas por profissionais da arquitetura. Muitas dessas alterações passam somente pelas mãos de quem existe e resiste naquele espaço.

A figura abaixo é uma colagem feita por Gabriela Pecantet a partir de registros meus do Ana Terra, evidenciando elementos que sugiram no residencial, bem como aqueles que habitam diariamente esse espaço:



Figura 24 – Colagem Residencial Ana Terra.
Autor: Gabriela Pecantet (2023).

Percebo que, inicialmente, o Residencial Ana Terra foi pensado para atender diversos públicos, de pessoas solteiras, até famílias maiores, e com diferentes possibilidades econômicas. O apartamento chegou a ser anunciado, como vimos no item 3.1, com possibilidade de financiamento, inclusive sem entrada, e, em alguns períodos, o valor do apartamento não sofria reajuste.

De acordo com as entrevistas, ainda hoje, o público é diverso. O condomínio recebe desde estudantes, que moram ali de aluguel, até funcionários públicos federais, parte significativa dos entrevistados para este trabalho. Existem ainda apartamentos de proprietários que vivem em outras cidades e possuem residência ali somente para casos de necessidade. Uma interlocutora chegou a destacar a presença de “carrões” no condomínio quando esses

proprietários estão no Ana Terra. No entanto, essa questão dos “carrões” pode de fato representar uma renda maior ou uma possibilidade de acesso maior a bens materiais devido às facilidades de crédito.

Carlos Lemos (2003) afirma que a arquitetura dos ricos sempre foi arquitetura de exceção. Assim, a arquitetura pode ser usada para promover segregação social e estabelecer – de forma muitas vezes sutil – marcadores sociais e de comportamento. Trata-se de grupos de exceção pensando a vida da maioria das pessoas, o morar delas e a cidade delas. Se pensarmos no programa de necessidades de nossas próprias casas, vamos encontrar neles alguns elementos básicos: quartos, sala, cozinha, banheiro, garagem etc. Ninguém, em nossa casa, precisa ser informado de que o quarto é o local de dormir ou de que o banheiro é o local de tomar banho. A construção e a mobília fazem essa comunicação de funcionalidade sem que ninguém precise de fato comunicar verbalmente isso.

Colquhoun (2004, p. 17) afirma que “a principal questão do modernismo, tanto em arte quanto em arquitetura, era que ele representava uma mudança na relação entre o presente e o passado, em vez de ser a continuação de uma relação existente.” Além disso, a arquitetura moderna valoriza as funções sociais das construções, pois, “em diferentes graus, todos os grandes arquitetos modernos preocupam-se com a forma como suas criações serão utilizadas, na prática, pelas pessoas.” (ARCHTRENDS PORTOBELLO, 2017).

Essa quebra entre o passado e o presente pode ser vista materialmente em um cômodo que desapareceu das residências pelotenses – o quarto da empregada. Essa questão está diretamente relacionada à análise de processo aqui abordada, pois o habitar se liga às questões sociais, com normas e práticas sociais estabelecidas em coletivo, extrapolando as residências e os individualismos. Junto com o quarto de empregada, some o banheiro que estava atrelado a ele, some também, nos novos residenciais, a porta de serviço. Essa transformação é muito marcante e, ainda que não represente uma melhora na vida da trabalhadora doméstica, que passou a dormir em casa, mas ainda trabalha de forma exaustiva e é maltratada, é um ponto importante na nova forma de olhar para os empregados.

Esse olhar sobre os funcionários está intimamente ligado à herança do período escravocrata, e ainda é, dentro da Arquitetura, da História e da Antropologia, um campo pouco explorado, como aponta Rodrigues (2015, p. 67),

Em Pelotas, cidade com sua formação histórica baseada na mão de obra cativa, ainda que existam estudos sobre a escravidão, especialmente na área da História, são poucos os que dedicam o foco principal às mulheres escravas. Na Arqueologia, como já comentado, os trabalhos em escravidão africana e afro-brasileira ainda são ínfimos e nenhum contempla as questões de gênero. Há, portanto, um grande campo a ser explorado, uma vez que em Pelotas o sistema escravista perdurou por mais de um século.

A autora afirma, ainda, que “a mulher escrava desempenha, especialmente, os serviços domésticos ou mais próximos às casas” (RODRIGUES, 2015, p. 109) e segue dizendo que “a história da mulher está, em geral, entrelaçada intimamente com o ambiente doméstico (RODRIGUES, 2015, p. 120). Isso ocorre, como justifica a autora, porque “o trabalho doméstico atual tem suas raízes principais na escravidão” (RODRIGUES, 2015, p. 127).

Ainda, embora não seja o foco principal deste trabalho, é preciso salientar a influência das mulheres negras na culinária brasileira. Santana (2007) destaca a importância das mulheres negras na cozinha baiana, uma vez que elas eram as principais responsáveis por esse espaço. O cozinhar era considerado uma tarefa feminina, e a cozinha era considerada um espaço de trocas e influências culturais. Em Pelotas, também observamos isso.

O desaparecimento do quarto de empregada está também ligado diretamente às políticas higienistas citadas anteriormente, e é nesse embranquecimento da cozinha, ou seja, quando as trabalhadoras negras passam a ser retiradas dos lares, que a cozinha se transforma em responsabilidade da dona da casa. No caso do Ana Terra, onde a dependência completa de empregada já está construída, o que se observa é a resignificação, o reaproveitamento do espaço. Escritórios, despensas, “soca-soca” são, segundo interlocutoras e interlocutores deste trabalho, as novas funções do cômodo em desuso.

Vespucci e Saboya (2020) afirmam que o apartamento é a modalidade domiciliar que mais cresce no nosso país. Nesse sentido, as três zonas da habitação (íntima, social e de serviço) hierarquizam o espaço e limitam o que

deve ser feito em cada local. No entanto, com a redução espacial dos apartamentos, esses setores ficaram muito mais próximos entre si, e, com a extinção de alguns elementos, como a entrada de serviço e o quarto da empregada, que, antes de ser extinto nas novas construções, foi reconfigurado de acordo com as necessidades de habitantes, os fluxos da casa passaram a ser os mesmos para os ocupantes e para uma diarista, por exemplo.

O que eu observo hoje no Ana Terra é um movimento de aproximação das áreas de serviço e social, como no caso de O., que, com a abertura de uma parede, conseguiu integrar em um mesmo ambiente a sala e a cozinha. Segundo Vespucci e Saboya (2020, p. 320), “um modo de vida mais hierarquizado e com separação clara entre os setores (e usuários) do espaço habitacional vem, aos poucos, dando lugar a uma estrutura mais horizontalizada e integrada.”

Percebo, ainda, uma demanda por ambientes que unam a funcionalidade ao lazer em espaços mais reservados, como as churrasqueiras nas garagens, por exemplo. Tal espaço cumpre a funcionalidade da churrasqueira e possibilita um ambiente mais íntimo de encontro da família. Essas extensões da cozinha, que foram sendo construídas nas garagens, revelam um espaço masculinizado e alternativo. A cozinha da garagem é a cozinha do homem, esporádica, exótica, representando o mesmo fenômeno das áreas *gourmet*.

Para Zacar e Santos (2021, p.4), “o crescente interesse pela gastronomia revela uma mudança no status do cozinhar, que coincide com a masculinização dessa atividade.” No entanto, esse cozinhar não pode ser reproduzido no mesmo espaço feminilizado, uma vez que neste, como apontam as autoras, o cozinhar é uma prática cotidiana, associada ao cuidar.

Mas não é só no espaço físico que se constrói uma diferenciação entre homens e mulheres na cozinha. Pena e Saraiva (2018, p. 5) apontam para expressões que valorizam o homem que cozinha:

Parece que o homem surge como uma figura nova na cozinha doméstica e a sua apropriação sazonal incorpora rótulos de classificação superior, como “chique” e “gourmet”. Associar a palavra “chef” à expressão indutora “o homem na cozinha” representa uma valorização do responsável pela cozinha. Seria viável dizer que fica refratado que já que ao se pensar no homem na cozinha pensasse em um “chef”, pensar em uma mulher seria o mesmo que pensar em uma “cozinheira”?

Os autores afirmam ainda que os resultados de sua pesquisa “sugerem a cozinha como um território que evidencia o viés sexista da divisão do trabalho doméstico.” (PENA; SARAIVA, 2018, p. 5). Estendo essa sugestão ao caso das cozinhas construídas nas garagens, visivelmente, o espaço que vai definir a cozinha da mulher e a cozinha do homem. Lá na garagem, é feito o churrasco, o peixe frito, como citou S., é naquele espaço onde o cozinhar é uma escolha, é ocasional, é festivo, é um motivo de encontro, de reunião da família e também dos amigos.

Pena e Saraiva (2019, p. 576) também abordam essa condição dada ao homem de cozinhar por conveniência, algo que não vai ser observado para as mulheres, em suas cozinhas. Isso porque

Para as mulheres, contudo, a cozinha, mesmo ressignificada, permanece sendo um espaço compulsório de trabalho doméstico cotidiano, ao passo que para os homens, trata-se de um espaço que eventualmente frequentam para promover “espetáculos gastronômicos” que precisam de utensílios sofisticados, ingredientes selecionados, plateia e, principalmente, aplausos. A cozinha ressignificada, assim, é o lugar do homem, que prepara comida longe das obrigações cotidianas, femininas e, por isso, associada, de forma narcísica, ao seu próprio prazer patriarcal.

Essa especificidade de uma cozinha masculina acabou construindo um espaço que não foi previsto pela arquiteta do projeto. Essas ampliações na garagem representam uma necessidade dos moradores que não foi inicialmente sanada no projeto ou que surgiu no decorrer dos anos. Além disso, Alves e Borges (2021, p. 12295) jogam luz sobre o fato de que “quanto maior a casa e mais elevada a classe social, maior será a probabilidade de ter cômodos para usos específicos, como salas de tv, salas de jantar, biblioteca, escritório e outros”.

Isso fica evidente no caso das moradoras que, sozinhas, ocupam apartamentos com três dormitórios. Já o contraponto a essa circunstância são os apartamentos de um dormitório onde reside uma família inteira ou um grupo de estudantes. Nessas situações, um mesmo cômodo corresponde a várias funções, como no caso da interlocutora T., que relatou como sua sala servia de dormitório, sala de estar e sala de estudos, rompendo com a setorização prevista pela arquiteta do projeto.

A dependência de empregada é o espaço que mais perdeu funcionalidade dentro do residencial. Ele foi reconfigurado de diversas formas e, em condomínios mais recentes, desapareceu da planta residencial. Ao longo do tempo, uma churrasqueira foi construída no salão de festas, assim como um espaço para os funcionários, um refeitório com banheiro. A fachada foi reformada, e, segundo O., a quadra hoje é mais utilizada como um espaço para os cachorros do que para as pessoas jogarem. Muitas garagens foram sendo fechadas e extensões das cozinhas surgiram nesses espaços, moradores e moradoras se uniram e adquiriram um terreno ao lado do condomínio para sanar a necessidade de mais garagens.

Logo, inúmeras são as transformações, reconfigurações e atualizações que perpassam o Ana Terra, e será que existe outra maneira de um residencial com quase 40 anos se manter tão atrativo para diferentes públicos e gerações? As inovações no campo da segurança, que são extremamente tecnológicas, também são muito destacadas pelos usuários do espaço.

O que foi projetado inicialmente, o que foi sendo mantido e o que foi inserido caracterizam o que é o Ana Terra hoje. Dos blocos menores aos maiores, com espaços mais íntimos, como o caso do Bloco B, que conta com suíte, até as áreas sociais como a piscina, playground e salão de festas, tudo no residencial comunica, informa e condiciona. Nesse sentido, assim como Zarankin (2001, p. 49-50), considero que

A arquitetura capitalista como forma particular de construir, organizar, classificar, ordenar e hierarquizar o espaço cultural, isto é, de materializar em estruturas físicas as relações sociais que existem no interior da sociedade. Por características é que a arquitetura se transforma numa tecnologia de poder. Isto é, num instrumento cuja manipulação, pelo poder, contribui para reproduzir a ordem social existente.

As mudanças de bloco de A. e L. dialogam com essa afirmação. Em ambos os casos, os entrevistados moravam em apartamentos de um dormitório e, quando foi economicamente possível, passaram a ocupar apartamentos de três dormitórios. É evidente que a viabilidade econômica reflete a possibilidade de morar melhor, e isso cria de forma oculta uma hierarquização entre os blocos. Acredito que uma família de cinco pessoas que divide um apartamento de um

dormitório possui uma liberdade econômica bem distinta da de A., por exemplo, que mora sozinha em um apartamento de três dormitórios.

Essas questões econômicas acabam sendo materializadas através da arquitetura. É claro que, como apontou O., o valor do condomínio é por si só um importante marcador econômico de habitantes, mas é visível que, dentro do local, existe uma hierarquia relacionada aos blocos. A questão da garagem também evidencia isso, já que, após a aquisição de um terreno, as pessoas puderam construir e adquirir mais garagens. Cheguei a ouvir relatos como o de F., que comprou um lote capaz de abrigar três carros. É visível, portanto, que a necessidade e a disponibilidade econômica dessa moradora é superior à relatada por T., que alugava sua garagem a outro morador para ter uma renda extra.

Muito já discuti aqui sobre as diferentes formas de habitar e sobre a heterogeneidade do morar, de modo que quero, agora, discutir especificamente a ascensão social através da moradia. Qual de nós não gostaria de morar em uma casa maior? Morar em uma casa maior não é uma forma de melhorar de vida? Como abordado anteriormente, a casa maior possibilita, inclusive, espaços mais específicos, como um escritório, sala de televisão ou leitura. O local que moramos informa sobre nossa situação financeira, representa o nosso lugar na sociedade, situa-nos no que Gilberto Velho (1989) define como posição na estratificação social. Dessa forma, morar em um determinado bairro remete a determinada condição social e financeira. Morar no centro ou em bairros nobres pode representar o desejo de melhoria de vida ou uma ascensão social.

Velho (1989, p. 80), no bairro de Copacabana, observou uma hierarquia de bairros, na qual “o indivíduo que se deslocou de Juiz de Fora para São Cristóvão, daí para a Tijuca e finalmente para Copacabana ‘melhorou de vida’.” Eu, através das narrativas e da análise das construções do Ana Terra, pude observar isso dentro do próprio residencial aqui estudado.

O Ana Terra permite, às inquilinas e aos inquilinos, uma possibilidade de ascender socialmente mesmo dentro do residencial. É possível morar no condomínio e, também, morar ainda melhor, isso por conta das diferenças entre os blocos. O caso da moradora A. e do morador L. representa isso de forma muito simples: ambos começaram morando em apartamentos de um dormitório no Ana Terra, mas, atualmente, ocupam apartamentos de três dormitórios.

Essas mudanças permitiram a ambos, por exemplo, utilizar um desses dormitórios para uma nova configuração: o escritório. Além disso, eles não precisaram sair de um residencial no centro da cidade para alcançar essa melhoria.

No caso de Copacabana, Velho (1989, p. 82) sugere que “as pessoas mudam de estrato quando mudam de bairro”. No Ana Terra, isso ocorre internamente, no centro da cidade de Pelotas. Ainda para o autor, “o fato é que a mobilidade residencial desempenha um papel fundamental para a constituição de uma imagem da sociedade, em que as pessoas circulam entre os diferentes estratos espacialmente localizados.” (VELHO, 1989, p. 82). Assim, A. e L. construíram uma imagem de melhoria de vida, de qualidade de moradia ao mudarem-se de um apartamento menor, com menos cômodos, para apartamentos maiores, com mais cômodos e, nesses casos, com uma entrada de serviço e uma dependência de empregada completa. Ambos os interlocutores ascenderam socialmente dentro do residencial, e A. ainda vai se mudar para um condomínio de alto padrão nos Altos do Laranjal.

As reformas também configuram uma forma de ascensão social dentro do condomínio, pois permitem a construção de elementos que diferenciam um apartamento dos demais do mesmo bloco. F., por exemplo, conta com uma parede de vidro em sua suíte que não consta na planta original do residencial. A forração dos apartamentos, em geral, foi substituída, e, voltando à interlocutora F., destaco que ela instalou a tubulação para aquecimento a gás. Essas pequenas reformas vão construindo também particularidades e hierarquias, o que também pode ser observado nas garagens, que vão ficando cada vez mais elaboradas com o objetivo de sanar necessidades não satisfeitas dentro das residências.

Considerações finais

Acredito que este estudo colabore para a Arquitetura e Urbanismo ao permitir que se compreenda melhor diversas formas de habitar um condomínio com diferentes propostas residenciais e possibilidade de ascensão social. O trabalho buscou destacar a responsabilidade social da arquitetura considerando, como aponta Silveira (2020, p. 131), que “o planejador urbano, arquiteto/a e urbanista, não tem resposta para tudo. O que se planejou há um tempo, já se transformou.” Também procura divulgar e disponibilizar o conhecimento e a produção acadêmica à sociedade através de uma linguagem acessível e que aponta para saberes e vivências plurais.

Pensando sobre a realização de pesquisa em contexto pandêmico, destaco que, quando eu estava escrevendo o projeto para ingressar no mestrado e, depois, a qualificação, os relatos recebidos variaram em modo e intensidade. No início da pandemia, as pessoas queriam conversar, abrir suas cozinhas, havendo interlocutoras e interlocutores que mandaram vídeos, outros que enviaram áudios ou mensagens do texto, e vários que chegaram a se comunicar por mais de uma forma. Depois de um tempo, porém, os relatos passaram a ser mais breves, inclusive, no questionário online. Após a qualificação, com o novo recorte do trabalho, precisei realizar novas entrevistas e comecei a perceber que as pessoas estavam cansadas das entrevistas e pesquisas remotas. Foi muito mais difícil conseguir entrar em contato com as pessoas, e o fato de as atividades remotas estarem suspensas também pode ter influenciado nesse processo.

Saliento, ainda, que o meio digital é por si só um filtro do público que este trabalho alcançou, mas é também uma excelente ferramenta para alcançar pessoas. Considero que, sem essa ferramenta, este trabalho não seria possível, em virtude da pandemia e da limitada disponibilidade de verba para a realização da pesquisa de campo.

Visando atender ao **objetivo específico A) Identificar no projeto arquitetônico do condomínio Ana Terra, em Pelotas, e na narrativa de sua arquiteta, a maneira de vivenciar o espaço proposta a moradoras e moradores**, analisei o projeto do residencial e a entrevista com a arquiteta que o planejou. Essa análise permitiu observar que o Ana Terra tem blocos diversos, destinados a diferentes públicos. Tanto os espaços íntimos quanto os coletivos

informavam às pessoas como esse espaço deveria ser habitado. Os apartamentos de um quarto, por exemplo, seriam destinados a duas pessoas no máximo; já os apartamentos maiores e mais completos, como os do Bloco B, que contam três quartos – um deles, uma suíte –, além de dependência completa de empregada, eram destinados às pessoas com maior poder aquisitivo.

Para responder ao **objetivo específico B) Identificar as diferentes formas de morar das pessoas moradoras e as transformações que elas vão realizando ao longo do tempo, reconhecendo se elas ocorrem por viabilidade econômica ou por necessidade**, analisei seis entrevistas com pessoas que moram ou moraram no residencial e as transformações que realizaram em seus apartamentos. A partir disso, evidenciei que o espaço nem sempre é ocupado como planejado.

Algumas das narrativas aqui abordadas demonstraram isso, por exemplo, por meio de apartamentos de um quarto sendo ocupados por até cinco pessoas e da reconfiguração das salas, possibilitando o surgimento de outro dormitório. O contrário também foi evidenciado, como nos casos dos dormitórios que viraram escritório, demonstrando as reconfigurações feitas por moradoras e moradores de acordo com suas demandas particulares. Isso evidencia que as transformações ocorrem tanto por necessidade como por disponibilidade econômica. Nesse sentido, a interlocutora A., em julho de 2023, afirmou que:

Nos apartamentos de três dormitórios costumam quebrar a parede entre a sala e o dormitório e ampliar a sala, que é muito pequena, para fazer sala de jantar e de estar. Outros abrem uma porta da dependência de empregada para a sala e fazem a sala de jantar. Já vi de tudo por aqui.

O Residencial Ana Terra foi planejado para atender a diversos grupos, de indivíduos de forma isolada a grandes famílias, possibilitando ascensão social dentro do próprio condomínio.

Já para responder ao **objetivo específico C) Compreender como o residencial foi vendido, para que público foi pensado e como foi se reconfigurando ao longo dos anos**, pesquisei anúncios publicitários, na Bibliotheca Pública Pelotense, e referenciais bibliográficos relacionados ao período de atuação do BNH. A pesquisa conseguiu evidenciar diferentes

configurações de apartamento por meio dos anúncios publicitários. Esse processo das vendas anunciadas no jornal também informa sobre o público para o qual o empreendimento estava sendo pensado, uma vez que o jornal da época era pago. Além disso, o marketing evidenciava todas as inovações e possibilidades do residencial, atraindo assim compradores.

Ao longo de toda a construção do texto aqui apresentado, buscou-se também atender os **objetivos específicos D) Propor reflexões pautadas na interdisciplinaridade, com o intuito de contribuir com uma arquitetura mais social/humana, que se aproxime das pessoas, das suas realidades e necessidades e E) Evidenciar a importância dos trabalhos que relacionem diferentes áreas do conhecimento**. Nesse sentido, o trabalho foi constituído com base em um método antropológico: a etnografia, debatendo conceitos da área como ascensão social e campo de possibilidades dos indivíduos. O estudo dos anúncios evidencia, ainda, a importante colaboração da História, através da pesquisa de documentos.

A fim de sanar o objetivo específico **F) Analisar a relação entre moradoras e moradores e suas cozinhas, além da possibilidade de ascensão social dentro do residencial**, analisei, através das plantas do residencial, das narrativas, da minha visita de campo e das reformas realizadas por habitantes, a relação de moradoras e moradores com suas residências, em especial com as cozinhas, e a possibilidade de ascensão social dentro do residencial.

É preciso destacar que nem sempre moradoras e moradores ascenderam socialmente dentro do residencial, e tampouco essa ascensão estava inserida no campo de possibilidades de todos, isso porque o projeto de vida não era o mesmo para todo habitante do condomínio, e algumas pessoas, por exemplo, ascenderam socialmente justamente ao ir para o Ana Terra. Nesse sentido, alguns tiveram nesse condomínio o acesso à moradia própria, sem conseguir desfrutar de espaços sociais, como a piscina, por inadimplência. Essas variações ocorriam em função dos projetos de vida e dos campos de possibilidades de cada ocupante.

A dependência de empregada perdeu sua funcionalidade original e, em geral, é usada como despensa ou escritório. As garagens, que inicialmente eram abertas, passaram e, ainda passam, por um processo de fechamento, em alguns

casos, tornando-se um espaço mais íntimo com a construção de churrasqueiras, fogões a lenha etc. Esse movimento está diretamente ligado a uma cozinha, em geral, destinada aos homens, um espaço que extrapola a funcionalidade e representa também uma área de lazer.

Outro movimento interessante é a chegada e saída de idosos. Por um lado, observei as filhas trazendo os pais para o residencial com o intuito de prestar uma melhor assistência à saúde deles. Já por outro lado, observei moradoras como a interlocutora A., que é idosa, deixando o Ana Terra ao considerar fatores como a ausência de elevador.

A presença das crianças é descrita de forma distinta por interlocutoras e interlocutores. No dia da minha visita, não avistei qualquer criança nos espaços coletivos, no entanto, era um dia de semana, em horário de turno escolar. O. descreve o condomínio hoje como um condomínio de terceira idade, mas, como citado acima, idosos chegam e saem do condomínio, ou para estarem mais próximos da família ou em busca de maior acessibilidade. De fato, dentro dos blocos, a acessibilidade é complicada, e só se tem acesso aos apartamentos através das escadas, o que dificulta não só o cotidiano de pessoas idosas, mas de qualquer pessoa com dificuldades de mobilidade, como cadeirantes, bebês em carrinho, pessoas que precisam utilizar andador etc.

“A arquitetura pode ser usada como um meio efetivo para controlar e disciplinar o indivíduo.” (ZARANKIN, 2001, p. 45-46). Tal característica faz dela uma tecnologia de poder, capaz de induzir de forma discreta e naturalizada as ações humanas. Através da materialidade, a arquitetura dita comportamentos, condiciona formas de ser e fazer e, como faz isso de maneira silenciosa, parece imperceptível. Além disso, através da materialidade, a arquitetura representa a condição financeira do habitante de uma residência.

Através da materialidade, são evidenciadas também as diferentes formas de habitar, o que fica claro na reconfiguração dos espaços físicos, nas reformas, nas construções de novos espaços. Dentro disso, as cozinhas constituíram um excelente cenário de análise. As primeiras cozinhas aqui abordadas, bem como as do Ana Terra, tanto as que estão dentro dos apartamentos, quanto as construídas nas garagens, permitiram evidenciar a heterogeneidade do morar. Essas reformas, e também as construções nas garagens, representam ainda

que o projeto não atendeu e ainda hoje não atende a novas demandas de moradoras e moradores.

No entanto, no projeto, os apartamentos são setorizados. Mesmo assim, um entrevistado relatou ter aberto a parede que dividia a sala e a cozinha, criando assim um espaço integrado. Já outra entrevistada relatou que ela e as colegas de apartamento utilizavam a sala como quarto por um período. A dependência de empregada, de forma geral, perdeu a sua funcionalidade, dando lugar a escritórios e despensas, demonstrando que a setorização nem sempre funciona como definida pelos profissionais de arquitetura.

A questão da segurança, que engloba portaria 24 horas, presença dos funcionários no prédio e câmeras de segurança, foi bastante citada nas entrevistas. O fato é que as pessoas consideram essa espécie de proteção um fator importante para a moradia. Destaco os aparatos de distanciamento entre aquelas que estão do lado de dentro do muro e as demais pessoas, nesse sentido, o afastamento, o controle e segregação são entendidos como formas de garantir a segurança.

Assim, dentro de uma proposta multidisciplinar, que busca entender a relação entre o planejado e o vivo, o residencial Ana Terra constituiu uma alternativa que abrange diversas representações econômicas e sociais e que possibilita internamente a ascensão social. Essa possibilidade pode ser observada na variação dos apartamentos, considerando o número de quartos, na possibilidade de ter uma suíte ou dependência completa de empregada, no acesso a elementos demarcadores de status, como piscina, ou na construção de garagens, exemplificada na aquisição de outro terreno para esse fim.

O residencial ainda revela práticas não projetadas arquitetonicamente, como contemplamos nas histórias compartilhadas por moradoras e moradores. Garagens que se tornam extensões da cozinha, apartamentos de um dormitório ocupados por até cinco pessoas e que se contrapõem à experiência de algumas moradoras, que ocupam ou ocuparam de forma individual um apartamento de três dormitórios.

Além disso, o local também apresenta um perfil de ocupação muito variado. Algumas famílias têm mais de uma geração morando ali, mas uma parte significativa das pessoas são estudantes de passagem. Imerso em tanta diversidade e variedade de gente e de espaço, o residencial segue reinventando-

se e em transformação, o que pôde ser observado nas obras de manutenção ou na reforma da fachada, que abandonou as grades e deu lugar aos vidros temperados.

Ao analisar os relatos, podemos observar que, em diversos momentos, aconteceram intensas rupturas com o projeto, não necessariamente ligadas a uma reforma, mas mudanças funcionais, por exemplo, quando uma sala se torna um quarto extra. Isso sugere que existe, sim, uma distância entre o que é planejado e o que é vivido, pois o morar é heterogêneo e envolve questões que vão além do espaço físico construído. É isso que intento destacar para a pessoa profissional de arquitetura. Diversos grupos estão presentes no residencial, estudantes, idosos, famílias pequenas e famílias grandes, cada grupo com as suas necessidades e desejos, e seria interessante que essas pessoas fossem ouvidas e suas demandas consideradas, de forma que permitisse projetos mais maleáveis.

Não menos importante é evidenciar o papel das mulheres neste trabalho. Nesse sentido, este estudo é sobre um residencial que carrega o nome de uma mulher, planejado por uma arquiteta, habitado por muitas mulheres e que está sendo estudado por uma arqueóloga. Vejamos a relevância do papel de diferentes mulheres nessa história.

A análise ainda ganha mais força no âmbito interdisciplinar, quando diversas áreas do conhecimento são relacionadas, proporcionando não só uma análise mais completa e abrangente, como uma arquitetura mais engajada com as pessoas e com a sociedade, articulando uma preocupação com diferentes grupos e diferentes formas de habitar e ocupar a cidade.

Este trabalho representa uma tentativa – uma proposta colaborativa – de demonstrar que o método etnográfico pode ser utilizado como uma importante ferramenta na compreensão de contextos diversos, como de planejamento, construção e habitação. Ao morar no Ana Terra, a pessoa acessava mais do que uma moradia. Elementos como a garagem, a piscina, a quadra e o salão de festas também devem ser considerados importantes, pois são marcadores de status para pessoas que antes não tinham acesso a esses recursos, que sequer habitavam o campo de possibilidades desses indivíduos.

Com a possibilidade de financiamento, diversos grupos passaram a poder ocupar um espaço como esse residencial, no centro da cidade. No entanto, toda

essa materialidade é ambígua, pois, ao mesmo tempo que ela constrói uma identidade de grupo, de “moradoras e moradores do Ana Terra”, ela hierarquiza através das diferenças entre os blocos e de espaços individualizados, que vão sendo construídos nas garagens. Vejamos como é importante que esse debate seja realizado exatamente aqui na Arquitetura, porque é essa área que, desde o planejamento, constrói e alimenta os campos de possibilidades e materializa não só residências, que são itens de primeira necessidade, mas também constrói diferenciações, superficialidades, hierarquizações e desigualdades.

Essa herança do modernismo, a busca por espaços privados e íntimos, segregando pessoas e possibilidades, somada ao fato de que a forma não é imutável, assumindo vida própria e sendo um resultado físico momentâneo, que muda de acordo não só com o poder aquisitivo, mas também com as necessidades, evidencia grupos de classes econômicas distintas ocupando o mesmo espaço. Isso instiga ainda mais quem possui liberdade financeira a se distanciar dos demais.

A arquitetura possibilita essas marcações sociais, e isso é muito evidente quando pensamos em contextos distintos, mas quero aqui salientar que isso também acontece dentro de um mesmo muro. Pela arquitetura consegue-se condicionar o habitar de forma sutil, seja em uma garagem fechada ou em uma área de serviço bem definida. Tanto dentro como fora dos blocos, cada pessoa sabe o seu espaço e a funcionalidade de cada ambiente. O cercamento da piscina, para uso somente de quem está em dia com o condomínio, é um outro exemplo disso. São pequenas construções físicas que segregam, diferenciam, marcam o lugar, a possibilidade e a experiência de cada habitar.

Acredito que este trabalho está longe de esgotar o debate sobre planejamento e vivências, necessidades, angústias, ineficiências, transformações etc. dentro do Residencial Ana Terra. Como disse no início deste texto, as perguntas me interessavam muito mais do que as respostas. No entanto, esta pesquisa buscou possibilitar um debate interdisciplinar que colaborasse com a arquitetura na hora de planejar moradias, em especial, condomínios que abriguem tantas residências, com um público tão diversificado como o do Ana Terra.

Por fim, aproveito este espaço para considerar a relevância deste trabalho não só para minha formação acadêmica, mas também para a arquitetura.

Pretendo, a partir desta pesquisa, escrever e publicar artigos acadêmicos que continuem a contribuir com esse debate. Como exemplos de temas a serem desenvolvidos em artigos, destaco a ampliação do debate sobre a relação do condomínio com a cidade e as enchentes, que foram mencionadas nas entrevistas. Além disso, também pretendo apresentar os dados mais específicos da pesquisa inicial sobre cozinhas, que não foram aprofundados neste texto.

Referências

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ALFONSO, L. P. **Arqueologia e turismo: sustentabilidade e inclusão social**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALVES, A. C. P. L.; BORGES, D. G. Análise evolutiva dos espaços de serviço nas habitações multifamiliares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 19284-19335, 2021.

ANTUNES, L. P. S. G. A arquitetura nunca mais será a mesma: considerações sobre gênero e espaço(s). **Revista Urbana**, v. 7, n. 2, 2015, p.02-23. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ARCHTRENDS PORTOBELLO. **Entenda o que é a Arquitetura Moderna e quais são suas influências**. 2017. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/arquitetura-moderna>. Acesso em: 8 abr. 2022.

BARBOSA, A. G. O marketing imobiliário à luz da estética da mercadoria. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/7BwcPhwRTbK6rjGT3Qm37sS/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BORTOLUZZI, D. A. *et al.* Aspectos do endividamento das famílias brasileiras no período de 2011-2014. **Perspectiva**, Erechim, v. 39, n. 146, p. 111-123, 2015.

Referências

BRYSON, B. **Em casa**: uma breve história da vida doméstica. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CAU-BR. Mercado consumidor de serviços de Arquitetura e Urbanismo cresceu mais de 40% desde 2015. 2022. Disponível em: <https://www.cau.br.gov.br/pesquisa2022/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CERTEAU, M.; GIARD, L. Mensagem por Michel de Certeau e Luce Giard. *In*: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 332-342.

CHIARELLI, L. M. A. **habitação social em Pelotas (1987 – 2010)**: influências das políticas públicas na promoção de conjuntos habitacionais. 2014. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

COLQUHOUN, A. **Modernidade e tradição clássica**: ensaios sobre a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA ARQUITETURA MODERNA (CIAM). **Carta de Atenas**. 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

CORREIA, T. de B. Arquitetura e ambiente: a noção de adaptabilidade ao meio no discurso modernista. **PosFAUUSP**, São Paulo, n. 25, p. 134-150, 2009.

COSTA, A. Arquitetura e propaganda: o marketing na produção imobiliária por incorporação. **PosFAUUSP**, São Paulo, n. 15, p. 76-96, 2004.

COSWIG, M. T.; ANAPOLSKI, A.; MEDVEDOVSKI, N. S. Avaliação pós-ocupação do PAR Porto – Pelotas, RS: ênfase na percepção de segurança dos usuários. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO; WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DO

PROCESSO DE PROJETO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS, 9., 2009, São Carlos, **Anais...** São Carlos: Universidade de São Paulo, 2009. p. 865-875.

DAMASCENO, J. *et al.* As cidades da antropologia: entrevista com Michel Agier. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 811-842, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/37397/40426>. Acesso em: 17 jul. 2023.

DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELUCA, G.; OLIVEIRA, S. R.; CHIESA, C. D. Projeto e Metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, pp. 458-476, Jul./Ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2016140080>.

FERRAZ, F. G. Cidade e familialismo: por uma arqueo-genealogia do urbanismo no Brasil. **Revista Online Vitruvius**, v. 21, 2020. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.244/7874>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

FRACALOSSI, I. **Origens de uma arquitetura moderna brasileira**. 2011. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-16500/origens-de-uma-arquitetura-moderna-brasileira>. Acesso em: 25 jun. 2023.

GALESI, R.; CAMPOS NETO, C. M. Modernismo e urbanidade: os pioneiros da moradia vertical em São Paulo. *In*: SEMINÁRIO DOCOMONO, 6., 2005, Niterói. **Anais...**, Campina Grande: Docomono, 2005. p. 1-20. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/Rene-Galesi-Candido-Malta-Campos-Neto.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GICOVATE, G. M. V. “Lugar de mulher é na cozinha”: biopolítica nas cozinhas paulistanas (1883-1941). **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 13, n. 42, p. 259-280, 2020.

GUERRAND, R. H. Espaços privados. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia de Bolso, 2009. 302-387.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

KOPPER, M. “Minha Casa, Minha Vida”: experts, sentidos de classe e a invenção do “mercado” da casa própria no Brasil contemporâneo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 45, p. 185-215, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/VYPbsVjMf68fhjD8F5XFrcf/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

LARA, F. L. C. Modernismo popular: elogio ou imitação?. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 171-184, 2005.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: 34, 1994.

LEMOS, C. A. C. O que é Arquitetura. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MENDES, R. B.; CAMPOS, N. V. O conjunto habitacional IAPC: origens do modernismo em Teresina. *In*: SEMINÁRIO DOCOMONO BRASIL, 13., 2019, Salvador. **Anais...** Campina Grande: Docomomo, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/110950.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Notas sobre a pandemia:** como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MORIN, E. **O método 1:** a natureza da natureza. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NASCIMENTO, D. M. A arquitetura como procedimento e o diagrama como seu instrumento de projeto. *In: PROJETAR: PROCESSOS DE PROJETO TEORIAS E PRÁTICAS*, 5., 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EAUFMG, 2011. p. 1-14.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PASSETTI, D. V. Colagem: arte e antropologia. **Ponto-e-vírgula**, n. 1, p. 11-24, 2007.

PEIRANO, M. G. S. A favor de la etnografia. *In: GRIMSON, A.; RIBEIRO, G. L.; SERMÁN, P. La antropologia brasileña contemporânea: contribuciones para um diálogo latino-americano*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2004. p. 323- 356.

PENA, F. G.; SARAIVA, L. A. S. “A mulher na cozinha” e “o homem na cozinha”: um estudo de evocação de palavras. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS*, 5., 2018, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais, 2018. p. 1-6.

_____. Resignificação, consumos e silêncios da cozinha doméstica. **Revista Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 26, n. 90, p. 558-578, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/tDqVgrYJYrGJL7XvWfrPRNw/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PERROT, M. Conclusão. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia de Bolso, 2009a. p. 569-573.

_____. Funções da família. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia de Bolso, 2009b. p.107-169.

_____. Introdução. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia de Bolso, 2009c. p. 7-13.

_____. Maneiras de morar. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia de Bolso, 2009d. p. 284-302.

REIS, M. S. A casa e seus setores na arquitetura moderna brasileira: de Warchavchik às escolas carioca e paulista na década de 1950. *In*: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 13., 2019, Salvador. **Anais...** Campina Grande: Docomomo, 2019. p. 1-20.

RODRIGUES, M. B. “**A vida é um jogo para quem tem ancas**”: uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

RUBIN, G. R. Movimento Moderno e habitação social no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 57–71, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/view/10772>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **Ontogênese e filogênese do gênero**: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. 2009. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/saffioti/ano/mes/43.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SALLUM JR, B.; GOULART, J. O. O Estado brasileiro contemporâneo: liberalização econômica, política e sociedade nos governos FHC e Lula. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 24, n. 60, p. 115-135, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/gm9cMMBGJTPsfndG7gwxqwF/?lang=pt> Acesso em: 17 jul. 2023.

SANTANA, S. T. A. M. Culinária sul-baiana: mulher e diversidade cultural. **Revista Urutágua**, Maringá, v. 13, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/013/13santana.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

SILVEIRA, M. M. da. **Territorialidades em disputa**: normativas e narrativas do Passo dos Negros em Pelotas/RS. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

STROETER, J. R. **Arquitetura e teorias**. São Paulo: Nobel, 1986.

PEREIRA, F. F. A arquitetura feminina: o cotidiano e os ambientes residenciais nas villas e casas de catálogo em Pelotas-RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

_____. Estilo de vida e modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

VESPUCCI, G.; SABOYA, R. Do quarto de empregada à varanda gourmet: plantas de apartamento em Florianópolis (1954-2008). **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 305-322, 2020.

Referências

ZACAR, C. R. H.; SANTOS, M. R. O cozinhar *gourmet* como prática marcada pelo gênero no design de interiores domésticos em exibição na Casa Cor Paraná. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2021. p. 1-12.

ZARANKIN, A. **Paredes que domesticam**: arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires. 2001. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

Apêndices

Apêndice A – Sinopse das/os entrevistadas/os

Interlocutora A.

Moradora do Residencial Ana Terra desde 1994. Inicialmente, morou em um apartamento de um quarto, localizado no Bloco A; depois, mudou-se para um apartamento de três quartos no Bloco D. Mora sozinha e possui garagem. A entrevista foi realizada por videochamada.

Interlocutora C.

Arquiteta do Residencial Ana Terra, trabalhou na empresa Cinco Construções, responsável pela construção do condomínio. A entrevista foi realizada por videochamada.

Interlocutora F.

Moradora do Residencial Ana Terra desde 2007, vive no maior bloco do condomínio, o Bloco B, que conta com três quartos, sendo um deles suíte. Mora com o marido e a filha e possui garagem. A entrevista foi realizada por videochamada.

Interlocutor L.

Morador do Residencial Ana Terra desde 2003, viveu sozinho em um apartamento de um quarto; depois, passou a dividir o mesmo apartamento com a irmã, e, depois, a irmã mudou-se, e ele passou a dividir o apartamento com a esposa. Em 2014, o casal mudou-se para um apartamento de três quartos, onde atualmente moram com a filha, possuindo garagem. A entrevista foi realizada por videochamada.

Interlocutor O.

Morador do Residencial Ana Terra desde 2007, vive em um apartamento de um quarto no primeiro bloco, chamado de bloco do platô ou bloco zero. Mora com a sua esposa, possui garagem e há onze anos é o síndico do condomínio. A entrevista foi realizada presencialmente, no apartamento do interlocutor.

Interlocutora S.

A interlocutora morou de aluguel no Residencial Ana Terra entre 2013 e 2016, vivendo sozinha em um apartamento de três quartos que contava com garagem. A entrevista foi realizada por videochamada.

Interlocutora T.

A interlocutora morou de aluguel do Residencial Ana Terra, entre 2004 e 2010, em um apartamento de um quarto, no Bloco F. Ela chegou a compartilhar o espaço com cinco pessoas simultaneamente, mas destacou que, na maior parte do tempo, eram três pessoas dividindo o espaço. O apartamento possuía garagem. A entrevista foi realizada por videochamada.

Anexos

Anexo A – Fotos das cópias do projeto arquitetônico do Residencial Ana Terra



CINCO – Construção, Indústria e Comércio Ltda.

OBRA: CONJUNTO RESIDENCIAL ANA TERRA

PROJETO: REDE ELÉTRICA E ILUMINAÇÃO PÚBLICA

CONSTRUÇÃO: CINCO CONSTRUÇÃO INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA E

CONSTRUTORA F. N. CARVALHO INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA

LOCAL: PRAÇA 20 DE SETEMBRO Nº 904

MUNICÍPIO: PELOTAS, RS

PL. 487/82 S.M.U.M.A.
D.C. URB

MEMORIAL DESCRITIVO

ARQUIVO

1. GENERALIDADES:

Este projeto complementa a infraestrutura de atendimento de energia / elétrica e iluminação pública para o Conjunto Residencial Ana Terra.

O Conjunto é constituído por oito (8) blocos residenciais, independentes, totalizando 224 unidades, áreas de circulação, de lazer passivo e / ativo, de utilização comunitária, unidade para zelador e estação para abastecimento de água.

2. ORIENTAÇÃO DE PROJETO

O projeto considera o Conjunto Residencial como constituído por unidades independentes servidas por infraestruturas urbanas e comunitárias, estas com administração própria. São consideradas como pertencentes a administração pública todo o abastecimento através de redes de distribuição (água e energia elétrica-iluminação).

3. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

A derivação da rede elétrica em 13,8KV será feita a partir da rede existente, com mesma tensão, no prolongamento da Avenida Duque de Cax

Para esta derivação serão instalados poste de concreto 11/200, cruzetas de madeira, chave fusíveis, para raio com classe de 15KV e com padrões de qualidade e de montagem segundo as normas técnicas e especificações da CEEE.

As subestações serão em via pública, em poste de concreto 11/ equipamentos de comando e proteção compatíveis c/ as tensões e potências da mesma, conforme normas técnicas da concessionária:

3.1 Subestação nº1, 112,5KVA, 13,8KV - 380/220V - 60 Hz

Carga Demandada:

Bloco A: 55.735 W

Bloco B: 55.735 W

Iluminação pública: 750 W

Reservatório: 5.000 W

Total 117.220 W



CINCO - Construção, Indústria e Comércio Ltda.

3.2 Subestação nº2, 75KVA, 13,8KV - 380/220V - 60 Hz

Carga Demandada:

Bloco C: 55.735 W

Bloco D: 36.100 W

Iluminação pública: 750 W

Zelador: 1.000 W

Central de comando: 3.500 W

Total 97.085 W

3.3 Subestação nº3, 75KVA, 13,8KV - 380/220V - 60 Hz

Carga Demandada:

Bloco F: 55.735 W

Bloco E: 36.100 W

Iluminação pública: 1.750 W

Total 94.705 W

3.4 Subestação nº4, 112,5KVA, 13,8KV - 380/220V - 60Hz

Carga Demandada:

Bloco G: 55.735 W

Bloco H: 55.735 W

Iluminação pública: 750 W

Total 112.220 W

4. REDE DE B.T. E RAMAIS DE SERVIÇO

A rede de B.T. em condutor de alumínio sem alma de aço com bitola especificada em planta serve os trechos ou zonas de consumidores distribuídos estes por subestações. A rede aérea tem tensão de 380/220 V.

Os ramais de serviços serão aéreos e subterrâneos. Os ramais subterrâneos serão com condutores singelos com isolamento para 1KV, tendo como terminais de derivação mufas a base de resina epoxi. Estes ramais serão protegidos junto ao poste com eletroduto de ferro galvanizado de 3". tubulação subterrânea também será com duto de 3" do tipo manilha de vitrificada.

Os ramais, aéreos, de serviço serão em alumínio com isolamento a prova de tempo, com bitola mínima 8AWG.

5. INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS

As instalações elétricas prediais seguem as prescrições de instalações até 1000V. As medições serão em grupo para os blocos e individuais para as outras instalações. Todas as instalações de medidores seguem as recomendações do RIC.

6. SISTEMA DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA



CINCO - Construção, Indústria e Comércio Ltda.

elétrica de 1000W-220V. As luminárias serão montadas nos postes por brachadeiras de ferro galvanizada. As luminárias deverão ficar a 7m acima da superfície do solo. A medição da iluminação pública será pelo mesmo sistema adotado para a iluminação urbana.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto proposto segue as normas técnicas brasileiras NB-79, PB5410 e NB-57 e prescrições da CEEE.

Os materiais e o padrão de execução dos serviços deverão seguir as mesmas prescrições e estarem sujeitas a fiscalização da concessionária.

Qualquer divergência entre memorial e plantas prevalece o estabelecido pelo primeiro.

Pelotas, 10 de maio de 1983.

CINCO CONSTRUÇÃO F. N. CARDOSO

IDEI IORSCHIN
Eng. Civil - CREA - 10000 - 10000